

# ESCRITA

Ano IV N.º 28

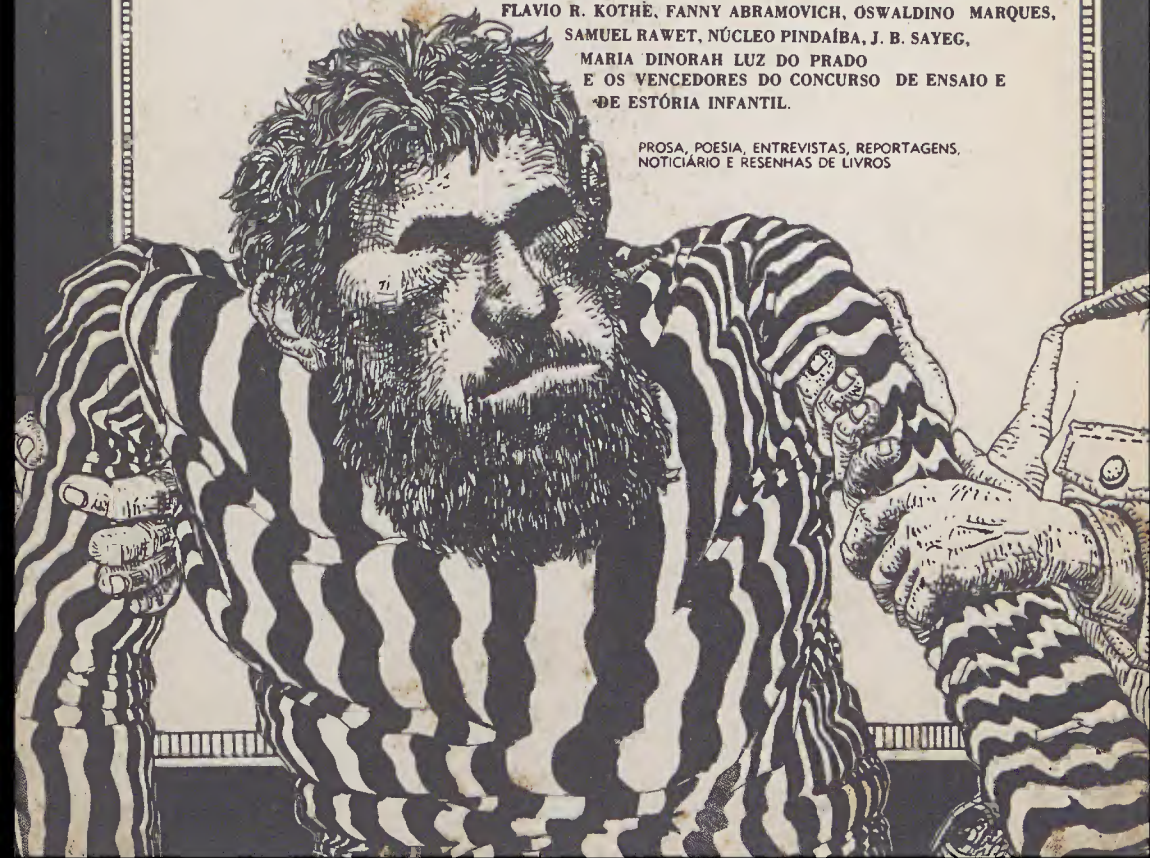
Revista de Literatura

## O LOUCO DO CATI— um romance sobre perseguição política

## HIROITO, O DELINQUENTE QUE NÃO DÁ MAIS TIRO A POESIA DAS MULHERES DA VIDA

E MAIS: HENRY KUTTNER; PAULO LEMINSKI, FLAVIO AGUIAR,  
FLAVIO R. KOTHÉ, FANNY ABRAMOVICH, OSWALDINO MARQUES,  
SAMUEL RAWET, NÚCLEO PINDAÍBA, J. B. SAYEG,  
MARIA DINORAH LUZ DO PRADO  
E OS VENCEDORES DO CONCURSO DE ENSAIO E  
DE ESTÓRIA INFANTIL.

PROSA, POESIA, ENTREVISTAS, REPORTAGENS,  
NOTICIÁRIO E RESENHAS DE LIVROS



## ASSINATURAS DE PUBLICAÇÕES DA VERTENTE

Assinale com X o(s) título(s) de sua preferência:

- ( ) Escrita anual (seis números) sem direito a  
números atrasados ..... Cr\$ 250,00
- ( ) Escrita/Ensaio anual (seis números) sem direito  
a números atrasados ..... Cr\$ 250,00

Favor preencher o quadro abaixo:

Nome: .....

Endereço: .....

Cidade: ..... CEP .....

Sigla do Estado .....

- ( ) Segue cheque visado para
- ( ) Segue vale postal para

**Vertente Editora Ltda.**

Rua Dr. Homem de Melo, 446 - Fone: 864-0074  
05007 - São Paulo (SP)



# ESCRITA

Ano IV N.º 28

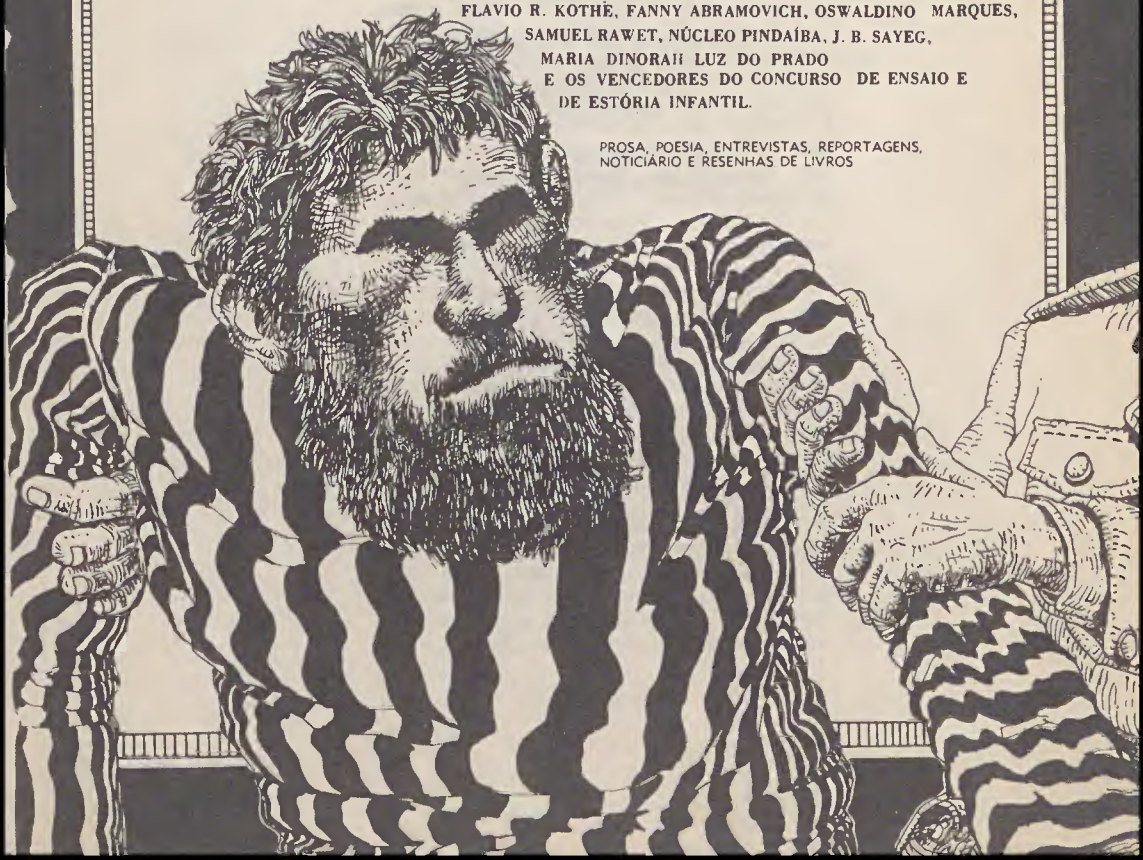
Revista de Literatura

## O LOUCO DO CATI— um romance sobre perseguição política

## HIROITO, O DELINQUENTE QUE NÃO DÁ MAIS TIRO A POESIA DAS MULHERES DA VIDA

E MAIS: HENRY KUTTNER; PAULO LEMINSKI, FLAVIO AGUIAR,  
FLAVIO R. KOTHÉ, FANNY ABRAMOVICH, OSWALDINO MARQUES,  
SAMUEL RAWET, NÚCLEO PINDAÍBA, J. B. SAYEG,  
MARIA DINORAH LUZ DO PRADO  
E OS VENCEDORES DO CONCURSO DE ENSAIO E  
DE ESTÓRIA INFANTIL.

PROSA, POESIA, ENTREVISTAS, REPORTAGENS,  
NOTICIÁRIO E RESENHAS DE LIVROS



Editor  
Wladyr Nader

Conselho Editorial  
Astolfo Araújo  
Hamilton Trevisan  
José Américo Mikas

Arte  
Cláudio Morato (capa)  
Mari, Deco (ilustrações)  
Equipe Escrita  
(diagramação)

Colaboram neste número  
Dennis Toledo, Maria  
José Arrojo,  
Camilo D'Angelo Braz,  
Nilson Yamauti,  
Maria Teresa Ribeiro,  
Cecília Bonamine

Assinatura por 6 números  
(com cheque visado  
ou vale postal)  
Cr\$ 250,00

Composição  
Linotipadora Relâmpago Ltda.

Direitos reservados à  
Vertente Editora Ltda.  
Rua Dr. Homem de Melo, 446  
Fones: 864-0074 e 62-3699  
05007 - São Paulo (SP)

Registro na D.C.D.P.  
do D.P.F.  
sob n.º 1464 - P. 209/73



## PAUTA

*Valeu  
SD 1979*

Voltamos à carga oito meses depois do n.º 27 com a mesma disposição e confiança que caracterizaram os primeiros dois anos e meio desta revista. Nesse longo espaço de tempo algumas publicações morreram ou deixaram de circular com regularidade porque jogaram tudo com vistas num mercado crescente mas ainda impalpável. Escrita parou para pensar porque, além dos problemas de distribuição — que começaram a aparecer a todo momento — enfrentou também o de uma queda sensível de vendas. A revista passou a ser aceita quase que exclusivamente em consignação e no máximo em 30% das livrarias. Já em São Paulo e Belo Horizonte também se manteve em bancas, sem o resultado esperado.

Uma outra questão surgiu e de maneira premente: um mês entre um número e outro não era suficiente para a leitura da revista, que levava de 10 a 15 dias para chegar a todos os cantos do país. Como a distribuição em livrarias é normalmente mais lenta, muitas vezes entre um número e outro o leitor tinha apenas uma semana. Nas escolas e faculdades o mesmo problema: mal o professor acabava de comprar o exemplar para examiná-lo e destacar para suas turmas os assuntos de interesse, Escrita saía das livrarias e bancas para dar lugar ao número seguinte.

Pensando em tudo isso é que decidimos reduzir o tamanho da revista e tirar, a partir de 1979, seis números por ano: em março, abril, agosto, setembro e outubro. Por sua vez, Escrita/Ensaio sairá em março, maio, julho, agosto, outubro e novembro. Essas serão as tiragens habituais mas sempre que julgarmos oportuno publicaremos números especiais das duas revistas. Por outro lado, para complementar o trabalho de distribuição, resolvemos criar um setor de Agentes de Vendas, espalhados por todo o Brasil: qualquer uma das revistas — que custam agora, por motivos óbvios, Cr\$ 50,00 cada — pode ser pedida por reembolso nas seguintes condições: mínimo de cinco exemplares, com 30% de desconto e despesas de correio por nossa conta.

*Assim, estudantes, jornalheiros, livreiros não atingidos por nossa distribuição normal, sindicatos, associações, grupos, movimentos, etc. — que acreditem na importância dos dois veículos de informação — poderão colaborar diretamente conosco.*

*O leitor novo e o autor novo — nossos principais alvos — podem ter desde já a certeza de que Escrita continuará como trincheira da cultura brasileira. Por isso contamos com seu apoio, que, aliás, nunca faltou.*

●

*Osman Lins morreu dia 8 de julho. Perdemos todos um grande escritor e um amigo. A cultura brasileira está de luto: era um grande soldado contra a alienação e a hipocrisia.*

●

*Foi levantada oficialmente a censura aos jornais Movimento, O São Paulo e Tribuna da Imprensa. Continuemos alerta. (WN)*

PROSA

*O LOUCO DO CATI*

fragmento

*Dyonélio Machado*

Se nossa crítica fosse mais presente e atenta, Dyonélio Machado teria um lugar de destaque indiscutível na literatura brasileira — principalmente por este livro que a Vertente lança, em 2.<sup>a</sup> edição, este mês. A afirmação é de Flávio Moreira da Costa, apresentador deste romance surgido em 1942 e até agora praticamente ignorado pelo público leitor. Lembra FMC que “O Louco do Cati” só não passou em brancas nuvens porque houve críticas a respeito: em geral, negativas. “No começo da década de 40 o gaúcho Dyonélio Machado, depois de uma experiência no mínimo traumatizante durante o Estado Novo, caiu doente. Considerando-se desenganado (além de escritor e político, era médico e psiquiatra), ele passou a ditar os capítulos curtos que comporiam este inquietante ‘O Louco do Cati’ — talvez o único romance da nossa literatura ‘não-escrito’, o que, naturalmente, reflete em seu estilo. Mas que mistérios tem ‘O Louco do Cati’? — pergunta Flávio Moreira da Costa, que justifica: além de estar, como concepção, descontração e linguagem, muitos anos à frente das possíveis orientações críticas da época, há outros fatores: “um personagem meio absurdo vivendo — ou sendo vivido — num universo absurdo mas nem por isso menos real: o Brasil do Estado Novo. A linguagem vai do coloquial da época, passando por situações — quase aquarelas sociais — que só não se pode dizer que lembram Beckett porque existe a História como pano de fundo (além de Beckett não ter ainda, em 42, aparecido internacionalmente).” E FMC acrescenta: “Precursor em vários níveis, não é só por isso, no entanto, que o ‘O Louco do Cati’ se impõe: ele é o romance brasileiro da ditadura (de Vargas, poderia ser de outro); o grande romance latino-americano da perseguição e da prisão política.” Pg. 10

*PROBLEMA DE CASA*

*Henry Kuttner*

Este é o segundo conto da antologia “Timeless Stories for Today and Tomorrow” que separamos para os nossos leitores. Ela foi lançada em 1952 pela Bantam e a seleção coube ao hoje famoso Ray Bradbury. “Problema de Casa” (“Housing Problem”) foi publicado originalmente na edição de outubro de 1944 da Charm Magazine. “Estas estórias”, dizia Bradbury falando dos trabalhos que selecionara, “por mostrarem a irrealidade da realidade, além de divertirem, nos colocam diante de nosso precário estado de equilíbrio.” Pg. 18

POESIA

*MULHERES DA VIDA*

*Ana Maria Pedreira Franco de Castro, Eunice Arruda,*

*Glória Perez, Isabel Câmara, Leila Miccolis,*

*Many Tabacnik, Maria Amélia Mello,*

*Norma Bengell, Réca Poletti, Socorro Trindad*

O trabalho de 10 mulheres, coerentes na vida e na obra, na prática e na teoria,



aparece num livro lançado em novembro pela Vertente: trata-se de "Mulheres da Vida", coletânea de poemas de tom feminista mas antes de tudo preocupados com preconceitos de toda espécie. Ana Maria já teve dois segundos lugares em concursos — Escrita e Remington — mas não tem ainda obra publicada. Eunice tem cinco livros editados e já se apresentou em teatro. "Sem Pão Nem Circo" é o título do único volume publicado pela carioca Glória Perez, enquanto Isabel Câmara tem atuado no teatro, na televisão e no cinema (recentemente fez com Ana Carolina os diálogos do filme "Mar de Rosas"). A organizadora da antologia, Leila Miccolis, tem lançado livros, colaborado na imprensa alternativa e trabalhado como advogada. Só Many Tabacnik não nasceu no Brasil (é peruana), o que não a impede de ver seus poemas, com frequência, em coletâneas e em jornais e revistas nânicos. Maria Amélia Mello, editora do Suplemento (literário) da Tribuna da Imprensa, colabora no Jornal do Brasil, no Correio do Povo, em O Popular, de Goiás, na Escrita, na Ficção e na Vozes e lançou o livro "Compasso de Espera", de poemas, em 73. A atriz Norma Bengell afirma que sua participação no livro é o prosseguimento de uma luta pela emancipação da mulher na arte. Réca Poletti ganhou em 17 de novembro o I Concurso Escrita de Poesia Falada, promovido pela Livraria Escrita, em sua sede, rua Dr. Homem de Melo, 446, Perdizes, São Paulo. E Socorro Trindade teve lançada, pela Ática, sua coletânea de contos "Cada Cabeça uma Sentença" e organizou uma outra, com várias autoras, para a Codecri, intitulada "Filhas da Mãe". Pg. 31

#### PERMISSIVO AMOR

J. B. Sayeg

J. B. Sayeg, 44 anos, advogado, autor de poemas apenas publicados em revistas e jornais, só agora decidiu lançar um livro, "Permissivo Amor", de que extraímos o poema do mesmo nome. Pg. 39

#### O PINTO FAMINTO COLAR DE VIDRO

Flávio Aguiar

Autor de "Ora pro Nobis" (novela), "Sol" (poemas) e "Os Homens Precários" (ensaio sobre o teatro de Qorpo Santo), Flávio Aguiar, que comparece com dois poemas, é docente da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de São Paulo. Pg. 45

#### DOIS POEMAS

Paulo Leminski

O paranaense Paulo Leminski, 34 anos, romancista, poeta e um dos poucos espíritos polêmicos da literatura brasileira, reaparece em Escrita com dois poemas inéditos. Veja também, nas páginas 55 a 58, seu depoimento sobre poesia e conto. Pg. 51

### TEORIA

#### SOBRE POESIA E CONTO

Paulo Leminski

De vez em quando o panorama cultural curitibano é sacudido pelo romancista e poeta Paulo Leminski, sempre capaz de dizer certas coisas e expressar opiniões. Inquieto e contestador, Leminski é ainda um dos editores do belo suplemento A Raposa, do Diário do Paraná, e colaborador do semanário Pólo Cultural, dirigido por Reynaldo Jardim. Pg. 55



## IMPOTENTES EPIGRAMAS ANTROPOFÁGICOS

Flávio R. Kothe

Flávio R. Kothe, também paranaense, ensaísta e professor universitário, trocou recentemente Brasília por São Paulo, onde dá aula na PUC. Seus epigramas têm a irreverência que às vezes falta aos que trabalham com literatura. Pg. 59

## COMO É VISTA A CRIANÇA NA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA

Fanny Abramovich

Da leitura de cerca de 100 publicações dirigidas ao público infantil, Fanny Abramovich, colaboradora do Jornal da Tarde, de São Paulo, faz algumas observações interessantes sobre nossos autores: em geral eles apresentam a criança como incompetente; os meninos, mais aventureiros, acabam tendo incriveis arrependimentos; e as meninas são verdadeiras "mulherzinhas", indecisas, inseguras, dependentes, ordeiras, limpas, pacatas e obedientes. Pg. 61

## AS JUNQUEIRADAS DO IVAN

Oswaldino Marques

Também o professor Oswaldino Marques, da Universidade de Brasília, parte para a polêmica: a matéria é um desabafo a propósito de artigo publicado por Ivan Junqueira sobre seu livro de poemas "A Dançarina e o Horizonte", Civilização Brasileira, 1977. Pg. 71

## BÊNI SOIT QUI MAL Y PENSE

Samuel Rawet

Em recente viagem pela América Latina, o contista e ensaísta Samuel Rawet — de que a Vertente está lançando "Angústia e Conhecimento" — encontrou um companheiro inesperado: o livro "Cenário no Averso", de Sábato Magaldi, crítico, professor, jornalista e atual secretário de Educação do Município de São Paulo. Pg. 75

## A V BIENAL DO LIVRO E A LITERATURA INFANTIL

Maria Dinorah Luz do Prado

Autora de livros infantis e professora no Rio Grande do Sul, Maria Dinorah apresentou durante a V Bienal Internacional do Livro, realizada em agosto no Parque Ibirapuera, em São Paulo, uma comunicação que o artigo aqui reproduziu resume. Sua conclusão é triste: mais despreparados que os alunos são os próprios professores. Pg. 79

## SERVIÇO

### A NOVA ARMA DE HIROITO

Entrevista a Dennis Toledo,  
Hamilton Trevisan e Wladyr Nader

O ex-delinquente Hiroito de Moraes Joanides, antigo rei da Boca do Lixo em São Paulo, resolveu trocar o revólver pela palavra. Autor de um best-seller, transformou-se também em distribuidor de livros e roteirista de cinema. Pg. 85

### DE MÃO EM MÃO

Uma entrevista com os integrantes  
do Núcleo Pindaíba. Por eles próprios.

Roniwalter Jatobá, Ulisses Tavares, Arnaldo Xavier e Aristides Klafke criaram uma editora que nada tem de comercial mas esgota tiragens de três mil exemplares em poucos meses. Pg. 95

## OS VENCEDORES DO CONCURSO DE ENSAIO E DE ESTÓRIA INFANTIL

Jaime Rodrigues e Vilma Arêas são os vencedores da segunda fase do Concurso promovido em 1977 por esta revista. César Marrano Piovani levantou o prêmio de poesia. Nas categorias de romance e conto não houve vencedores. Pg. 101

### LIVROS Resenhas

Resenhas de alguns dos principais livros lançados nos últimos meses. Pg. 106

### INFORMAÇÃO

Dados sobre concursos, notas e informações diversas na pg. 122 em diante.

## Vamos parar com essa mania de sô ler autor consagrado?



### APRENDIZ DE FEITICEIRO Luís Gonzaga Vieira

O autor, reconhecido como um dos mais importantes de sua geração, tem oito livros de ficção escritos e apenas este publicado. Ao invés de comprar outro best-seller, compre APRENDIZ DE FEITICEIRO (314 pp.) e ajude mais um escritor brasileiro a enfrentar com dignidade a luta pelo direito de ser editado, divulgado e lido.

Pedidos ao autor, Luís Gonzaga Vieira, rua Anchleta, 19/401, Leme, Rio de Janeiro, RJ, por vale postal ou ordem de pagamento ao Banco Nacional (Agência Princesa Isabel), no valor de Cr\$ 25,00.

### ZOVOS Sebastião Nunes

Quarto livro de um poeta que insiste em remar contra a corrente. Intrigante, provocante, irônico, ZOVOS mistura texto, fotografia e desenho, buscando atingir a gema de nossa miséria sócio/cultural. Uma poesia de crise/crítica feita para ser vista num país onde ninguém lê poesia.

### sebastião nunes ZOVOS

NOVELA METAFÍSICO/SENTIMENTAL  
TRATADO MÍSTICO/PARANÓICO  
ENSAIO AFRODISÍACO/PATOLÓGICO  
POEMA LUDICÓ-CONFIGURACIONAL

Pedidos ao autor, Sebastião Geraldo Nunes, rua Cândido Mendes, 263/302, Glória, Rio de Janeiro, RJ, por vale postal ou ordem de pagamento ao Banco Itaú (Agência 380, Glória), no valor de Cr\$ 25,00.



# PROSA





## O LOUCO DO CATI

fragmento

*Dionélio Machado*

### NO ESCURO

O chefe do presídio (um homem baixo, com uma ferida rebelde na perna) tinha também o seu princípio. Era o seguinte: para desordeiro — prisão sem luz e sem vício. Isso importava em meter o pessoal num quarto escuro, sem cigarro.

Norberto teve um choque, quando viu aquela porta fechada com grades e um soldado de baioneta calada montando guarda. (Em Araranguá, eles haviam estado numa sala; coisa camarada). O maluco chegou-se mais para perto dele, encolhido. Aventurou a medo:

— Isto não será o Cati?

Norberto teve uma reação brusca:

— Deixa de ser bobo.

Os seus olhares não se despegavam da porta gradeada e da sua sentinela.

O sargento que os acompanhava meteu a chave no cadeado. Foi um barulho cristalino de ferros, em cascata (da corrente que se desprendia). Depois, o rangido mais rouco da porta. Já pelo lado de dentro (ela abria para um corredor) divisavam-se sombras. — Os dois presos foram metidos aí.

No fundo dessa galeria era o Vê-Cê. Uma pequena janela em escama dava um pouco de luz, que coava para o interior através uma porta de vidro granitado. À direita, logo a alguns passos da entrada, existia uma porta lateral. Ainda havia uma segunda porta mais adiante, no mesmo lado, mas estava condenada. Eles foram conduzidos pela primeira porta a um salão de uns oito metros de comprimento. Devia dar para a rua (era no sobrado), porque as frinchas dos tampos fechados das janelas deixavam surdir uns fios de luz, — que ficavam todo turvos com a poeira do ar que eles atravessavam e iluminavam.

Na semi-obscuridade Norberto enxergou algumas camas, e sentados aqui e ali sobre elas, alguns vultos.

A pretexto de privá-los dos fósforos (que tinham sido interditados, conjuntamente com objetos metálicos, tais como garrafa térmica etc.), a esse pretexto, arrebataram-lhes também os cigarros. O maluco deu algum trabalho aos guardas, porque não atinava onde é que os havia metido. Depois de muita busca foi que se viu que ele, desde o Quintão, no Rio Grande do Sul, estava sem cigarros. Houve risos.

— O senhor parece que é um tanto trocista — observou-lhe, severamente, o sargento.

— Muito. Vocês vão ver — informou Norberto, baixo, aos companheiros.

Os guardas abalaram. Fechou-se novamente a porta gradeada (outra vez a mesma escala musical e cristalina da corrente, deslizando nos ferros). Ficaram só os presos. Com os recém-chegados, eram, ao todo, sete. Gente barbuda, as faces muito brancas, tanto quanto Norberto podia observar dentro da penumbra. Houve auto-apresentações. Perguntas. Por fim, indicaram-se os lugares onde os novatos se deveriam alojar. Um dos veteranos prontificou-se a reclamar os colchões e as cobertas. — Porque às vezes *eles* se esqueciam.



Quando tudo havia sido convenientemente disposto, fez-se uma roda, tendo por centro Norberto. Um dos presos foi espiar no corredor. A sentinela, lá longe, ia e vinha (era dentro duma saleta, servindo de hall). Tudo aquilo ali constituía o cassino dos oficiais, transformado em xadrez.

O sujeito que fora espiar, veio tranqüilizando:

— Tudo limpo à vista.

Bem. Então Norberto fez o seu relato. Relato número dois. Era uma longa narrativa. A narrativa da sua estadia no estrangeiro, no Rio da Prata.

### A LUTA

Norberto defrontava-se com um problema sério. Chegava a levantar um olhar de recriminação aberta àquele camarada magro, todo ossos, todo nervuras que propusera a coisa e que já a ia levando para diante. E pensava. Não sabia como resolver o caso. A negativa pura e simples era-lhe difícil, numa situação daquelas. Mas aderir — quanta complicação!

— Vocês já pensaram em tudo? — Fez a pergunta erguendo um pouco a face para o sujeito magro. Norberto estava sentado na cama. O outro esperava a sua decisão de pé, hirto.

— Em tudo — respondeu, seco.

Com tamanho senso de previsão só matando. Era a opinião de Norberto, o qual, entretanto, se limitou a desviar os olhos e continuar na sua meditação.

Por fim achou uma solução: adeririam provisoriamente, ele e o companheiro. No decorrer da coisa tomariam uma posição definida. A “coisa” era um jejum prolongado, de protesto, — uma greve de fome.

— Ficam como observadores — interpretou o sujeito hirto — observadores ativos.

— Justo — confirmou Norberto.

Ativos?... — O maluco punha o focinho no ar, procurando o sentido daquela tarefa. — Que é que teriam então de fazer?...

— Só não comer — esclareceu-lhe Norberto, secamente. E ainda ficou matutando, sentado na cama.

Um jejum daqueles — explicava o sujeito magro — oferecia dois aspectos: um jejum a prazo fixo e uma greve mesmo. Greve *até o fim*.

— O que é isto: *até o fim*?

— Até a morte. — E depois de um momento:

— Ou até a vitória integral do nosso plano de reivindicações.

— Pomba... Mas sempre há uma alternativa.

Discutiu-se muito. Finalmente a greve foi posta em votação. O indivíduo magro, mesmo donde estava, percorria com o dedo os votantes, — sombras esqueléticas, emboladas em cima das camas, no escuro.

— Até o fim!

— Até o fim...

— Escute: eu explico...

Era uma defecção. Novos argumentos. Depois, a colheita de votos que se reatava:

— Eu não entro nisto. Não contem comigo. Não é este o meu gênero de luta — vociferou um deles, erguendo-se e fazendo o propósito de se afastar, ir para o corredor. O rapaz magro suspendeu-se.

— Qual o gênero então que o amigo aconselha para a emergência? — indagou ele, calmo e frio.

— Nenhum! Não contem comigo para coisa alguma! — e saiu, irado.

— E você? — perguntou o rapaz a um preso que estava acamado desde que Norberto entrara naquele alojamento. Era um indivíduo esquelético. Tinha a voz muito rouca. — “Laringe” — já havia diagnosticado Norberto.

— Até o fim — sussurrou o doente. A face fria do outro encheu-se duma cor arroxeada, que Norberto que estava perto, chegou a distinguir; o seu olhar

ficou velado. Sentia-se que uma prega, em qualquer parte do seu peito, dava-lhe um nó...

— Talvez, companheiro, não seja necessário um sacrifício tão grande — disse ele, afagando-lhe as cobertas: — havemos de vencer.

O maluco dirigia o focinho indagador e comovido para os lados de Norberto, — que logo esclareceu por que é que se estava lutando:

— Para irem lá para fora, onde há luz. E botar aqui dentro, no escuro, os outros. Por enquanto, foram estes últimos que venceram. Você deve estar vendo bem.

### UM DIA TRISTE

O jejum já ia em três dias, quando houve uma mudança radical na situação de Norberto e do companheiro. Na véspera, havia-se operado uma certa alteração ali: tinham aberto a porta até então condenada (ela dava para uma peça menor) e colocado lá os dois defeccionistas. (Dois foram os que furaram a greve.) Mas agora o fato que se anunciava com Norberto e o companheiro, era de uma natureza diferente. Talvez mais grave.

— Aprontem-se para sair — ordenara-lhes o sargento.

Sair? Norberto já possuía a esta altura uma boa experiência, para dar todo o valor afetivo a esta palavra.

— Sair para onde?

O sargento encolheu os ombros. Não sabia.

— Pergunte a ele se você deve levar a bagagem — sugeriu-lhe o sujeito doente, num sopro. — Assim você fica sabendo se é para sair mesmo.

— Mas eu não tenho bagagem — declarou Norberto.

— É o diabo, então — e o doente afundou-se outra vez na cama, esgotado.

Norberto estava nervoso (era decerto da fraqueza). Atava os sapatos com dedos frios. Pôs o casaco. Queria ver como estava o cabelo. Mas não havia espelho ali. Chegou-se a uma das janelas fechadas, em cujas vidraças se refletiu vagamente a sua cara:

— Santo Deus! como estou com a barba...

(Ela crescera um pouco, na verdade.)

O maluco já estava pronto. Tinha o boné de brim, com pala verde, enfiado na cabeça.

— Espere! — fez-lhe Norberto precipitadamente. — Tire isso. Ponha o meu chapéu. — E depois de pensar um momento: — Eu tenho mais jeito de andar sem chapéu do que você. Deixe isso — e arrebatou-lhe o boné — como lembrança aqui aos amigos.

Ele mesmo enfiou o seu chapéu na cabeça do outro. Ficava grande. Entrava até as orelhas, as quais dobravam para fora, sob a pressão das abas, como duas asas.

Durante todos os tempos da operação o maluco guardava uma cara quieta, — como têm as crianças quando as mães lhes experimentam roupas.

Só ao chegar em baixo, no pátio, é que Norberto teve uma semi-visão do que lhes ia ocorrer; porque um carro fechado, de ferro, um "tintureiro", os esperava.

Mudança de presídio — concluiu.

Subiram para o "tintureiro", cuja porta foi fechada com um cadeado. Aquilo ali dentro abrasava. Depois ele se pôs em movimento. Para onde os destinariam? Como a cidade lhe era desconhecida, não pôde aventar nenhuma teoria plausível.

O automóvel corria num calçamento de granito, que os sacudia numa trepidação de média amplitude.

Norberto pensou em fumar. (Claro que haviam escondido cigarros e fósforos.) Mas desde o dia anterior que o seu estômago, colado nas costas, não

tolerava nem mais uma tragada. E depois, estava com o coração rápido. Um gosto horrível na boca. — Nem fome mais sentia. Só dores. Dores nas costas.

(Os companheiros de prisão lá ficavam, roídos também pela fome, na meia-treva do alojamento. . . O sujeito doente — morreria? No último momento fariam a sua remoção para uma enfermaria.)

A cidade não é grande. Do presídio ao porto vai pouca coisa. Logo o caminhão esbarrou no cais. Uma escolta levou-os para bordo. Era um navio misto. Navio pequeno. Foram metidos num estreito camarote de porão, porão de popa. Tinha apenas dois beliches. — E imediatamente foram fechados à chave, por fora.

— Você enjoa? — perguntou Norberto ao companheiro.

Ele lhe respondeu qualquer coisa.

— Enjoa sim. Em todo o caso — continuou o outro — convém você ficar neste beliche de baixo. Eu vou para cima. E vou agora mesmo, porque não agüento mais.

A primeira refeição deles foi um acontecimento.

— Estão enjoando — observou um dos membros da escolta, divertindo-se.

Decerto era. Mas Norberto tinha a impressão de que aquela náusea subita, à primeira ingestão do alimento, devia ser fraqueza do estômago, originada pelo jejum.

Lembrou-se subitamente duma observação do rapaz que guiara o *Borboleta*: “— Se essa volta no estômago dá outra vez nele (no pobre do maluco)”. . . Como estava distante — aquilo! — Norberto via-os desaparecendo atrás dos cômodos, como através uns bastidores, — o Leo fechando a marcha, assobiando, uma lata com gasolina no ombro. — Já pareciam transparentes, vagos como espectros. . .

Era, ali no navio, aquele, um dia triste.

### AVENTURA INESPERADA

Norberto quis tirar aquelas barbas: a sua e a do companheiro. A porta do camarote talvez fosse aberta dentro de pouco, para a limpeza. Às sete horas da manhã (viajavam já desde a véspera, à noite), às sete horas, tinham sido levados ao refeitório da “segunda”, para tomar café, tal como se havia feito no dia anterior para o jantar. Sentavam todos, os presos e o pessoal da escolta, numa das duas mesas do refeitório. A outra não era utilizada.

Agora, porém, Norberto observava que apenas ele e o companheiro se serviam. Mas não estavam sós. Contudo, diminuía muito a sua guarda pessoal, pois só os acompanhavam dois funcionários da polícia (dois civis), dos cinco investigadores, duas praças e um sargento que compunham o seu séquito. — Os homens da polícia, sentados defronte, enquanto eles faziam a refeição, conversavam e fumavam. Só fumavam charutos.

Ali no camarote, depois do café, Norberto pensava em deitar abaixo aquelas barbas. Era na frente do espelho, passando a mão sobre o rosto, que fazia o seu projeto. O maluco também estava necessitando da mesma operação. Norberto olhou para o seu lado: lá estava ele estendido no beliche, de barriga para cima, as mãos inerentes, o olhar sonhador, profundo, como diante dum horizonte infinito. Norberto reparou bem: ele dirigia o olhar para um dos cantos do estreito camarote. Fosse se entender esse camarada.

As horas passavam e nada do camaroteiro. Pelo corredor, para além da porta fechada por fora, transitava gente, ouviam-se vozes. Às vezes era uma risada. No costado do navio — um rumor de água, de água fendida, água rasgada. Uma trepidação vinha de baixo, monótona. — Por muito tempo, um reflexo do sol no mar, e que entrava pela escotilha, ficou bailando na parede oposta do camarote. Até que se sumiu.

O empregado da faxina não vinha mesmo. E aquilo ali já estava sujo. Ao menos o vaso precisava ser tirado.

Esquentava cada vez mais. O camarote tinha um cheiro característico — fino, mas mesmo assim nauseante. Norberto recorreu a um cigarro.

O estômago já estava em ordem outra vez.

Mas, refletia, deitado também no seu beliche, embalado lateralmente pelo jogo do navio (os beliches eram dispostos em sentido transversal); mas, ia pensando, que é que teria esse camaroteiro, que não aparecia? Queria mandar por ele um recado, um recado sobre a barba, para o chefe da escolta... Nisso, Norberto teve um pulo no leito. Sentou-se. Havia compreendido: — A incommunicabilidade!

Julgou importante dar aviso do fato. Curvou-se. Meteu a cabeça para fora. Veio inclinando-a para baixo, até o ponto de intercessão daquele olhar do maluco. Disse-lhe dum jato:

— Estamos incomunicáveis!

Reindireitou-se. Depois se espichou de novo, de barriga para o ar.

Mas isso — ponderou — nada influía sobre a decisão de deitar fora as suas barbas. Procuraria falar com o chefe. Embora tivesse de esperar até a hora do almoço.

Por ocasião do almoço também, Norberto notou que a guarda se achava desfalcada: faltava um dos civis, um rapaz novo. Os dois investigadores dos charutos (que haviam supervisionado o café da manhã) estavam sentados juntos, mesmo defronte deles, e conversavam, a meia voz.

— Que queira ir a negócio, compreende-se! — dizia o mais moço. Era um rapaz moreno, tinha o rosto comprido. O outro era mais velhusco. — É o meu caso. Creio que é também o de você. (O outro teve uma afirmação com a cabeça). Mas incorporar-se a uma diligência dessas só para ir farrear, é que me dana!

— Não tem perdão.

O velhusco respondia, mesmo sem interromper a operação do almoço. E depois de um momento:

— Ele hoje não apareceu por aqui?

— Quem? o Malmann?

Ele.

— Ajeitou-se na “primeira”. Isso eu já previa. — O rapaz de rosto comprido sorria com amargura. — Eu já previa, mesmo antes de embarcar.

Também ele.

O chefe não tinha instruções para um semelhante caso. Nem tudo pudera ser previsto.

— Mas era de esperar que uma barba crescesse. Não acha? — fez Norberto, com ar malandro.

Sim...

— É só a sua? — perguntou-lhe o chefe, pensativo.

— Não — respondeu o outro, a cara séria outra vez: — as duas estão crescidas.

Isto é que era pau.

— Mas por quê?

Ele não respondeu logo. Só depois:

— É que o outro ainda é considerado mais perigoso.

Por ocasião do jantar ele o abordaria de novo sobre aquele caso. Até lá não haviam de crescer desmesuradamente. E que crescessem...

Mas é que já estavam incomodando. Sobre tudo por causa do calor, que, ali no forno do camarote, aumentava a não poder mais.

Não queria, também, chegar no Rio assim. Porque era para o Rio que iam. Soubera-o nos primeiros instantes a bordo.

Deitou-se, a bem de esperar o escoar de todas aquelas horas. Mas foi bom que logo dormiu. Acordou já fazia quase escuro. O sargento abrira a porta, com muito barulho na fechadura.

Aprontaram-se logo. Foram outra vez levados por aquele corredor estreito. O refeitório tinha sempre o seu cheiro acre de interior de armário: entre adoçado e azedo. — Norberto engoliu uma pequena náusea.

Aliás, o mar cavara.

— É sempre assim, nesta altura — comentou um.

— Já passamos o cabo? — quis saber um dos policiais, um homem que arregalava, para tudo, um olhar redondo de curiosidade serena.

— Há que tempos. ;

— Então já estamos perto de Santos.

Já se estava.

E a conversa esfriou, porque começaram todos a comer.

— Claro que eu lhe dou uma solução — dizia o chefe a Norberto.

— Não há então barbearia a bordo?

Havia. Mas era na primeira classe. Como levar — argumentava o outro — como levar na primeira classe. Como levar — argumentava o outro — como levar dois homens que iam presos, à primeira classe? Já havia pensado em trazer o barbeiro para o refeitório, e, num canto improvisado, mandar raspar-lhes a cara. Mas dependia dele aceitar e do comissário de bordo consentir.

— E por que ele não vai no nosso camarote? — indagou Norberto.

— Ah! isso não: tenho ordem de manter os senhores incomunicáveis.

Mas... (Norberto obstinava-se, já um pouco enjoado com aquilo). Ele achava que tanto importava, quanto ao conceito de incomunicabilidade, cortar a barba num canto do refeitório, como metido no camarote ou então não apanhava bem o sentido da coisa.

— Ah! é complicado. — O outro teve o seu sorriso superior de orgulho profissional. Só mesmo nós, para pegar bem essa figura jurídica.

— É um segredo então da organização... — E Norberto se tocou para o camarote, seguido do soldado que o escoltava.

---

## Agentes de Vendas

**Preste um serviço à cultura brasileira**

**Seja nosso agente de vendas**

**em sua cidade, escola, faculdade ou local de trabalho.**

**Peça Escrita e/ou Escrita/Ensaio pelo reembolso**

**e se transforme em nosso distribuidor**

**Pedidos mínimos de 5 exemplares**

**com 30% de desconto e despesas de correio por nossa conta**

**Escreva para Vertente Editora Ltda.**

**Rua Dr. Homem de Melo, 446 - Fone: 864-0074**

**05007 - São Paulo (SP)**

---

Escolha aqui os  
**AUTORES BRASILEIROS**  
 que você vai ler



O SONHO DE DOM PORFÍRIO, romance de Silvio Fiorani Júnior - A TEIA DE ARANHA, contos de Álvaro Cardoso Gomes - OS LÁBIOS ÚMIDOS DE MARYLIN MONROE, contos de Luiz Fernando Emediato - ÀS MARGENS PLÁCIDAS, romance de Flávio Moreira da Costa e Roberto Grey - ESFINGES, contos de Francisco Maciel Silveira - CADA CABEÇA UMA SENTENÇA, contos de Socorro Trindad - AMANHÃ SÃO PERÓN, contos de Mário Jorge Lescano - NÃO AGÜENTO MAIS ESSE REGIME, contos de Luiz Puntel - O SAL DA TERRA, romance de Caio Porfírio Carneiro - A CASA DO GIRASSOL VERMELHO, CONTOS de Murilo Rubião.

Os autores brasileiros escrevem sobre gente como você,  
 sobre o país em que você vive.

*Coleção de Autores Brasileiros* da Ática:



editora ática

o retrato do Brasil através da literatura de hoje.





## PROBLEMA DE CASA

Henry Kuttner

tradução de Cecília Bonamine

Jacqueline disse que era um canário, mas eu sustentei que o que havia naquela gaiola coberta era um casal de periquitos. Um canário jamais faria tanto barulho. Além do mais, agradava-me a idéia de que o velho rabujento do Sr. Henchard criasse periquitos: isso não combinava nem um pouco com ele. Mas, seja lá o que for que nosso pensionista guardasse naquela gaiola perto da janela, ele o — ou os — escondia, enciumadamente, de olhos curiosos. A única pista que tínhamos eram os barulhos.

E que não eram fáceis de distinguir. Sob a capa de cretone que cobria a gaiola, ouvíamos sons como o rastejar de passos, chiados, estalos ocasionais e inexplicáveis e, uma vez ou outra, um baque mínimo que fazia a gaiola toda tremer sob o pedestal de madeira. O Sr. Henchard devia ter adivinhado que éramos curiosos. Mas, a única coisa que disse quando Jackie observou que era bom ter passarinhos em casa foi: — roga! Deixe aquela gaiola em paz, entendeu bem?

Ficamos um pouco furiosos com sua atitude; afinal não éramos xeretas e depois daquela bronca nos recusamos até a dar uma olhadela na capa de cretone da gaiola. Mesmo assim, não queríamos perder o Sr. Henchard porque era surpreendentemente difícil achar pensionistas naquela época. Nossa casinha ficava na estrada da costa; a cidade era uma dúzia de casas, uma venda, um depósito de bebidas, o correio e o restaurante do Terry. Isso era tudo. Todas as manhãs, Jackie e eu pegávamos o ônibus e íamos para o trabalho, que distava uma hora de casa. Ao voltarmos do trabalho, estávamos bastante cansados. Como não podíamos ter criados — os empregos de guerra pagavam bem melhor — nós dois tínhamos que fazer toda a limpeza da casa. Quanto à comida, os melhores fregueses do Terry éramos nós.

Nossos salários eram bons, mas antes da guerra tivemos algumas dívidas, de forma que precisávamos de uma graninha extra. E foi por essa razão que resolvemos alugar o quarto para o Sr. Henchard. Mas não era fácil conseguir um pensionista porque nossa casa ficava longe da estrada principal, o transporte era difícil e, além do mais, a costa era parcialmente obscurecida todas as noites. O Sr. Henchard parecia o pensionista ideal... Ele era, julgávamos, muito velho para se meter em encrencas.

Um dia, ele apareceu por lá e pagou um depósito. Depois voltou com uma mala enorme, dessas que se abrem ao meio, e uma outra de lona. Era um velhinho encurvado, o cabelo branco eriçado formando uma coroa no alto da cabeça, e tinha a cara do pai do Popeye, só que mais humana. E não era carrancudo, não, apenas rabujento. Eu achava que ele havia passado a maior parte da vida em cômodos mobiliados, cuidando das suas coisinhas e fumando inúmeros cigarros numa longa piteira preta. Entretanto, o Sr. Henchard não era daqueles velhos solitários que inevitavelmente davam pena na gente — longe disso! Ele não era pobre e era completamente auto-suficiente. Nós o amávamos. Uma vez eu o chamei de vovô, numa explosão de afeto, e minha pele arrepiou-se com suas observações posteriores.

Algumas pessoas nascem com uma estrela. Era o caso do Sr. Henchard. Ele vivia achando dinheiro na rua. As poucas vezes em que jogamos dados

ou pôquer ele tentou trapacear e consertava as coisas por acaso. Não era uma questão de saber jogar; ele era apenas sortudo.

Lembro-me de uma vez em que estávamos descendo a longa escada que liga o penhasco à praia. O Sr. Henchard chutou uma pedra num dos degraus e ela, caindo um pouco longe, entrou direto num lugar da escada onde a madeira estava completamente podre. Tínhamos quase certeza de que se o Sr. Henchard, que estava na nossa frente, pisasse naquela parte apodrecida, a escada inteira teria desabado.

Depois, houve também aquela vez em que tomei o ônibus com ele. Logo após subirmos, o motor parou; o motorista, então, encostou na guia. Um carro vinha em nossa direção pela estrada e enquanto parávamos um de seus pneus dianteiros furou, fazendo com que derrapasse na vala. Se não tivéssemos parado exatamente naquela hora, teríamos colidido de frente com o outro veículo. Nenhuma alma saiu ferida.

O Sr. Henchard não era um homem solitário; saía de dia, creio eu, e à noite ficava sentado perto da janela a maior parte do tempo. Sempre batíamos à porta antes de entrar para fazer a faxina e, algumas vezes, ele dizia "Espere um pouco". Daí escutávamos um som parecido com o roçar apressado de uma capa de cretone sendo colocada na gaiola. Ficávamos imaginando, então, que tipo de passarinho possuía e aventamos a possibilidade de uma fênix. A criatura jamais cantou; fazia barulhos. Suaves, estranhos, nem sempre semelhantes ao de um passarinho. Quando voltávamos para casa do trabalho, o Sr. Henchard estava sempre no quarto e continuava lá enquanto fazíamos a faxina. Nos fins-de-semana nunca saía.

Quanto à gaiola...

Numa noite, o Sr. Henchard saiu do quarto, enfiando um cigarro na piteira e procurou a gente.

— Mff — ele disse. — Escutem, eu tenho umas propriedades pra arrendar mais pro norte e ficarei fora uma semana mais ou menos, mas vou continuar pagando o aluguel.

— Ah, tá bem. — Jackie disse. — Podemos...

— Droga — rosnou — É o meu quarto. Fico com ele se quiser. O que é que vocês acham, hein?

Concordamos e ele fumou metade do cigarro numa tragada só.

— Hum-m. Bom, escutem aqui. Quando eu tinha meu carro, levava sempre a gaiola comigo. Mas, dessa vez, tenho de viajar de ônibus e não posso levar. Como vocês são muito boa gente — não são xeretas nem bisbilhoteiros — são gente sensata, resolvi deixar a gaiola aqui. Mas não se atrevam a tocar naquela capa!

— O canário — Jackie engoliu seco — vai morrer de fome.

— Cenário, hein? — disse o Sr. Henchard, fixando-a com um olhinho malévolo. — Não se preocupe. Deixei bastante comida e água. É só vocês não botarem suas mãozinhas nela. Podem limpar o quarto quando precisarem, mas não se atrevam a mexer na gaiola. Que é que vocês me dizem?

— Tudo certo. — eu respondi.

— Bom, lembrem-se do que eu disse. — falou.

Na noite seguinte, quando voltamos para casa, o Sr. Henchard já tinha partido. Fomos ao seu quarto. Pregado na capa de cretone havia um bilhete que dizia: "Lembrem-se!" Dentro da gaiola algo sussurrava e chiava. Depois ouvimos um estalido fraco.

— Pro diabo! — eu disse — Quer tomar banho primeiro?

— Quero. — disse Jackie.

*Chchchiio*, a gaiola fazia. Mas não eram asas. *Baque!*

Na noite do dia seguinte, eu disse: — Comida ele pode ter deixado bastante, mas aposto que a água já está acabando.

— Eddie! — Jackie replicou.

— Tá certo, sou curioso mesmo. Mas não me agrada nem um pouco a idéia de ver os passarinhos morrer de sede.

— O Sr. Henchard disse...

— Tá bem, tá bem. Vamos ao Terry ver como é que está a costeleta de carneiro.

Na outra noite — ah bom. Levantamos a capa. Ainda acho que estávamos mais preocupados que curiosos. Jackie disse que conheceu uma vez um homem que batia no canário dele.

— Você vai ver, a gente vai encontrar o coitadinho do bicho todo encolhidinho e acorrentado — observou ela, sacudindo a flanela de limpeza no peitoril da janela, atrás da gaiola. Desliguei o aspirador. Zzzzuunnnnee — trote-trote-trote-trote era o som debaixo do cretone.

— É, é isso mesmo. — eu disse. — Escute, Jackie, o Sr. Henchard tem toda razão, mas já está meio caduco. Esse passarinho, ou passarinhos, está morrendo de sede agora. Eu vou dar uma olhada.

— Não. Ah — tá bem. Mas, Eddie, nós dois vamos dividir a responsabilidade.

Estendi o braço para pegar a capa e Jackie, enfiando a cabeça debaixo do meu braço, colocou sua mão na minha.

Assim, levantamos um lado do pano. Lá dentro, alguma coisa chiava, só que, no instante em que tocamos o cretone, o som parou. Minha intenção era dar apenas uma olhadela rápida. Mas minha mão continuava levantando a capa. Via meu braço se movendo e não podia pará-lo: estava muito ocupado olhando.

Dentro da gaiola havia uma — bom, uma casinha. Parecia perfeita em cada detalhe. Uma casinha minúscula pintada de branco, com venezianas verdes — ornamentais, apenas — bastante moderna. Era o tipo de casa confortável e bem construída, que se vê constantemente nos subúrbios. As janelas minúsculas tinham cortinas de chita e estavam todas iluminadas no andar térreo. Na hora em que levantamos o pano, repentinamente elas escureceram. As luzes não se apagaram, apenas as cortinas foram puxadas bruscamente. Tudo aconteceu muito depressa. Nenhum de nós viu quem ou o que fechou as cortinas.

Tirei a mão da capa e recusei, puxando Jackie comigo.

— Uma casa de b-bonecas, Eddie?

— Com bonecos dentro?

Terei os olhos de Jackie e fixei-os na gaiola coberta — Será que... talvez... você acha... por acaso... treinar um canário para puxar cortinas?

— Ai, meu Deus! Eddie, escute.

Da gaiola vinham sons débeis. Chiados, estalidos quase inaudíveis e um barulho semelhante a um arranhar.

Dirigi-me resoluto à gaiola e arranquei-lhe o pano. Naquela hora estava preparado: fiquei observando as janelas. Contudo, as cortinas foram puxadas rapidamente no momento em que pisquei os olhos.

Jackie tocou meu braço e apontou. No telhado oblíquo havia um chaminé de miniatura; de lá saía um tênue fio de fumaça que subia e subia, mas era tão leve que não deu nem para sentir-lhe o cheiro.

— Os ca...canários estão co...cozinando — Jackie murmurou.

Ficamos parados lá mais um pouco, esperando qualquer coisa. Se um homenzinho verde surgisse pela porta da frente e nos concedesse três pedidos, não ficaríamos muito surpresos. Só que não aconteceu absolutamente nada.

Nenhum som, naquele momento, emanava da casinha da gaiola.

As cortinas continuavam puxadas. Percebi, então, que o negócio todo era uma obra-prima em detalhes. Na frente da varandinha havia um capacho minúsculo. E a porta tinha até uma campainha.

Ao contrário da maior parte das gaiolas, essa aqui não tinha fundo removível. Manchas de resina e de um metal cinza-escuro eram a prova de que algumas soldagens haviam sido feitas aqui e ali. A porta, por exemplo, não abria porque era soldada. Eu conseguia enfiar meu dedo indicador por entre as barras, mas o polegar era muito grosso.

— É uma gracinha de casa, não — Jackie disse, com a voz tremendo. — Eles devem ser uns *homenzinhos* tão...

— Homens?

— Bom — eu disse. Tirei a lapiseira do bolso e inserindo-a delicadamente por entre as barras da janela empurrei uma janela aberta. Do interior da casa algo como um facho minúsculo de uma lanterna de miniatura foi lançado em direção ao meu olho, cegando-me com sua luminosidade. No momento em que, resmungando, levantava a cabeça, ofuscado por aquela luz, ouvi a janela bater e a cortina fechar-se novamente.

— Viu o que aconteceu?

— Não, sua cabeça estava no caminho. Mas...

Quando olhamos, as luzes haviam apagado. Apenas a fumaça leve que, saindo da chaminé, desenhava rolos no ar, era o único indício de que algo estava acontecendo.

— O Sr. Henchard é um cientista louco — Jackie murmurou. — Ele encontra gente.

— Não sem um desintegrador de átomos — eu disse. — Todo cientista louco tem de ter um desintegrador pra fazer luz artificial.

Inseri novamente a lapiseira por entre as barras. Cuidadosamente fiz pontaria e apertei a campainha. O som dela era agudo e fraco.

Numa das janelas, perto da porta, a cortina foi impacientemente puxada de lado e algo provavelmente olhou para mim. Não sei; não fui rápido bastante para ver. As cortinas voltaram ao seu lugar e não houve mais nenhum movimento. Toquei a campainha até cansar. Então, parei.

— Podia desmontar a gaiola — disse eu.

— Ah, não! O Sr. Henchard...

— Bom, — disse eu — quando ele voltar vou perguntar para ele que diabo... Ele não pode criar duendes, não está no contrato.

— Ele não tem contrato — Jackie retrucou.

Examinei a casinha na gaiola. Nenhum som, nenhum movimento. Só a fumaça continuava a sair pela chaminé.

De mais a mais, não tínhamos o direito de arrombar a gaiola. Arrombamento? Tinha visões de homenzinhos verdes com asas, agitando cassetetes e prendendo-me por roubo e invasão de domicílio. Será que os duendes têm polícia? Que tipo de crimes...

Coloquei a capa de volta na gaiola. Pouco depois, começaram a surgir ruídos indistintos. Arranhar. Baque, Chiar, chiar, chiar. Estalo. Um gorjeio, bem diferente do de um passarinho, irrompeu e cessou repentinamente.

— Ai meus Deus — Jackie disse — vamos embora depressa.

Fomos direto para a cama. Sonhei com uma horda de homenzinhos verdes metidos em uniformes iguaizinhos aos dos guardas de Mack Senett, dançando num arco-íris desbotado e cantando alegremente.

O despertador me acordou. Tomei banho, fiz a barba e me troquei, pensando na mesma coisa que Jackie estava pensando. Ao colocarmos nossos casacos, meus olhos se encontraram com os dela e então eu disse: — Vamos lá?

— Vamos. Ai, credo, Eddie! Vo... você acha que eles estão indo trabalhar também?

— Que trabalho? perguntei irritado. — Pintar flores?

Nenhum ruído emanava da gaiola quando fomos, na pontinha dos pés, ao quarto do Sr. Henchard. A luz da manhã penetrava pela janela. Arranquei a capa da gaiola. Lá estava a casa. Uma das cortinas estava puxada; as outras estavam firmemente fechadas. Coloquei a minha cabeça bem perto da gaiola e olhei fixamente para dentro de uma janela aberta, cuja cortina de chita voava com a brisa.

Vi um olho enorme olhando para mim.

Jackie, nessa hora, pensou que minha hora tinha chegado.

No momento em que eu pulava assustado, gritando que tinha visto um olho vermelho horrível, que não era humano, Jackie ficou boquiaberta. Ficamos abraçados por um momento e, depois, olhamos de novo.

— Ah — eu disse com a voz fraca — É um espelho.

— Um *espelho*? — ela disse, ofegante.

— É, um enorme, na parede. É a única coisa que eu consigo ver. Não dá pra chegar mais perto da janela.

— Olhe na varanda — Jackie disse.

Olhei. Havia um litro de leite na porta — adivinhe só o tamanho dele. Era vermelho. Ao lado dele um selo de carta dobrado. — Leite vermelho? — disse eu — De vaca vermelha. Só se o litro é colorido. Eddie, aquilo é um jornal?

Era. Apertei os olhos a fim de ler o cabeçalho. A palavra EXTRA tomava a folha inteira, escrita em letras vermelhas de quase meio milímetro. EXTRA — FOTZPA VAI PARA TUR! Foi tudo o que deu para decifrar.

Delicadamente coloquei o pano de volta na gaiola. Enquanto esperávamos o ônibus, fomos ao Terry tomar o café da manhã.

Ao voltarmos para casa, naquela noite, sabíamos qual seria a primeira coisa que iríamos fazer. Entramos em casa, descobrimos que o Sr. Henchard não havia voltado, acendemos a luz do quarto dele e ficamos escutando os ruídos que provinham da gaiola.

— Música — Jackie disse.

O som estava tão baixo que mal pude ouvi-la mas, de qualquer forma, não era música verdadeira. Não dá nem para descrevê-la. Além disso, desapareceu imediatamente. Baque. Arranhar. Estalo. Buzina. Depois, o silêncio. Tirei a capa da gaiola.

A casa estava às escuras, as janelas fechadas e as cortinas puxadas. O jornal e o litro de leite não se encontravam mais na varanda. Na porta da frente havia um cartaz onde se lia — depois que fui buscar uma lente de aumento, é claro — QUARENTENA! FEBRE CONTAGIOSA!

— Ora, os mentirozinhos — eu disse. — Aposto que eles não estão com febre coisíssima nenhuma.

Jackie riu nervosamente. — Só se pega essa febre em abril, né?

— Em abril e no natal. É quando as moscas carregam o vírus. Onde está a minha lapiseira?

Toquei a campainha. A cortina foi puxada de lado e solta em seguida; nenhuma de nós viu a — mão? — que a puxou. Silêncio. Da chaminé não saía nem um pouco de fumaça.

— Assustada? — perguntei.

— Não. É gozado, mas não estou. Eles são uns homenzinhos muito orgulhosos. Só falam com os seus...

— Você quer dizer que os anõezinhos só falam com duendes — eu disse. — Eles não podem esnobar a gente assim desse jeito. É na nossa casa que a deles está, tá entendendo?

— Que é que a gente pode fazer?

Peguei a lapiseira e, com dificuldade considerável, escrevi DEIXE ENTRAR no painel branco da porta. Não havia lugar para mais nenhuma palavra. Jackie reprovou.

— Acho que você não devia ter escrito isso aí. A gente não quer *entrar*, a gente só quer ver.

— Agora é tarde. De mais a mais, eles vão adivinhar o que a gente quer dizer.

Ficamos observando a casa na gaiola. Por sua vez, ela também nos observava de um modo zangado e um tanto aborrecido. Febre contagiosa de fato!

Foi tudo o que aconteceu naquela noite.

Na manhã do dia seguinte descobrimos que os nossos rabiscos a lápis haviam sido apagados da minúscula porta da frente, que o aviso de quaren-



tena estava lá e que na varanda havia um litro de leite verde e outro jornal. Dessa vez, o cabeçalho dizia: EXTRA — FOTZPA ULTRAPASSA TUR!

A fumaça saía preguiçosamente da chaminé. Toquei a campainha outra vez. Nenhuma resposta. Reparei num toquinho numa caixa de correio, perto da porta, mais porque vi cartas lá dentro. Mas a coisa estava trancada.

— Se a gente pudesse ver pra quem são endereçadas... — Jackie sugeriu.

— Ou de quem elas são. É isso que me interessa.

Finalmente, fomos trabalhar. Fiquei preocupado o dia inteiro e quase soldei meu dedo. Quando me reuni a Jackie, de noite, percebi que ela também estivera aborrecida.

— Vamos ignorá-los — disse eu, enquanto vínhamos para casa, de ônibus. — Sabemos onde não somos desejados, não?

— Eu não vou ser esnobado por uma — uma coisinha. Além do mais, nós dois vamos ficar doidos logo logo se não descobriremos o que tem dentro da casa. Você acha que o Sr. Henchard é mágico?

— Ele é um bom-de-bico, isso sim — Jackie disse amargamente. — Indo embora e deixando uns anõezinhos suspeitos nas nossas mãos!

Quando chegamos, a casinha na gaiola pressentiu o fato, como sempre, e na hora em que tiramos a capa, os sons distantes e suaves dissolveram-se no silêncio. As luzes brilhavam através das venezianas fechadas. Na varanda havia só o capacho. Via-se, na caixa do correio, apenas o envelope amarelo de um telegrama.

Jackie ficou pálida. — É agora ou nunca — ela insistiu. — Um telegrama!

— Pode não ser.

— É sim, eu sei que é. A tia Sininho está morta. Ou Iolante vem para uma visita.

— O aviso de quarentena saiu da porta. — disse eu — Tem um novo. Está escrito “pintura fresca”.

— Bom, você não vai escrever na portinha limpinha deles, vai?

Coloquei a capa de cretone de volta na gaiola, desliguei o interruptor de luz e peguei a mão de Jackie. Ficamos esperando. Um pouco de tempo depois, alguma coisa começou a fazer um *baque-baque-baque*; depois ouvimos um assobio como o de uma chaleira fervendo. E um tinido.

No dia seguinte, havia vinte e seis litros de leite amarelo — amarelo-claro — na varandinha. No jornal, o cabeçalho liliputiano anunciava: EXTRA — TUR ALCANÇA FOTZPA. Havia cartas na caixa do correio, mas o telegrama não se encontrava mais lá.

Naquela noite, as coisas continuaram quase na mesma. Quando puxei a capa da gaiola houve um silêncio repentino, irritado. Sentíamos que estávamos sendo observados através das venezianas minúsculas. Por fim, fomos para a cama. No meio da noite, entretanto, levantei e fui dar mais uma olhadela nos nossos misteriosos inquilinos. Não que eu os visse, absolutamente. Mas deviam estar dando uma festa, porque uma música estranha, fraca, e violentos baques e estalos extinguíram-se com o silêncio, no momento exato em que espionava.

De manhã cedo, na varandinha, havia um litro vermelho e um jornal; no cabeçalho lia-se: EXTRA — FOTZPA SOBE!

— Meu trabalho está indo pras cucuias — eu disse. — Não consigo me concentrar em nada só de pensar nesse negócio — e imaginar...

— Eu também. A gente *tem* que descobrir de qualquer jeito.

Espiei a casa. A cortina foi puxada tão violentamente que quase caiu do trilho.

— Você acha que eles são loucos? — perguntei.

— Acho — Jackie disse — acho sim. A gente deve estar infernizando a vida deles. Olhe — aposto que eles estão sentados perto da janela, fervendo de ódio, esperando a gente ir embora de vez. O que eu acho uma boa idéia. Está na hora do ônibus passar mesmo.

Olhei a casa e a casa, senti, me olhou de um jeito irritado e ressentido. Tá bem. Fomos trabalhar.

Voltamos cansados e famintos à noite, mas antes mesmo de tirarmos os casacos fomos ao quarto do Sr. Henchard. Silêncio. Liguei a luz enquanto Jackie tirava a capa de cretone da gaiola.

Ouvi Jackie suspirar sobressaltada. Imediatamente corri para perto dela, esperando ver um homenzinho verde naquela varanda ridícula — ou qualquer coisa parecida. Não vi nada incomum. Da chaminé não saía mais fumaça.

Jackie, entretanto, apontava a porta da frente. Pregado no painel havia uma tabuleta asseada. Dizia, muito tranqüila, simples e conclusivamente: ALUGA-SE.

— Ai, ai, ai! — disse Jackie.

Engoli seco. As vidraças das janelas minúsculas estavam todas levantadas e não se viam mais as cortinas de chita. Pela primeira vez pudemos olhar dentro da casa. Ela se encontrava completa e horrivelmente vazia.

Mobília, em nenhum lugar. Nada, a não ser arranhões no chão de madeira encerado. O papel de parede estava cuidadosamente limpo; seus padrões nos diversos quartos eram simples e de bom gosto. Os inquilinos deixaram a casa em ordem.

— Mudaram... — eu disse.

— É — Jackie murmurou. — Mudaram mesmo.

De repente comecei a me sentir triste. A casa — não a casinha minúscula da gaiola, mas a nossa — estava terrivelmente vazia. Era como chegar em casa depois de fazer uma visita e ver que ela está vazia de coisas e de gente.

Puxei Jackie e dei-lhe um abraço bem apertado. — Ela também estava se sentindo mal. Ninguém pode imaginar que diferença uma minúscula tabuleta de ALUGA-SE pode fazer.

— O que o Sr. Henchard vai dizer? — Jakie perguntou, encarando-me com uns olhos enormes.

Dois dias depois ele voltou. Estávamos sentados perto da lareira quando entrou com aquela mala enorme balançando e a piteira preta pendurada no beijo. Cumprimentou-nos com seu resmungo habitual.

— Olá — disse eu num tom fraco. — Que bom que o senhor voltou.

— Droga — disse o Sr. Henchard com firmeza, enquanto se dirigia ao seu quarto. Jackie e eu olhamos um para o outro.

De repente começou a gritar de ódio. Sua cara, desfigurada pela raiva, surgiu perto da porta.

— Intrometidos! — ele gritou. — Eu avisei vocês.

— Espere um pouco — eu falei.

— Vou me mudar! — vociferou ele. — Agora! — A cabeça dele desapareceu de nossas vistas; ouvimo-lo bater e trancar a porta. Jackie e eu ficamos à espreita, quase esperando uma surra.

O Sr. Henchard saiu voando do quarto com aquela mala enorme, e passou correndo perto de nós em direção à porta. Tentei pará-lo: — Sr. Henchard...

— Droga.

Jackie puxou-o por um braço e eu consegui agarrar o outro. Nós dois juntos conseguimos fazer com que parasse.

— Espere — eu disse. — O senhor esqueceu a sua — ahn — gaiola.

— É isso o que você pensa — gritou. — Pode ficar com ela. Abelhudos! Levei meses pra construir aquela casinha da maneira correta e mais meses ainda pra convencê-los a morar lá dentro. Agora vocês estragaram tudo. Eles não vão voltar.

— Quem? — Jackie engoliu seco.

Seus olhinhos fixaram-se malevolamente em nós. — Meus inquilinos. Agora tenho que construir uma casa nova — ah! mas dessa vez não vou morar perto de intrometidos.

— Espere — disse eu. — O senhor é... é m-mágico?



O velhinho bufou: — Sou um homem habilidoso. É só. Trate-os direitinho e eles farão o mesmo. Ainda assim — e encheu o peito com orgulho — não é todo mundo que sabe construir a casa certa pra eles!

Parecia estar começando a ficar mais calmo, só que minha pergunta seguinte despertou novamente sua ira:

— O que eles são?! — vociferou. — Os Pequeninos, claro. — Chame como quiser. Duende, anãozinho, gnomo, trasgo, diabrete — eles têm uma porção de nomes. Mas a única coisa que eles querem é uma vizinhança tranqüila e respeitável. Não um bando de intrometidos e curiosos. A propriedade fica mal falada. Não é à toa que eles se mudaram! E — mmff — eles pagam o aluguel em dia também. Mas os Pequeninos sempre fazem assim — acrescentou.

— Aluguel? — Jackie disse com a voz fraca.

— Sorte — disse o Sr. Henchard — boa sorte. Como é que você esperava que eles pagassem — com dinheiro? Agora tenho que construir outra casa pra ter minha sorte de volta.

Lançando um último olhar de despedida, puxou violentamente a porta e foi-se embora. Ficamos observando sua partida. O ônibus estava entrando no posto de gasolina. O Sr. Henchard disparou a correr.

Consegui pegar o ônibus, é verdade, mas não antes de dar com a cara no chão.

Coloquei o braço em volta de Jackie.

— Ai, Deus — ela falou. A má sorte dele já está começando.

— Não é má sorte — observei. — É sorte normal. Quando você aluga uma casa pra duendes ganha sorte extra.

Sentamo-nos em silêncio, olhando um para o outro. Por fim, sem dizer uma palavra, fomos ao quarto vago do Sr. Henchard: a gaiola ainda estava lá. O mesmo acontecia com a casa e a tabuleta de ALUGA-SE.

— Vamos ao Terry — eu disse.

Ficamos lá mais tempo do que de costume. Qualquer um poderia ter pensado que não queríamos voltar para casa porque ela era mal-assombrada. Só que, no nosso caso, acontecia exatamente o oposto. Nossa casa não estava mais assombrada. Estava desolada, fria e completamente vazia.

Não disse uma palavra até atravessarmos a estrada, subirmos a ladeira e abrirmos a porta. Fomos, não sei bem por quê, dar mais uma olhada na casa vazia. A capa estava na gaiola, onde eu a deixara, mas baque! chio! estalo! A casa tinha inquilinos de novo!

Recuamos, fechando a porta antes de respirarmos.

— Não — Jackie disse. — A gente não pode olhar. Não podemos olhar nunca debaixo da capa.

— Nunca — concordei. — Quem você acha...

Percebemos um murmúrio bastante fraco, vindo da gaiola, murmúrio que se assemelhava a uma cantoria animada. Era ótimo. Quanto mais felizes eles fossem, mais tempo ficariam. Quando fomos dormir, sonhei que estava bebendo cerveja com Rip van Winkle e os anões. Bebi todos eles às escondidas.

Não fazia muita diferença que a manhã do dia seguinte estivesse chuvosa. Estávamos convencidos de que a luz amarela do sol brilhava através das venezianas. Cantei no chuveiro. Jackie cantarolava alegremente. Não abrimos a porta do Sr. Henchard.

— Pode ser que eles queiram dormir cedo — fala:

Como faz sempre muito barulho na oficina, uma carga de pesados cilindros de blindagem num carrinho não aumenta muito o ruído. As três horas da tarde daquele dia, um dos rapazes estava levando o cilindro para o depósito, coisa que não escutei ou vi, até que recusei da plaina onde trabalho, batendo meus olhos na ajustagem.

Essas plainas enormes são de um peso incalculável. Têm que ser construídas sobre alicerces de concreto, em armações nas quais um monstro de metal pesadíssimo — a plaina em si — desliza para a frente e para trás.



Recusei, vi o carrinho se aproximando e dei um giro de 180 graus para sair do caminho dele. O rapaz do carrinho desviou, os cilindros começaram a cair e eu, rodopiando, terminei batendo minhas coxas contra a extremidade da armação, numa cambalhota bonita e suicida. Quando aterrissei, estava prensado na armação metálica, olhando para a plaina enquanto ela descia velozmente em minha direção. Nunca vi nada mover-se tão rápido, na minha vida.

Tudo estava terminado antes que eu percebesse. Enquanto lutava para me livrar dali, os homens gritavam, a plaina urrava triunfante, com sede de sangue, e os cabeçotes dos cilindros rolavam pelo chão. Depois, fez-se ouvir o estrondo torturante das engrenagens e dos cames partindo-se. A plaina parou. Meu coração bateu.

Depois que troquei de roupa, esperei Jackie para dar o fora dali. Na volta para casa, contei o que tinha acontecido.

— Pura sorte. Um milagre mesmo. Um daqueles cilindros entrou direto na plaina. Ela está arreventada, mas eu não. Acho que tenho que escrever uma nota de agradecimento pros nossos — ahn — inquilinos.

Jackie aquiesceu com convicção pura.

— Eles pagam o aluguel com sorte, Eddie. Que bom que eles pagaram adiantado!

— Só que me tiraram da folha de pagamentos até consertar a plaina — eu disse.

Fomos para casa no meio de uma tempestade. Do quarto do Sr. Henchard vinha uma barulheira como jamais tínhamos ouvido antes. Corremos lá para cima e descobrimos que as janelas haviam se aberto. Fechei-as. O vento quase tirara a capa da gaiola e eu, então, comecei a recolocá-la. Jackie estava a meu lado. Observamos a casinha minúscula; minha mão não completou o gesto. A tabuleta de ALUGA-SE havia sido retirada da porta. A fumaça que saía da chaminé era gordurosa. As vidraças estavam abaixadas, como de hábito mas haviam outras mudanças.

Sentíamos um cheiro fraco de comida — bife e repolho cozido, pensei animado. Sem dúvida, esse cheiro vinha da casa dos duendes. Na antes imaculada varanda havia uma lata de lixo, virada, um engradado de laranjas com latinhas sujas e minúsculas e o que, indubitavelmente, eram garrafas vazias de bebida. Perto também havia um litro de leite cheio de um líquido aguado e amarelado. Nem ele nem o jornal haviam sido retirados da porta. Sem dúvida era um jornal diferente: o tamanho sensacionalista dos cabeçalhos indicava que era um tablóide de imprensa marrom.

Um varal, sem roupas penduradas no momento, foi pregado de um pilar da varanda a um dos cantos da casa.

Enfiei a capa correndo e fugi para a cozinha, atrás de Jackie. — Meu Deus! — exclamei.

— A gente devia ter pedido referências — ela afirmou. — Eles não são os *nossos* inquilinos!

— Não os inquilinos que a gente tinha antes — concordei. — Quer dizer, os que o Sr. Henchard tinha. Você viu aquela lata de lixo na varanda?

— E o varal! — Jackie acrescentou — Que bagunça!

— Devem ser uns corticeiros, uns ladrões, isso sim. Que é que eles pensam que é aqui, a casa da sogra?

Jackie engoliu seco. — O Sr. Henchard disse que eles não iam voltar, você sabe.

— E, mas, bom...

Lentamente, Jackie concordou com a cabeça, como se estivesse começando a entender. Eu disse: — Solta.

— Não sei. Só que o Sr. Henchard disse que os Pequeninos queriam uma vizinhança tranqüila e respeitável. E a gente os expulsou. Aposto que a gente deu pra gaiola — o lugar — uma má reputação. Os duendes classe alta não vão se mudar pruma má vizinhança. Nós arranjamos foram uns anõezinhos molambentos, isso sim.

Minha boca abriu. Encarei-a.

— Ah-hah. Os corticeiros. Aposto que eles tem um bode anãozinho na cozinha — Jackie balbuciou.

— Bom — eu disse — não vamos ser responsáveis por isso. Vou expulsá-los. Vou... vou jogar água pela chaminé abaixo. Onde está a chaleira?

Jackie me segurou: — Não, não vai! A gente não pode expulsá-los, Eddie. Nem deve. Eles pagam o aluguel: — disse.

Então eu lembrei: — A plaina...

— É isso. — Jackie enfatizou, afundando os dados no meu bíceps. — Você podia ter morrido hoje se não tivesse sorte extra. Esses duendes podem ser uns corticeiros, mas pagam o aluguel.

Peguei o ângulo da questão: — A sorte do Sr. Henchard era diferente. Lembra quando ele chutou aquela pedra dos degraus da escada da praia e elas começaram a enterrar? Comigo foi pior. Cai na plaina, certo, e um cilindro vem na minha direção e pára a máquina, mas eu vou ficar sem trabalhar até consertarem a plaina. Nunca aconteceu nada parecido com o Sr. Henchard.

— Ele tinha uns inquilinos melhorzinhos — Jackie explicou com um brilho selvagem nos olhos. — Se o Sr. Henchard tivesse caído na plaina, um fusível teria queimado, aposto. Nossos inquilinos são molambentos, então nossa sorte é molambenta também.

— Eles ficam — eu disse. — Somos donos dum cortiço. Vamos sair daqui e ir tomar uns drinques no Terry.

Abotoamos as capas-de-chuva e partimos, respirando o ar fresco e úmido. A tempestade caía furiosamente, como nunca antes. Esqueci o farolete, mas não queria voltar só para buscá-lo. Fomos pela ladeira em direção às luzes fracamente visíveis do restaurante do Terry.

Estava escuro. Não podíamos ver muita coisa com aquela tempestade. Provavelmente foi por isso que só conseguimos ver o ônibus na hora em que ele estava quase em cima de nós. Mal se viam os faróis naquela escuridão.

Comecei a puxar Jackie de lado, para fora da estrada, mas escorreguei no concreto molhado e nós dois caímos no chão. Senti o corpo de Jackie chocar-se contra o meu. No instante seguinte, estávamos os dois, patinando na vala lamacenta do lado da estrada, enquanto o ônibus passava por nós, voando.

Saímos rastejando de lá e nos dirigimos ao Terry. O barman ficou nos encarando, disse "Puxa!" e trouxe-nos uns drinques sem que pedíssemos.

— Sem dúvida alguma — falei — nossas vidas acabam de ser salvas.

— É — Jackie concordou, tirando lama das orelhas. — Mas não teria acontecido assim se fosse com o Sr. Henchard.

O barman balançou a cabeça. — Caiu na vala, Eddie? Você também? Que falta de sorte!

— Não é falta de sorte — disse Jackie num tom fraco — É sorte, só que molambenta — levantou o copo e com lamacenta tristeza me olhou. Bati meu copo no dela.

— Bom — eu disse — À sorte.

---

## SINDICALISMO

### é o tema de Escrita/Ensaio 4

### Nas bancas e livrarias

---

# POESIA

## MULHERES DA VIDA



A primeira coletânea da Vertente com mulheres escritoras — *O Conto da Mulher Brasileira* — saiu em meados de setembro. Organizada por Edla van Steen, mostra a situação da mulher segundo o ponto de vista de 19 autoras vivas: Ana Maria Martins, Cristina de Queiroz, Dinah Silveira de Queiroz, a própria Edla van Steen, Helena Silveira, Hilda Hilst, Judith Grossmann, Julieta de Godoy Ladeira, Lygia Fagundes Telles, Márcia Denser, Maria de Lourdes Teixeira, Myriam Campello, Nelida Piñon, Rachel Jardim, Sônia Coutinho, Tânia Faillace, Vilma Arêas, Viviana de Assis Viana e Zulmira Ribeiro Tavares. Na mesma linha, a Vertente lançou em novembro a coletânea *Mulheres da Vida*, de poesia, uma poesia forte, agressiva, às vezes até incômoda como pode ser visto a partir da página seguinte. São todas — Ana Maria Pedreira Franco de Castro, Eunice Arruda, Glória Perez, Isabel Câmara, Leila Miccolis, Many Tabacnik, Maria Amélia Mello, Norma Bengell, Réca Poletti e Socorro Trindad — autoras novas. Norma Bengell, embora importante como atriz, não tem livro publicado, estando, portanto, dentro do espírito da antologia organizada por Leila Miccolis. Lendo os contos do primeiro livro, Flávio Moreira da Costa disse que a mulher brasileira está triste, quando não amarga, e se sente encurralada, sem saída. A observação vale também para “Mulheres da Vida”, que segundo Leila Miccolis, denuncia também “erros, pressões, misérias, violência.” O trabalho dessas mulheres-poetas está da página seguinte em diante.



## DAMAS DE COPAS

*Socorro Trindad*

Existe uma mulher que me visita todas às segundas-feiras, para arrumar a casa. além da casa, lava e passa roupa e lê tudo quanto escrevi durante a semana. há dois anos atrás, essa mulher passou a me visitar também às noites das segundas-feiras. nessa época, eu morava só mas tinha vários homens: um velho que me dava dinheiro, um jovem que me dava prazer e um intelectual que me dava aulas de literatura e com quem fui pra cama logo na primeira. existiam ainda outros — ele, o rapaz ardente, era meu próprio jardineiro. a tal mulher achava-me louca, também porque eu bebia muito e não amava nenhum deles, mesmo o milionário que me tratava feito filha e fazia-me todos os gostos. devia achar-me inclusive puta, pois recriminava, e rechaçava, e esculhambava, e, quando eu chegava tarde e bêbada e era segunda-feira, soltava a língua e às vezes até me batia. eu aceitava, obediente como uma filha diante da mãe, aliás, dizia ela ter sido amiga da minha e que estava ali para substituí-la. continuava arrumando a casa. uma casa grande, altamente decorada e sobretudo rica, exorbitando de riqueza. eu continuava saindo muito: festas, boates, salões, chás das cinco e, para não perder o toque intelectual, frequentava agora também as reuniões do *feminismo engagé*. ela jamais comentou sobre a sua vida, tampouco os amores ou a família mas lia até minhas cartas. dias, eu a maldizia, outros chorava a sua falta. e foi num dia desses que me vi definitivamente com alguém, quando ela juntou os trecos e veio morar comigo.

Os meus homens achavam essa mulher uma impostora. eu, que me amava.



## DO DIARIO DE EL FURIOSO

(Algumas quadrinhas)

*Isabel Câmara*

### VIDA (1)

Acontece que a mão  
é mais do que natural do culhão.  
Quanta aparente indecência  
para tão doce exatidão.

### VIDA (2)

Não ter ilusão  
não topar: pissiricar  
Ah... todo mundo sente tesão e isso é tão bão...

### VIDA (3)

O "não" me irrita  
O "sim" me excita.

### VIDA (4)

Aparentemente me dou bem  
e sou contente.  
Porra!  
Queria tanto ser menos superficial.

### VIDA (5)

De saco cheio confesso:  
não entender o profundamente me dá um meeeedo!  
E sentir raiva, também amadurece a criança?

### DEFINIÇÃO (1)

É o cúmulo da abstração  
pensar que o tempo  
não está por dentro do presente.

### SONO (1)

Eis chegado o momento  
de pedir à amada  
que não se preocupe  
com o tamanho do caixão.

### POST-EPIGRAFE

"Forçoso é mudares de vida" (Rainer Maria Rilke)

## ELITISTAS

*Norma Bengell*

Elitistas,  
Do alto,  
Do baixo  
Do meio  
Fio  
Desta vida  
vão à merda

Elitistas do alto, do baixo, do meio fio desta  
que não é vida mas é chamada

## EU NÃO QUERO MAMAR

*Réca Poletti*

Sou ave  
de rapina  
Sou mulher  
e sou menina  
Sou a puta  
da esquina  
Sou vício  
de maconha e cocaína  
Já fui um medo  
que quase me assassina  
Mas não sou  
o que você acha  
nem o que me ensina

*POEMINHA ERÓTICO  
PARA ENCANTAR  
TOXICÓMANOS*

*Ana Maria Pedreira Franco de Castro*

eu preciso saber  
pra fazer o amor com você  
quantos quilos você tem  
eu sou a fraqueza do ano dois mil  
depois dos sessenta começo a resfolegar  
o amor nunca pode ser bonito desse jeito

preciso saber também seu RH  
o meu é negativo  
e qualquer coisa errada  
pode nos dar filhos feios e patriotas  
eu danaria com um filho no exército

eu preciso saber  
pra fazer o amor com você  
qual o cheiro de seu desodorante  
eu prefiro talco  
sou alérgica a avanço com suor  
e no amor não fica bonito espirrar  
[como um bode

eu preciso saber  
pra fazer o amor com você  
da sua alimentação diária

essas coisas me preocupam muito  
porque o resto  
o resto pouco importa

1973

*CANÇÃO DO DESESPERO*

*Eunice Arruda*

De  
sobressalto  
e alma em  
pânico

A gente vive  
sonha  
sorri assim



## SAGRADA FAMÍLIA

*Glória Perez*

te olho e sinto asco,  
porque suas demais  
não tomas banho  
e arrotaste há pouco  
em minha cara

não me desejas tanto,  
por tua vez  
— durmo de bobs e cremes  
pra ter aparência melhor  
na hora das compras

mas vens assim mesmo,  
cansado  
Eu finjo dor de cabeça

e sem jeito nem tempo  
de ires com outra  
acabamos juntos

dividindo o preço da família

## CICLO FAMILIAR

*Aposentadoria*

*Leila Miccolis*

Antigamente  
um pontapé nos bagos  
ou um soco nos rins  
resolveria tudo.  
Mas sinto que mudei:  
não tenho mais vontade  
de te amar depois das brigas,  
e hoje nem gozei  
quando teu tapa me arrancou os dentes.

## DELÍRIO

*Many Tabacinik*

Venho sistematicamente  
me estraçalhando  
nos vidros da janela  
do meu apartamento  
e despencando  
do décimo oitavo andar.  
Tenho de parar com isto  
cansa muito  
me matar todo dia.

## AS 3 FACES DA FELICIDADE

*Maria Amélia Mello*

- : inversão dos valores  
sorrisos comportados  
atrevido punhal  
cabo tenente  
toda gente
- : troca de olhares  
e pedras  
o domingo é um  
duplo dragão
- : fareja e esteja  
firme forte farto  
desta situação.



### III CONCURSO ESCRITA DE LITERATURA

#### Regulamento

1 — O III Concurso Escrita de Literatura, patrocinado pela Vertente Editora Ltda., oferecerá, como prêmio para os vencedores das cinco categorias abaixo, a publicação de suas obras em forma de livro ou como encarte da própria revista. Trinta dias após a divulgação do resultado de cada categoria, o vencedor receberá a importância de Cr\$ 2 mil como adiantamento de direitos autorais. Se o trabalho escolhido for encartado na revista, seu autor receberá apenas Cr\$ 1 mil a mais, por ocasião do lançamento do número em que ele for reproduzido.

2 — Todos os candidatos ao concurso deverão enviar seus trabalhos sob pseudônimo, em quatro vias, à revista Escrita, rua Dr. Homem de Melo, 446, telefone: 864-0074, 05007 — So Paulo (SP). Em envelope à parte deverão ser colocados o nome real, o pseudônimo, o endereço, dez linhas de dados pessoais, uma foto de no mínimo 5x7 cm e os números da carteira de identidade — com indicação do departamento que a emitiu e da localidade — e do CPF.

3 — Os trabalhos deverão ser datilografados em espaço duplo numa só face do papel, com a média aproximada de 30 linhas por página.

4 — Os textos deverão obedecer às seguintes extensões mínimas:

- a) poesia: 30 páginas;
- b) novela: 30 páginas;
- c) romance: 80 páginas;
- d) estória infantil ou juvenil: 10 páginas;
- e) ensaio literário: 40 páginas.

5 — Independentemente de posterior autorização dos autores, os trabalhos poderão ser publicados tanto como encartes da Escrita quanto como livros da Vertente.

6 — Os trabalhos deverão ser entregues nos seguintes prazos:

- a) poesia: até 31 de maio de 1979;
- b) novela e romance: até 30 de junho de 1979;
- c) estória infantil: até 31 de julho de 1979;
- d) ensaio literário: até 31 de agosto de 1979.

7 — Os resultados serão conhecidos a partir de 90 dias do vencimento de cada prazo.

8 — Para publicação dos trabalhos vencedores em forma de livro, a Vertente Editora Ltda. se reserva o prazo de um ano a partir da publicação do resultado do concurso.

9 — Para cada categoria serão dados um 2.º e um 3.º lugar. A Vertente se reserva o direito de opção, para publicação, sobre esses originais, por 180 dias após a divulgação do resultado do concurso relativo a cada categoria, seja como encarte da Escrita, seja em forma de livro.

10 — Na eventualidade de publicação como encartes de livros classificados em 2.º ou 3.º lugar, o autor receberá direitos autorais proporcionais, tomando por base o número de colaborações da revista.

11 — Os originais apresentados não serão devolvidos.

12 — Os casos omissos serão resolvidos pela direção da revista.

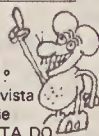
São Paulo, 14 de dezembro de 1978



*Com um grito a empurrou, furioso  
à volta da cama. Ela interdita, sem se  
mexer, a blusa meio erguida. Nem pis-  
cava o verde olho arregalado.*

*Ele sentou-se na poltrona, imagem  
do desconsolo, mãos na cabeça. Bebeu  
alguns goles, perdido em meditação:  
será que não exagero?*

Este é um trecho de "MISTER  
CURITIBA", o conto premiado no 1º  
Concurso de Contos Eróticos da Revista  
"STATUS". Começa o novo livro de  
DALTON TREVISAN, "A TROMBETA DO  
ANJO VINGADOR", reunindo outros dezoito  
contos com a sua marca pessoal. Ilustrações  
de Glauco Rodrigues. 144 páginas. Cr\$ 50,00



Lançamento da

**EDITORA CODECRI**

Rua Saint Roman, 142 — ZC-37 Copacabana  
20.000 Rio de Janeiro — RJ



## PERMISSIVO AMOR

J. B. Sayeg

*"Um momento há na vida, de hora nula,  
em que o poema vê tudo, viu, verá;  
e a si mesmo, na cera em que se anula,  
sob o fogo dos céus, consumir-se-á."*

Jorge de Lima

Eu sentado com você,  
poesia é tudo. O garçon  
jovem com seu paletó branco  
e borboleta amarela. Seu  
mundo é de ilusão, bem  
diferente do lar. Saboro  
sa é a comida, arte inspirou  
o cozinheiro de chapéu,  
cerejas vermelhas, cravos  
na lapela dos maitres  
Vejo agora seus olhos,  
meigos com sorriso nos cantos.  
É bem feliz a vida, tudo nos  
conduz à paz amiga.  
A condição subjacente  
não transparece, é muita luz  
que vem dos castiçais de prata.

Há uma hora porém  
em que o restaurante fecha.  
Cansaço nos olhos, tristeza  
se aninhando. Pode até cair  
a fina chuva. Muitos dormem  
para o sossego dos boêmios.  
A garrafa de whisky  
está no fim. Ora, o que você  
afinal fez a noite toda  
como porteiro de boite?  
A porta de vai-vem, os romances  
nascem e morrem à noite.  
Eu fico assim olhando tudo  
nos seus olhos,  
minha porta de sonhos.

Os carros estão estacionados.  
É uma fortuna estacionada  
à custa de muitos sacrifícios.  
Estão envolvidos num fog  
que nubla a vida sorrateira.  
Há gente com fome, ora

isso é assunto político.  
Você gostaria de comprar  
um bilhete de loteria,  
circo de cavalinho, diversão  
no parque? Os jogos eletrônicos:  
você coloca uma ficha, e a fantasia  
começa a correr em pontos de luz.  
Guerra nas estrelas. Discotheque.  
As prostitutas saem à noite  
com suas lantejoulas. A vida  
é puro encantamento.  
Os anúncios feéricos, as mensagens  
subliminares. Beba Coca Cola.

Assassinaram Aldo Moro, o jornal  
tem a página de cinema. O cacique  
Juruna veio reclamar terra.  
(Isto é filme para o velho cowboy.)  
Os metalúrgicos discutem seus salários.  
(Cinema Italiano neo-realista)  
Subiu o preço do cigarro.  
(Até isso?)

Minha cabeça gira, a pomba-gira,  
gira-luz, o autogiro.  
A melhor marca de carro  
é o Lincoln Presidencial,  
tem proteção contra balas,  
detecção de microtransmissor.  
Afinal o que há nesses olhos  
onde encontro sossego? O Papa  
Paulo VI tinha voz de angústia,  
Pedro, Paulo, Casaldáliga do mundo.  
Mas, é muita falta de inteligência  
você apoiar qualquer coisa.  
Por que afinal de contas você deve  
reconhecer que há sinceridade  
nessas palavras? A poesia  
vai contando estórias.  
Antigamente os poetas estavam  
na boca do povo. A professora  
primária demonstrava o maior júbilo

quando o aluno em cima do muro  
declamava "O trabalho".

"Ama com fé e orgulho  
a terra em que nasceste,  
no plano deste plenário".

O senhor poeta Martins Fontes  
nem passou pelo Hotel Avenida,  
na aurora da minha vida,  
na rua aurora eu nasci.  
E o senhor Fernando Pessoa  
na antiquíssima noite compondo  
sua Ode Marítima, seu belo  
fingidor.

Não resta nada. Bela é a flor dos campos  
Você pode ver um boi mugindo  
sonho, aquecendo o berço,  
numa terra quente. Quilômetros  
de canaviais, o cheiro doce  
acolhendo o feto,  
no lençol do lavrador. O cerrado  
não serve para os índios. Vontade  
de fazer poemas discursivos,  
esta cova funda,  
herança maior  
que tiveste em vida.

"É verdade, meus Deus, que hei delinqüido".

Ele já conhece  
quase todos os mictórios  
dos aeroportos internacionais.  
O modelo dos aviões,  
as free-shops e as revistas  
do mundo inteiro. Sua mala  
está bem etiquetada. As  
aeromoças ganham um lindo uniforme,  
você perde logo o medo de voar.  
Afinal, viver é perigoso,  
por que se preocupar?  
"How do you do?"; quem não  
fala inglês? "Sprechen sie  
Deutsch?" Em muitas  
imobiliárias e agências de turismo,  
está escrito "spoken English".  
"Meu Deus, que estais pendente  
em um madeiro, o povo come ardências  
de óleo sujo", vou pensando,  
olhando as turbinas,  
nenhum som, a Música ambiente,  
"uma maleta executiva é muito bom,  
você pode pôr ferramentas,  
alicate, chave, garfo".  
— Onde o senhor mora?  
— Chego tarde, levanto cedo.  
A vida é bela pra quem tem  
relógio Seiko. "Fasten  
seat belt, no smoking".  
Em suas carnes brancas,

em seu loiro cabelo,  
em seus lábios rubros,  
em seus dentes alvos ,  
em seus colo claro,  
em suas ancas curvas,  
em seus pés sensuais,  
seus joelhos lisos,  
suas mãos sedosas,  
seu andar gentil,  
Kirie eleison,  
glória ao Padre,  
senhor Deus do universo,  
sou livre como o condor,  
viajando numa manhã de domingo.

É verdade, meu Deus,  
que hei delinqüido?  
Isso é brinquedo.  
Sim, você é um brinquedo.

Brinquedo? olhe o brinquedo,  
briguento, insolente,  
manipulado, amado,  
atirado a um canto,  
uma gaveta,  
cesta,  
tem brilho,  
é luz,  
desliza para a sombra,  
doce,  
suave peso de um brinquedo,  
não pode ser consumido,  
vive de sonho.

Não é só isso. Um prédio,  
outro prédio,  
uma casa,  
casa espremida,  
casa que ficou entre os prédios,  
tanta coisa poderia ser uma casa,  
ela é forte,  
perdura,  
país com raiz,  
som algo ignoto,  
tremo só de vê-la,  
não é comoção,  
é sonho.

Estamos todos viajando o sonho,  
viajando a luz,  
o brilho,  
sinto a feérica esplendecência  
em que meu corpo comunga  
os seus gestos;

como poderemos viver  
neste banho de deuses  
em que tudo é bom?  
os bancos progridem,

o arroz estira seu pendão,  
o milho cresce,  
tudo para a ceia do senhor,  
para a ceifa da morte,  
para o degelo universal,  
para o conforto do ar condicionado,  
para os produtos enlatados,  
o sucesso de marketing,  
o supermercado,  
o anúncio,  
que maior apelo do que o anúncio,  
que desejos crescem ao som do jingle,  
que de atmosferas sedutoras,  
mil mulheres balouçando as vestes  
para a vida triste, sentada,  
recebendo os eflúvios,  
pão do céu,  
e girando, como cavalinhos soltos,  
bolas coloridas, girando  
muitas bolas coloridas.  
Cobriremos os céus  
com nossas setas;  
o troar dos estádios  
sucumbirá aos instintos.  
O mundo se acabará  
pelos microorganismos,  
nem mesmo a fome da Índia  
é maior que sua fúria incontida.  
Eu tenho filosofado,  
uma vaca com seu bezerro  
solto na avenida,  
nem seu melhor mugido  
pode protegê-lo  
(seu instinto maternal).  
Há algum pecado que seja  
sexual, maior que o social  
pecado da alienação?  
Por que afinal não se alienar?  
Como não se alienar eternamente,  
se a vida é puro barro  
comprometimento e sarro.  
Diz Konrad Lorenz que você,  
até vós podeis tendo, sabendo,  
mandando, conhecendo, jus  
possessionis aut possidendi et extra.  
O tempora, O mores! Em você,  
Vós estais entregues,  
aceitando o mundo e seus  
ingentes fundos. O Kirie,  
hora sagrada à desolação,  
ca'tamos sem misericórdia,  
dura prova de amor,  
perdão, quem sonhara?  
é mesmo a desgraça que  
nos corrói e ensangüenta  
e encerra. Duros grilhões.  
Algo metafísico multifásico  
multifuror

você em meus braços multiflorida  
o mundo, vasto mundo pode rugir  
em sangue nas Américas,  
nós dois nos amamos de bocas  
juntas

que pode o sábio contra  
senão a graça quase divina  
e mesmo santa? (uma pavana  
infanta) o preço de ser  
contra,  
culpa manifesta de nós todos  
testemunhando  
neste processo  
possessivo.

Tem seu custo todas as perdas  
pardas almas  
ostra da introspecção,  
ostra profunda mágua  
de ser humano e não  
límpida água,  
impossibilidade de alçar,  
permissibilidade de amar,  
malamar,  
de qualquer maneira amar,  
promíscuo amor,  
negócio omíscuo,  
vacuidade de estar,  
sorrir,  
all joking a side.

À angústia  
estreita alma  
espreita  
estrela jocosa,  
eflúvio celeste,  
capim agreste,  
rosa mística,  
turrís ebúrnea,  
flauta doce,  
planta você  
ó mãe amorosa  
e amantíssima,  
há algum perdão  
para nossa ardente  
aventura?

Os jovens passam  
em suas motocas  
estridendo o mundo  
com suas metralhas.  
São suas as malhas olímpicas,  
seus relógios de quartzo,  
ponteiros digitais e  
bolsas de algum búfalo  
anacrônico. "Baby,  
tu és amor e gozo,  
em mim te perco alucinado."  
Meu amor sectário mais  
que o ódio, minha paixão

violenta, pior que o terror.  
Vamos morrer de amor na praia,  
eis a máquina quente,  
jaz estuante meu sangue,  
me desnudo y me sumerjo,  
no soy ningun poeta carpintero.

Passo as horas ouvindo  
esse barulho, tua estridente  
passagem. É guerra que agita  
teu corpo jovem, tua coragem  
jovem, tua carne  
lúbrica,  
teu beijo lúbrico  
teu espelho vital,  
sinto-me ensaboado,  
o mel chegando às minhas  
narinas,

e o episódio adocicando  
as nossas algas marinhas,  
o teu pêlo sentindo  
o meu sussurro de amor.  
Poesia é tudo  
que transborda da humilde  
lã,  
cegue a luz os olhos nossos  
de manhã;  
essa ruína subjacente  
é nessa exangue dor  
e maior pecado.

Tudo em nós  
é permissivo amor,  
nossas vidas fosforescentes,  
Vossos olhos cerrados,  
morrestes impossível amor.

## NOTAS

1. Há mais uma vaga para um poeta? À procura da poesia, leu de Drummond a arte de como não fazer poesia (não faça versos sobre acontecimentos), e na Poética de Maiakóvsky conheceu as regras de como fazer versos (poeta é justamente o homem que cria regras poéticas). Modernos, clássicos, românticos, parnasianos, partindo da admiração inconsciente à repugnância parcial, poetas internos e externos foram consumidos. As jazidas porém são inesgotáveis. Nem mesmo a produção poética em massa, insensibilizadora e neutralizante, conseguiu elidir o crescente desejo de consumo. Pois bem, depois de todas essas leituras, chegou à contundente conclusão: poesia é tudo.
2. Babe Cola Caco, do poema de Décio Pignatari, em Poesia Pois é Poesia, ficou a mensagem subliminar: Beba Coca Cola. Reversão.
3. Na selva dessa paisagem, Planoplenário, objeto selvagem de Mario Chamie. A oralidade presente, seus poemas podem ser falados, cantados, teatralizados. Uma vez, o poeta disse em voz alta seu poema "Situação — ah sim, assim assim, a população/ o medo" e, realmente, pôde-se comprovar a oralidade. Por que não se dizem poemas nas escolas?
4. Eternalmente, Drummond sabe o que é eterno: a flor que se fana.
5. Latifúndio de João Cabral de Melo Neto. Minifúndio severino: cova funda. Musicalidade ao trágico.
6. O poeta declamador Thiago de Melo escreveu: "o povo come ardências de óleo sujo." O que pensaria Gregório de Matos, delito ou simples pecado? Castro Alves declamava: "A praça é do povo, como o céu é do condor."
7. Há várias formas de amor. Amor comercial, amor jovem, amor religioso. É uma poesia de amor a Ladainha de Nossa Senhora (Virgo fidelis, causa nostrae laetitiae).
8. Estridir? O poder de criar e o ato de criar. "Vozes veladas veludas vozes", poder de Cruz e Souza; "esbarra no mulambo da língua parálitica", im-



tência hipocondríaca de Augusto. Cordel, linguagem inculta? Estridular = fazer estridor. Pois sim!

9. Nem todos os homens são do mesmo nível. Nem todos os poetas, nem todos os versos. Há verso? Aversão à terminologia ou avesso do homem culto? Conclusão genial sobrevivente: "linosigno", que na explicação de Cassiano Ricardo é o "linear anti-discursivo", em oposição a "linear discursivo".
10. Uma bonina sozinha não faz uma poesia.  
Ela precisa antes  
de muitas boninas depois.
11. Dados pessoais: J. B. Sayeg, 44 anos, nasceu em Catanduva, Estado de S. Paulo. Publicou poemas em revistas e jornais. É advogado. Reside em S. Paulo.

---

## I CONCURSO INFANTO-JUVENIL VERTENTE DE CONTOS

### *Regulamento*

- 1 — O I Concurso Infanto-Juvenil Vertente de Contos oferecerá 20 pequenas bibliotecas, de 50 volumes cada, a 20 crianças, sendo 10 de sete a dez anos de idade e 10 de onze a quinze anos de idade. Além disso a Vertente Editora Ltda. poderá editar um livro com os 20 trabalhos vencedores, se os julgar de boa qualidade.
- 2 — Os contos deverão ter no máximo 20 páginas, podendo ser acompanhados de ilustrações. Não existe obrigatoriedade de serem datilografados, sendo aceitos, portanto, os trabalhos manuscritos.
- 3 — Os candidatos deverão enviar seus trabalhos em duas vias — original e xerox — à Vertente Editora Ltda., Rua Dr. Homem de Melo, 446 — 05007 — São Paulo (SP), caso residam fora da Capital de São Paulo. Se residirem na Capital, deverão entregá-los obrigatoriamente na sede da editora, no horário comercial, inclusive aos sábados, das 9 às 13 horas. Em envelope à parte, colocarão nome, endereço, título do trabalho, dados sobre o curso que fazem e sobre a escola em que estudam e uma foto de no mínimo 5 cm de largura por 7 cm de altura.
- 4 — Os trabalhos deverão ser entregues até o dia 31 de maio de 1979 e não serão devolvidos pela editora, que os guardará em seus arquivos.
- 5 — No ato da inscrição o candidato recebe de presente um exemplar de livro publicado pela Vertente.
- 6 — Os casos omissos serão resolvidos pela direção da editora.

São Paulo, dezembro de 1978

---



---

**O Atelier Escola** é um lugar onde se reuniram uma série de profissionais ligados às artes Gráficas e à educação, no sentido de dar continuidade a um trabalho inicialmente desenvolvido com crianças; da construção de um procedimento em relação ao trabalho artístico.

Temos então, um curso para crianças, com diversas possibilidades de trabalho: desenho à encenação; e, para adolescentes e adultos, cursos de desenho, de gravura em metal e gravura em madeira.

Ainda como uma forma de suporte ao trabalho, executamos projetos de programação visual, diagramação, tiragens de gravura em metal e madeira.

**O Atelier Escola** fica na R. Itapicuru, 379, em Perdizes, São Paulo.

---

---

### ENSAIOS UNIVERSITÁRIOS

Se você é estudante e tem um ensaio literário guardado na gaveta, não perca tempo, envie-o à Escrita.

Mande trabalhos de até 450 linhas, datilografados em papel ofício, com nome completo, pseudônimo, endereço, n.º do CPF, n.º da carteira de identidade com indicação do órgão que a emitiu e cinco linhas com informações sobre a Universidade em que estuda, sobre seus professores, etc.

Também aceitamos ensaios feitos em equipe.

Os trabalhos serão selecionados por Antônio Dimas, professor de literatura brasileira na Universidade de São Paulo, que é o responsável pela seção. Os melhores serão publicados na Escrita e, em princípio, remunerados com uma assinatura anual da revista.

---



## O PINTO FAMINTO

*Flávio Aguiar*

Eu era assim:  
Gostava de escrever  
Num gesto solitário.  
Como olhar a manhã pela janela.  
Como subir num penedo.  
Como ir ao banheiro  
Ou sentir medo.  
Como gritar no escuro.  
Como fazer trapaça  
Ou ver o mar.  
Eu me sentia a antena  
De uma antiga raça.

Para dar certo, a mesa  
Devia estar em ordem:  
Canetas e papéis perfilados e espartanos —  
Mesa imaculada como a Virgem.  
Tudo em corretas harmonias  
De estático bailado.  
O poema, enfim,  
Concebido sem pecado.

Escrevi bons poemas assim.  
Não renego o que fui.  
Da janela, da manhã, do grito  
e do escuro  
Tenho boa lembrança.  
Dali saíram poemas sobre o exílio,  
O amor, a morte, o desespero,  
Poemas de sangue e abandono,  
De cópulas, torturas e gestos aloprados.  
Mas era tudo muito limpo  
E escovado.

Também ilhei-me mais adentro.  
Viajei a infância, adolescência, o passado,  
O incesto, as coisas nunca ditas.  
A história de amores fracassados  
Veio dizer-me alô  
Em poemas líricos e alinhados.  
Estes poemas concebiam-se em pecado  
por excesso ou omissão.  
E compensavam a falta  
Tornando-se marciais.

Cultivei o verso, a rima e a estrofe.  
É melhor do que cultivar a ordem  
das canetas.  
Produzi versos razoáveis  
Mas raro passei de um poeta  
de pulso fraco:

Dava mais atenção  
à intenção  
Do que ao fato.  
Não falo de coisas distantes.  
São coisas que ainda vejo em mim,  
Quentes, ternas, sensuais.  
Falo de mim, hoje,  
E nada de melhor tenho ou tive  
Do que a mim.  
Nada pude melhorar ou piorar melhor  
Do que a mim  
Por nada pude rezar melhor  
Do que por mim.  
Nada pude destruir melhor  
Do que a mim.  
Durante muitos anos  
Embora disfarçado  
De cristão ou de ateu,  
De professor ou de artista  
Eu fui um cidadão do mim.  
Não me acuso,  
Não me desdenho:  
Eu era assim.

As cidades eram assim.  
As escolas, a política,  
Os domingos, os estádios de futebol  
eram assim.  
Os jesuítas do meu colégio  
Faziam pessoas assim.  
As cicatrizes de família  
Costumam ser assim.  
Verdades ou desculpas  
Não faltam a mim —  
Pequeno cidadão a querer  
Dar um recado de justiça.  
E pros outros, piça.  
No caminho, algo se aprende.  
Já não dependo tanto de ordem  
ou de doses metrificadas

De harmonia.  
Olho sobre a mesa:  
Um gravador, uma pasta, um dado  
que eu mesmo fiz,  
Alguns papéis em decúbito dorsal  
Se oferecem a um copo de butiá.  
Duas pilhas gastas lembram velhas energias  
Enquanto um tubo de cola  
Apóia a caixa de fósforos vazia  
E a prestação da casa  
Dá um tom soturno à confraria.

Gosto destes objetos — porque são frágeis  
E exibem a fragilidade.  
Vejo neles minha mão, minha letra.  
Se a solidão me assalta  
Eles me fazem companhia.  
São o vivo testemunho



De mãos alheias:  
Do Japão ao Mar da China,  
De São Bernardo à Cochabamba,  
Há uma carta de Paris e uma foto de Lisboa,  
A Constituição americana e um recado à toa.  
E o poema de Agostinho Neto  
contracena com o de Fernando Pessoa.

Descubro, a passo de carreta,  
Que um poema deve se igualar à mão,  
À sua força de alavanca.  
Ali se chega  
Como um amante descobre o outro  
E ambos se fundem num só corpo.  
Ali se chega  
Como um navio entra no porto —  
Como à praça afluí a rebelião do povo.  
Como um pinto descobre o bico  
E sai do ovo.

---

*Auto-biografia precária*

**FLAVIO AGUIAR**

*aliás Flávio Wolf de Aguiar:*  
*Docente da Universidade de São Paulo,*  
*Junto à Faculdade de Filosofia e Letras.*  
*Publicou Sol (poemas), Ora pro nobis (novela)*  
*E Os homens precários (sobre o teatro de Qorpo-Santo)*  
*O pé 44*  
*Lhe deu fama de bom zagueiro*  
*E base para ser goleiro.*  
*Eleitor da mesa 463*  
*Da 1.ª Zona de Porto Alegre*  
*Usa barba e votou em Pedro Simon*  
*Para o Senado.*  
*Tem duas filhas e é casado*  
*Com dona Iole.*  
*Nasceu no Rio Grande do Sul*  
*Em 12 de maio de 1947*  
*De onde trouxe para São Paulo*  
*A ambição de ser piloto da Varig*  
*Ou soldado da Real Polícia Montada do Canadá.*  
*Ainda tem esperanças.*



## COLAR DE VIDRO

Flávio Aguiar

### I

Eu gosto de palavras gastas:  
De confeitá-las a meu gosto.  
De moldar-lhes novamente  
o rosto.  
Essas que tem a nobreza  
Da foto manuseada;  
Da página rasgada  
de tão lida.  
Palavras cuja realeza  
É socialmente definida.

### II

Detesto as finuras de escritório  
E as artes do poeta finório  
Que sabe onde tem o nariz  
E planeja a todo instante  
O epitáfio que tem por matriz.  
Vive em constante flerte  
Com o próprio verbete  
E as unhas já lustra e afia  
Se ouve falar em Academia.

### III

Eu gosto de palavras tortas  
Como as colheres de sopa.  
Eu gosto de palavras sujas  
Como a roupa amassada e rota.  
Palavras de pedra lisa  
do fundo do rio;  
Palavras de gritos roucos  
Que cortam a noite  
de fio a pavio;  
Palavras de ganidos loucos  
de cadela no cio.

Com estas pedras polidas,  
Os gritos, ganidos,  
Gemidos de amor,  
De parto ou de sufoco  
Que eu recolho ao acaso,  
Eu componho meu colar.  
Vou exibi-lo na feira de vaidades.  
Tenho orgulho dele.  
É nobre. É pobre.  
É só. É único.  
É sóbrio, é belo e triste e comovido.

É um colar de vidro.



#### IV

Por favor, não me obriguem  
A esbravejar um poema sobre a morte de García Lorca.  
Nem a oferecer miçangas  
Na feira das vanguardas.

Prefiro vender pipoca  
Na porta do circo  
Onde  
A vã guarda  
Briga com  
A reta guarda.

Esta para aquela não passa  
De uma horda populista;  
Aquela para esta é só  
Uma corja formalista.

Esta para aquela é quadrada.  
Aquela para esta é dissoluta.  
Esta para aquela já perdeu  
a parada;  
Aquela para esta  
é filha da puta.

E assim se dança ao léu  
E se ajuda a vender jornal.  
Na poesia eu gosto mesmo  
é de dançar can-can.

Da coisa cafona  
caduca  
híbrida

Que arreganha os dentes  
E mostra a língua  
bífida.

#### V

Eu daria todos os poemas de protesto  
Para ter sido uma palavra de Anita Garibaldi.  
Eu daria todos os meus dedos  
Para ter sido uma unha de Zumbi.  
Eu daria tudo o que tenho ou não tenho  
Para ter sido a voz do Capitão Sepé,  
Para ter sido sua mortalha  
Depois do massacre  
de Caaibaté.

Eu daria todos os poemas de protesto  
Para ter sido o braço de João Cândido  
Ou o charuto de Bertolt Brecht.  
Eu daria todos os meus dedos  
Para ser a mão de Isadora Duncan  
Dançando para os soldados russos  
depois da revolução.  
Eu daria tudo o que tenho ou não tenho  
Para ouvir da boca de Espartáco



O dia e a hora de começar  
o verdadeiro espetáculo.

Eu daria todos os poemas de protesto  
Para ter sido um glóbulo vermelho  
Do coração de Antonio Gramsci.  
Ou para consolar a dor de Federico  
em agonia.

Eu daria todos os meus dedos  
Para ter sido o primeiro ou o último  
a arrombar a Bastilha.

Eu daria tudo o que tenho ou não tenho  
Para ser o primeiro  
A arrombar a última Bastilha.

## VI

É isto: cafonal.

Alguns poemas  
Faço bem;  
Outros  
Faço mal.

E sei também  
Que não sou  
O tal.

É simples: cafonal.

De resto,  
Posso causar espanto,  
Mas tudo o que quero  
É que me deixem  
quieto  
No meu canto.

## DOIS POEMAS

*Paulo Leminski*

queima-me um beijo  
queima  
queima a suspeita  
quebra meu dia  
queima meu nome  
essa tempestade  
queima-me tanto

fogueira de restos do amor  
se pode  
que em meu peito teima  
que em tanta pedra explode  
que em fogo teu transforme  
a vida em tempo de poesia  
que me lembre sempre

o vento que me leva para a frente ventania

## GRANDE ANGULAR PARA A ZAP

*Paulo Leminski*

as cidades do ocidente  
nas planícies  
na beira do mar  
do lado dos rios  
feras abatidas a tiro  
durante a noite

de dia  
um motor as mantém  
vivas e acesas:  
lucro

à noite  
os fantasmas das coisas não ditas  
as sombras das coisas não feitas  
vêm  
pé ante pé  
mexer em seus sonhos

as cidades do ocidente  
gritam  
gritam  
demônios loucos  
por toda a madrugada

## **Dezenove publicitários burlam a censura.**

Livres da censura do marketing, da censura da pesquisa e da censura do anunciante, dezenove publicitários escreveram o Conto da Propaganda.

Orígenes Lessa, Ricardo Ramos, Antonio Torres e Domingos Pellegrini, entre outros, mostram nesse livro que publicitário sem censura realmente é ficção.

Não perca. Nas livrarias ou pelo reembolso: Vertente Editora. Rua Homem de Melo, 446, CEP 05007, São Paulo.

# TEORIA





## SOBRE POESIA E CONTO

### — UM DEPOIMENTO —

Paulo Leminski

#### SOBRE POESIA

Um avô poeta como exemplo, faço poesia, sem interrupção, desde que me conheço por gente.

Nunca quis ser outra coisa.

Aos 34, acho que tenho direito a algumas opiniões.

Minha poesia aventureira tem um passado de freira e de puta.

No ponto de origem, a empolgação pelo legado heleno-latino: Horácio, Ovídio, Catulo. Clareza e saúde mediterrânea.

A descoberta do haiku. Síntese e vazio zen.

O encontro com a poesia concreta, a vanguarda, o espaço, o ideograma, as linguagens industriais. O impacto de Maiakovski. Caetano, Gil, tropicália.

A mutação para letra de música popular. O coloquial. O cantabile. Humor/cartum.

Da poesia brasileira, menos.

Drummond, só uma dose simples para saber que barato que dá.

Cabral, por dever de ofício.

Oswald, já muito tarde para alterar rumos.

Com os demais, só contactos didáticos.

Nunca fui muito fanático por Fernando Pessoa, de quem gosto mais do processo do que do produto que, às vezes, me dá a impressão de mero ardil, saltos ornamentais numa piscina vazia.

Houve tempo em que fiz uma poesia rica. Mas era um Brasil de tão endividada.

Hoje, é mais pobre. Mas com menos dívida externa.

Evito a literatura.

É mitologia, ideologia, religião.

Procuro enxergar o texto à luz dos signos, da linguagem, da semiótica.

Poetas me interessam na medida da sua originalidade e coerência estrutural.

Faço questão de não me repetir, nem em saques nem em soluções

E sempre tive aversão natural pelo surrealismo, pelo metafórico, pelo arbitrário, pelo "profundo", pelo psicológico, pelo típico.

Me deixo enganar às vezes pelo bem feito e pelo bem acabado.

Mas estou alerta a que as coisas novas costumam pintar em estado inacabado, irregular, "errado", discutível, problemático, perigoso, "experimental".

Não é minha intenção fazer poesia voltada radicalmente para a construção, a produção de matrizes novas para uma sensibilidade nova.

No que faço, subsiste um componente acentuado de expressão, de comunicação, portanto. Isso só é possível com certo teor de redundâncias, de "facilidades", cuja dosagem controlo e regulo.

Mas não tenho obsessões. Não sou poeta de temas.

Tenho um horror pop a qualquer palavra que obrigue o leitor normal a ir ao dicionário.

O resultado deve ser raro, os ingredientes têm que ser simples.

Tem um difícil que é fácil. E um fácil que é muito difícil. Prefiro este. Contra os aparatos persas, diria Horácio.

João Gilberto é um dos nomes tutelares da minha poesia.

Uma poesia básica. Elementar como um abc ou uma tabuada.

Tamanho não é documento. No meu modo de ver, a brevidade pertence à essência mesma da poesia.

Detesto poesia dita profunda. Estou cagando e andando para a psicologia. Não tenho psique. Sou apenas uma besta dos pinheirais.

Na mesa da poesia, prefiro a carne sem gordura, os ovos crus, a água na temperatura ambiente, a voz natural.

Poesia tem que me surpreender. Poesia envolvente e insinuante me cheira a vigarice. Eu vejo logo o truque. Eu quero o susto e o eco do susto.

Criativamente, prefiro a companhia de programadores visuais e de músicos. Não consigo aprender nada com escritores.

Poesia, aliás, é território limítrofe entre o verbo e outras artes.

Ficção é literatura. Poesia, não. Um poeta, embora use palavras, está mais próximo de músicos e plásticos do que ficcionistas que usam, aparentemente, as mesmas palavras que ele.

E mais próximo da fonte da fala.

Os signos com que falamos pertencem a uma família de signos completamente distinta da família dos signos com que escrevemos.

Falamos com ícones. Escrevemos símbolos.

A fala tem valores de entonação, cadência, melodia: é icônica, como o desenho, a foto, o cartum, a dança, o judô.

A escrita é simbólica, arbitrária, esquizofrênica, repressiva.

O negócio da poesia é ficar brincando nas fronteiras.

95% da poesia que se faz e se publica por aí não tem nem 5% de poesia.

Começo a gostar da poesia de 70% para cima.

Fazem prosa empilhada em linhas. Se pelo menos fosse boa prosa!

O baixo teor de informação (estética) do texto brasileiro é relativo à nossa condição de nação periférica, obscurantista, colonial, lusa, patriarcal, católica, mais de imitar que de pensar e criar?

De qualquer forma, não acho que compactuar com o subdesenvolvimento e a redundância seja solução. E voto no 14bis de Dumont para totem da tribo.

Poesia da música popular pode ser inculta (até é bom que seja).

Poesia no papel tem que ser informada.

Os que defendem uma poesia desprevenida esquecem que os grandes poetas do Brasil têm sido intelectuais de amplo saber e múltiplos interesses (Bandeira, Drummond, Cabral, Murilo, sem falar em Mário).

A única exceção aparente é Oswald. Oswald é outro papo.

Mas penso que excessivo amor aos símbolos é amor à morte.

Prefiro a vida, esse signo sempre incompleto.

Poesia, para mim, tem que ser alegria e esperança. O puro júbilo do objeto, esplendor do aqui e do agora. Ou a canção assobiada que ajuda a caminhar nas estradas, na viagem rumo à Utopia.

Cedo me dei conta que poesia não altera porra nenhuma do real histórico.

Quem quer fazer da poesia bandeira de guerra ou tribuna, errou de profissão e escolheu o instrumento inadequado.

Não que a poesia não possa brotar do político ou do social, mais explícitos. Pode. E até acho que deve, num país como este.

Mas que pinte no modo específico da poesia, no ser da linguagem.

Querem transportar a gravidade dos temas que abordam (o operário, a miséria, a fome, a desgraça) para sua poesia. Mas um poema convencional continua medíocre mesmo que invista contra toda a opressão do mundo. Fenômeno mais de sociologia da literatura que de poesia, a imensa maioria dos poemas sociais que se vê por aí serão um dia apenas índices do estado de espírito de nossas elites escrevedoras nesta quadra feia e triste de nossa história.

Que ficou da imensa literatura e poesia abolicionista e republicana que tomou conta do Brasil no final do Império?

A poesia fala uma língua. A História, outra.

Traduções são possíveis mas sujeitas ao estatuto de todas as traduções: infidelidades, erros, equívocos, más interpretações.

A poesia redundante, banal, presa a veículos convencionais, é mais provável. E vai prevalecer quantitativamente, sempre.

Mas é totalitarismo querer que todos façam a mesma coisa.

Ótimo que alguns façam coisas extremas, estranhas, difíceis.

Maravilha que o pessoal todo admitisse que algumas pessoas façam coisas diferentes, especiais, fora do igual.

O que a gente vê é uma intolerância monolítica dos setores mais politizados e progressistas (pelo menos, da boca para fora) em relação aos criadores mais independentes e dissonantes, como Caetano e Gil.

Não tem um jeito só de ser radical.

Quem não teme, não oprime. Nem reprime.

Aqueles que vivem legislando "o poeta deve", "o poeta não pode", "isso não é poesia", "poesia tem que ser assim ou assado", nada entendem de poesia e querem apanhar o vento com rede de caçar borboletas.

A poesia, vida, linguagem viva, vaza por todas as frestas.

É disso que o povo gosta.

### SOBRE CONTO

O conto democratizou a literatura no Brasil.

É o volkswagen dos gêneros, aquele que pôs a classe média sobre quatro rodas.

Com o triunfo do conto, todos podem pensar em ser escritores, entrar na literatura, ingressar nessa carreira com mais passado que futuro.

A poesia é muito rara, muito difícil, muito sacrificada.

O romance é muito longo, exige capacidade de orquestração, domínio do todo e das partes, fôlego de mergulhador, paciência de beneditino, coisas difíceis de encontrar por aí.

O conto é a solução.

Contar uma história é a maneira mais óbvia de estruturar um texto.

Mas há um infinito de maneiras

Por que preferir o óbvio ao infinito?

O nascente e crescente público consumidor de textos não-práticos assim o quer.

O tempo anda tão caro e tão escasso, para que complicar a vida das pessoas?

Entendo que muitas coisas estejam se passando sob as espécies de conto: política, conquistas de linguagem, ampliação de mercado.

Mas acredito, com Décio Pignatari, que, no conto, interessa o que não é conto.

Interessa o que é outra coisa: signo, violação, flagrante delito.

A fordiana produção em série de contos obedecendo a uma mesma programação (com variantes insignificantes) que vemos hoje deverá crescer até o processo produzir, por extrema redundância, contradição interna e arrebentar em nova síntese, imediatamente canonizada como a nova ordem.

Fundamental o papel que o conto está desempenhando no sentido de firmar o nome de escritores brasileiros, movimentar o mercado editorial e livreiro.

Nesse sentido, o conto merece o que está acontecendo com ele: está em vias de se transformar em sinônimo de literatura, no Brasil.

Calculo que, para cada 20 novos contistas que surgem, surge um poeta.

Vocações para romancista também são mais raras.

Mas essa nossa emergente prosa de ficção apresenta nível de redundância e banalidade estrutural só comparável ao do soneto no passado.

O conto é o soneto de hoje.

O soneto também foi veículo cômodo e portátil para divulgar e generalizar a prática e o consumo da poesia.

Afora isso, está sendo muito pequeno o contributo do conto para o progresso do texto de imaginação entre nós.

Nossa prosa não agüenta confronto com os latinoamericanos, mais atrevidos na concepção e na realização, mais surpreendentes, mais corajosos na inovação.

E a vida, que vocês tanto falam?

Quem escreve como se escrevia há 20 anos atrás sai de livros de literatura, não da vida. Inovar! Aprendam com a vida, que é mãe inesgotável de processos, formas e estruturas.

Parte da resistência da inteligência letrada o nosso estado de coisas está se fazendo sob a pele do conto.

Pena que essa resistência se dê, na maior parte, através de conteúdos muito previsíveis, por intermédio de recursos, soluções e efeitos herdados passivamente e não questionados.

Quase não se vê ninguém nas trincheiras da linguagem.

E a cerração da redundância torna mais escura esta noite que sabe Deus quanto tempo ainda temos que sofrer.

---

Na

## Livraria Escrita

o autor nacional tem sempre

um lugar na prateleira

Rua Dr. Homem de Melo, 446 - Perdizes

Fones: 62-3699 e 262-8861

05007 - São Paulo (SP)

E mais:

aceitamos pedidos de reembolso

e

funcionamos à noite

---

## IMPOTENTES EPIGRAMAS ANTROPOFÁGICOS

Flávio R. Kothe

- O Nativismo não é o amor do nativo pela sua terra natal.
- O Nativismo é a luta do nativo contra a sereia européia.
- O Nativismo é a vergonha que quer ser orgulho para tapar as suas vergonhas.
- O Indianismo é um Nativismo.
- O Indianismo nada tem a ver com o índio.
- O índio do Indianismo é um branco português-francês enfeitado com penas e solto no mato.
- O Indianismo enquanto um Nativismo é a inverdade do Indianismo.
- A mentira do Indianismo é a verdade da Literatura Brasileira, isto é, a sua inverdade.
- O Indianismo não é a literatura do índio.
- Não há literatura do índio. Literatura era coisa do branco, não do índio ou do negro.
- Não há literatura do índio. Há literatura do branco sobre o índio, ou melhor, literatura do branco e para o branco sobre o que ele queria que se imaginasse que o índio era.
- Não há literatura do índio. O índio na literatura — mesmo que ela procure ser a favor do índio — é um índice da dominação do branco sobre o índio.
- Ver o que a literatura do branco fez com o índio deveria ensinar-nos a desconfiar da literatura.
- Condenar o conceito de raça devido ao arianismo já serve, hoje, para escamotear a dominação e a destruição que a raça branca exerceu sobre as raças negra e vermelha.
- Depois da destruição é fácil falar a favor da miscigenação.
- Também a Antropologia é uma dominação do branco sobre o índio.
- No Brasil-Colônia, padres e portugueses aparentavam posições opostas quanto ao índio. De fato fizeram apenas uma divisão racional do trabalho: os primeiros realizavam no plano espiritual a mesma destruição que os segundos realizavam no plano social.
- Conversão à fé cristã e salvação para o Reino de Deus: conversão dos fatos em seus opostos.
- De fato o branco foi o selvagem, e o selvagem foi o cordeiro sacrificado.
- José de Alencar é o Duque de Caxias da literatura.
- Enquanto o Brasil for o país que se orgulha de seu nome ser originário do pau-brasil, isto é, a madeira que o português vinha arrancar aqui para lucrar lá fora, não haverá literatura Brasileira.
- Aquilo que se chama de Literatura Brasileira (com iniciais maiúsculas sim senhor!) tem uma função mais ideológica do que estética.
- Enquanto o Brasil for dependente no plano político e econômico, qualquer formulação em torno da brasilidade literária será sempre ideológica, dominada pelo exótico.
- Exótico é o que o estrangeiro procura no estrangeiro por não tê-lo em sua própria terra.
- Exótico é o que o nativo crê ser o seu traço mais específico quando não passa de um índice de sua dominação.
- As palavras servem para esconder os fatos.
- O que se chama de independência pode ser uma mera troca de dependência.

— Uma literatura que encontre a sua culminância numa obra como *Grande Sertão: Veredas* só pode ser uma literatura atrasada.

— *Grande Sertão: Veredas*, girando totalmente em torno da existência de Deus e do diabo (o primeiro com maiúscula, o segundo só com minúscula), já vinha, ao ser escrito, com mais de um século de atraso filosófico.

— *Grande Sertão: Veredas* deveria ter começado onde terminou: na constatação de que Deus e diabo não existem, que o que existe é homem humano.

— *Grande Sertão: Veredas* é uma cobra cujo rabo ferrou sua cabeça e cuja cabeça mordeu o rabo. Todos crêem que isto seja um infinito, quando não passa da soma de dois zeros.

— Um escritor que morra de emoção por ingressar na Academia Brasileira de Letras realmente não pode ser levado tão a sério.

— Hoje, escrever sobre *Grande Sertão: Veredas* já revela total falta de imaginação e de assunto.

Brasília, dezembro de 1977

---

## REGISTRO

### CONCURSO MENSAL

#### REGULAMENTO

1 — Nesta seção registramos todo o material remetido à nossa redação, através dos pseudônimos dos seus autores.

2 — Os contos e poemas devem vir acompanhados de pseudônimo, nome completo, n.º do CPF (pode ser também do responsável), n.º da carteira de identidade com indicação do órgão que a emitu e da localidade, endereço e no mínimo 10 linhas com dados pessoais ou um depoimento do candidato.

3 — Enviem apenas um conto e/ou três poemas por vez. Limite máximo para conto e poema: 300 linhas.

4 — Os trabalhos, em três vias, devem ser datilografados em espaço duplo e numa só face do papel.

5 — Os contos-notícias (isto é, contos tendo como pontos de partida notícias de jornais ou revistas) e as estorinhas (destinadas ao público infantil-juvenil), da mesma maneira, são regulados pelas normas acima.

6 — Os trabalhos dos autores incluídos neste registro já foram lidos e analisados. Os que estão em **negrito** tiveram trabalhos aprovados e poderão ser publicados em próximos números da revista, dependendo de espaço.

7 — Autores selecionados só terão nova oportunidade a partir de seis meses da publicação dos seus trabalhos.

8 — O não-cumprimento das normas acima implica automaticamente em eliminação.

9 — Cada um dos autores publicados receberá uma assinatura anual da revista.

10 — Selecionamos bimestralmente o melhor conto e o melhor poema, para publicação na revista.

## COMO É VISTA A CRIANÇA NA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA

*Fanny Abramovich*

Fazendo, há pouco tempo atrás, um levantamento sobre a visão do mundo que é dada à criança, através da literatura infantil nacional (o mundo em que vive, sua ética, seus códigos, os ideais a serem atingidos, os perigos dos quais deve se afastar, e outros cuidados a serem tomados a fim de que se evite o máximo possível um contato real e verdadeiro com as pessoas e com o mundo), li perto de 100 publicações, me restringindo ao encontrado hoje, nas livrarias que tenham estante para crianças. (\*). E ficou a curiosidade em saber que tipo de criança é esta, que personifica estas histórias: como é construída, sentida e pensada por seus criadores.

De início, a constatação de que, invariavelmente, é de classe-média (ou quiçá, proveniente da nobreza, tendo a cabeça coroada...). Se pobre, ou é contraponto do herói, ou enobrecido por sua bondade, delicadeza e passividade, que lhe permitem entrar no reino das "crianças felizes"... Desnecessário dizer que é branco (se de cor, com funções e ações subalternas, encarregado dos vexames do grupo, mal dotado e evidentemente, também pobre...).

Em geral, também é menino e, neste caso, com direito a certas inquietudes, curiosidades e enfrentando situações, embora percebendo a tempo que estas andanças independentes acabam por provocar arrependimentos incríveis, seguidos de pedidos de desculpas (aos pais mais moderninhos, pouca coisa) ou perdões desolados (aos pais usuais...). Se meninas (em muito menor número), já sabem desde cedo das suas graças e encantos, desenvolvem suas prendas, são verdadeiras "mulherzinhas" indecisas, inseguras e dependentes; ordeiras, limpas, cuidadosas, pacatas e obedientes (com as raras e honrosas exceções de praxe).

O medo é outra constante: de aventurar-se, de sair, de procurar caminhos... E é estranho que estas crianças (em 1970!!!) não tenham a sua agressividade colocada para fora (quando surge, é sádica e covarde) e não aquela saudável de quem se põe no mundo.

Pouco curiosas também estas crianças... A bem da verdade, quando a inquietação surge, em geral é punida e bravamente! E pouco críticas: ouvem os maiores disparates com ar de quem escuta as palavras clarificadoras de um sábio, sem um risinho de deboche ou de dúvida... Aliás, a clareza que têm sobre o poder (da família, da escola ou de qualquer autoridade de plantão) é indiscutível (tanto a noção, como da impossibilidade de se lutar contra ele!).

Na maioria das vezes, a criança é apresentada como incompetente, incapaz de resolver uma situação, por mais banal e corriqueira que seja, sem que intervenham poderes mais consolidados e de reputação imaculada (mães, pais, professores, padrinhos, avós, fadas, milagheiros ocultos, elementos da natureza, forças do destino, poções poderosas), enfim, qualquer coisa e/ou pessoa que não seja a própria criança e/ou a atitude que ela tomou. Embora a criança seja responsabilizada por todas as catástrofes que a cercam.

Quando a criança luta por algo seu, em geral, no sub-texto é apresentada como uma chata. Persistência passa a ser antônimo de insistência...

E, por incrível que pareça, neste quadro tão vivificante e de tamanha compreensão de todas as nuances do universo infantil, ela é apresentada como uma criança feliz, que vive num mundo bonito, arrumado, feito pra ela, onde todos a compreendem tanto e a valorizam mais ainda... Raramente tem

angústias, decepções, dúvidas, porque — parece — vive num mundo outro, diferente deste no qual habitamos...

E mesmo, se considerarmos o grande crescimento de inúmeras cidades brasileiras, parece que esta criança vive — em geral — em pacatas cidades interioranas, ou em tranquilos bairros de metrópoles, mas raramente afetadas pelo rebuliço, angústia e aperto de um centro urbano... As casas, em geral, têm jardins agradáveis onde nascem flores esplendorosas, o espaço parece ser amplo, o sufoco do apartamento inexistente, o barulho da cidade nem é contraponto, o trânsito flui, o andar das pessoas é compassado... E continua-se mentindo sobre a aventureira vida bucólica, propondo-se uma civilização pastoril, sem devastações de espécie alguma e onde a felicidade existe no contato com os animais e o ar puro... Falar da cidade, do urbano, do lugar onde *de fato* a criança mora e possivelmente morará sempre, nem se cogita (com as poucas e honrosas exceções de sempre). Enfim, o adulto-escriptor relembra a sua infância e a repropõe algumas décadas depois, para gerações que já nascem em outras fronteiras...

Vejamos, com alguns textos selecionados dos livros lidos, como se colocam estas considerações:

### DAS CRIANÇAS CORDIAIS

*De como se delineia o "lay out" de uma menina e de como estas qualidades são atinentes à nobreza:*

"Assim foi que, com o lindo nome de Lunalva, a menina foi crescendo. Era branca como o luar, e tão delicada e meiga, que todos a tomavam por uma princesinha". (1)

*não se esquecendo de qualidades intrinsecamente femininas, como a meiguice, mesmo que reforcem uma absoluta falta de critérios e que dêem uma garantia de felicidade um pouco duvidosa:*

"Shandi, a princesinha, era o contrário do pai. Meiga, amiga dos pobres, tinha um coraçãozinho cheio de bondade. Amava tudo que fosse belo e bom. Por tudo isso, Shandi estava sempre feliz!" (2)

*e tendo sempre claro que é preciso ter noção da classe social a que se pertence e quais os direitos que ela permite, mantendo-se no padrão por ela estabelecido:*

"Como mudou, então, a vida de Jorge e Lunalva! Não comiam mais coisas gostosas, quase só recebiam pão duro, com café frio e amargo. A nova fazendeira ordenou-lhes que despissem as roupinhas finas e bonitas que vestiam, dando-lhes outras, velhas e rasgadas. Dizia que gente pobre não pode ter luxo" (3)

*Meninas cordiais são meninas prendadas... à graça correspondem as habilidades, e a feliz conjugação dos dois fornece elementos para a compreensão e o exercício da maternidade...*

"Vocês precisam ver como é engraadinha a nossa princesa! Cuida tão bem de suas bonecas! Até parece uma mãezinha de verdade! Costura e borda todos os vestidos delas. Essas bonecas são mesmo de sorte. Até parecem princesas!" (4)

*Crianças meigas e educadas são sempre ajudadas, mesmo que peçam a estranhos que as levem à cadeia...*

"Jorginho perguntou a um homem que passava, onde ficava a cadeia. O homem tinha muito bom coração, de modo que tomou as crianças pela mão e as levou até a porta da prisão. Ali se achava um soldado, que conduziu os pequenos à enfermaria em que seu pai se encontrava recolhido. Todos tinham vontade de ajudar aquelas crianças boas e meigas, crianças educadas que nunca se esqueciam de agradecer os favores, que os outros lhe faziam". (5)

*E não esquecer jamais que a pureza de um coração infantil não só opera milagres, como ilumina mentes adultas e as transformam em pessoas felizes...*

"Compreendeu (O PAI E REI) que era um verdadeiro milagre ter sua filha, tão pequeninha, apenas com a pureza de seu coração, realizado o que



valentes e fortes guerreiros não conseguiam fazer. Abraçou sua querida filha chorando. E desde, este dia, transformou-se num rei justo, bom e carinhoso. E assim, foi feliz por toda a vida.” (6)

## DAS CRIANÇAS PASSIVAS E DAS TRANQUILAS

*Existe também a criança passiva, pouco crítica, que ouve qualquer comentário mal alinhavado como se fizesse sentido, e sem emitir qualquer opinião:*

“Então contou ao filho a lenda do antigo castelo, segundo a qual o dono, que levava uma vida de dissipações e que era muito mau, morrera enforcado em uma das salas do castelo. Isso ensina que quem vive mal, acaba mal, recebendo merecida paga. A lenda que narrei a você deve lembrar-lhe sempre que quem não cumpre com os mandamentos cristãos e se esquece de Deus, termina seus dias de uma maneira desastrosa”. (7)

*É — às vezes — tão passiva, que aceita a rejeição, o abandono, a solidão, sem nenhum protesto ou pedido de afeto:*

Uma noite foram todos ao cinema. Todos não — menos o Juquinha, que estava com muita tosse e a noite estava tão fria...

— Você fica bem quietinho, meu amor? — perguntou-lhe a mamãe. Vá estudar um pouco... depois você poderá brincar com o seu jogo de paciência, com os seus soldadinhos e, quando eu voltar, quero encontrá-lo na caminha. Vou trazer-lhe um presente que você só receberá se tiver muito juízo.” (8)

*Bem diferente da criança que sabe ser contemplativa e sabe se propor questões, que sabe ficar só e percebe a necessidade do adulto ficar só, sem que isto implique em rejeição ou passividade:*

“Agora eu estou aqui em casa olhando o jardim. De noite eu vou olhar as estrelas e pensar que talvez mamãe não vire planta, coisa da terra, mas uma estrela qualquer desse universo sem fim. Papai está na sala olhando as paredes acho que quer ficar sozinho para pensar na nova vida que vamos começar sozinhos, nesta casa sem mamãe”. (9)

*E mesmo bem diferente da criança que sabe o que é seu, e sabe também de seus limites perante o irmão maior:*

“Meu irmão diz que foi ele que achou o caco de vidro que é guardado separado. Mas é mentira dele, fui eu, e guardei lá na casinha do tanque, junto com os outros. Mas meu irmão é maior do que eu, foi lá e tirou. E guardou junto com as coisas só dele. E pôs nome nele: o rei dos cacos”. (10)

## DA CRIANÇA INQUIETA

*Mas — louvados sejam os céus — existe a criança que procura, que busca, que duvida do que lhe é dado ou proposto. E que tem suas opiniões próprias:*

— Minha filha, isso não é da sua conta.

— Sabe, mamãe, na minha opinião, tudo é da conta de todos. Justamente isto é que dá um trabalho.

— Minha filha, você não será muito pequena para ter tantas opiniões? Tenho medo que faça mal à sua saúde!

— Não se preocupe, mamãe. Desde os três anos de idade, eu comecei a ter opiniões. Agora, estou com dez, de modo que tenho sete anos de prática.” (11)

*Ou que é observadora, sabe analisar criticamente as atitudes dos adultos e explicar — com sua própria ótica — o acontecido:*

“Parece que a vaca estava com sede. Também, coitada, só tinha comido os ovos e o papel de embrulho. Ninguém lhe havia dado nada para beber. Não porque minhas tias não fossem pessoas muito hospitaleiras, mas com certeza não sabiam o que uma vaca prefere. E sem dúvida sentiam-se constrangidas em cometer alguma falta de polidez em relação ao pobre animal. Bastava a inabilidade da tentativa de oferecer-lhe o garrafão-mamadeira.” (12)

*Ou que garante as suas afirmativas, buscando e acabando por achar o objetivo de suas procuras:*

— “Ela sumiu, pai”. Eu procurei com cuidado o lugar onde a plantinha estava. Eu tinha certeza que era ali. Abaixei e remexi no meio do capim. Tinha uma coisa alta ali no meio.

— Pai! Mãe! Olha aqui, ela está nascendo de novo! Era verdade. Tinha duas folhinhas saindo de um caule muito pequeno escondido no meio do capim. Papai olhou e riu. Mamãe riu também e olhou para papai com o riso parado no rosto. Então os dois se abraçaram e começaram a se beijar.” (13)

*Ou daquela que levanta novas questões, sem medo de enfrentar suas dúvidas e sem medo de não encontrar respostas prontas e “certinhas”:*

“Fiquei deitado, cansado, triste, ouvindo. E pensando, também. Pensei que, apesar de tudo, gosto muito de algumas pessoas. Será que terei que escolher entre elas, como meu pai? Então é assim? Na vida a gente escolhe umas pessoas e deixa outras? Como time de futebol? Como roupas ou brinquedos, numa loja? Como viajar ou ficar? É assim? Será assim?” (14)

### DA CRIANÇA INCOMPETENTE

*Há vários registros sobre a incompetência da criança, a sua impossibilidade de resolver problemas por mais triviais que sejam, a sua dependência adulta... Há sínteses perfeitas: incompetência + passividade + esperança que o adulto chegue para resolver a situação:*

Muitas vezes Jorge teve vontade de fugir com a irmãzinha. Mas não conhecia os caminhos e além disso não desejava desobedecer à mamãe. E assim ia esperando pacientemente, até que ela voltasse”. (15)

*Há aquela que acaba por odiar simplesmente o problema, evitando qualquer comprometimento, como proposta de vida...*

“Não sabia como resolver o caso. Ficou pensando, pensando, até que falou: — Então, então... Não sei como será! Olhe, tenho uma idéia! Fique uns dois dias aqui comigo. Mas só dois dias, hem!

— Posso ficar até mais, princesinha. Ele nem dará por minha falta!

— Não amiguinho. Somente dois dias. Nada de complicações! Nada de complicações, está me ouvindo bem?” (16)

*Ou mesmo aquela que desiste pela eventual dificuldade de uma possível explicação... Enfim, nenhuma tentativa de esforço ou de pensar em alternativas...*

“No dia seguinte acordou ainda mais enraivecida. Só pensava numa coisa: livrar-se da cachorrinha. Mas como haveria de livrar-se dela? Pensou em levá-la de volta para a cabana da salina. Desistiu, porém, da idéia, achando que seria difícil explicar à madrinha a razão de rejeitar a incômoda companhia que ela lhe arranjava.” (17)

*No seu hino de guerra, dois meninos que se proclamam heróis da confusão, declaram não ter medo de nada, salvo do castigo dado pelos adultos... Estranha noção de coragem...*

“Nós somos Bilino e Jaca/ — os heróis da confusão./ Andamos com a nossa faca/ e com o bodoque na mão.

Não temos medo de nada.../ Nem de cobras, nem de bois/ Mas a uma sova bem dada/ fugimos, de medo, os dois!” (18)

*Mesmo sendo pressionada afetivamente, a noção clara de propriedade alheia faz com que uma criança não se permita ter algo que não seja seu (mesmo querendo) e nem que procure um caminho para isto:*

“Princesa Rosinha, eu quero ser o seu brinquedo. Quero ser seu brinquedo. Quero morar com você. Posso?

— Ora! Bem... você poderia... mas não deve! Você não é meu! Você tem dono! Mas, eu bem que gostaria!

— Meu dono não gosta de mim. Não agüento mais aquela vida! Sempre jogado! Rolando feito um vagabundo! Que fazer?” (19)



*E, até mesmo para brincar do jogo mais espontâneo de toda criança, que é o jogo da transformação das coisas, o jogo do "vira-vira", precise da intervenção de um adulto:*

— "Quero cinco bonecas. Uma para cada dedo da mão.

— Sim, Senhorinha — respondi.

— Mas quero boneca que se mexa, que fale. Boneca bonita!

Então eu botei em cima da mesa cinco paus de fósforos. Gritei: — Abra-cadabra! Os cinco paus de fósforo se levantaram, e foram crescendo, crescendo e ao mesmo tempo se transformando em bonecas. Quando ela quis dizer: "Que lindo:" não teve força, porque bem na frente dela se viam cinco bonecas." (20)

## DA CRIANÇA QUE ENFRENTA SITUAÇÕES

*A criança incompetente se contrapõe aquela que sabe resolver suas situações-problemas. Aquela que resolve com humor, enfrentando com o inusitado:*

"Os dois começaram a cantarolar para disfarçar o medo. O tubarão, que vinha de boca aberta, quando viu que ninguém tinha medo dele ficou muito ofendido e abriu uma bocarra de todo o tamanho.

— Você está com mau hálito — disse Clarinha — precisa tratar destes dentes. Mamãe disse que dentes estragados dão mau hálito.

— Você sabe de algum dentista? — perguntou o tubarão muito aflito.

— Só conheço dentista de gente.

— Será que ele não poderia tratar dos meus dentes?

— Vou perguntar a ele — disse Clarinha — mas tenho cá minhas dúvidas, tenho a impressão que você não vai caber na cadeira do consultório dele... A não ser que ele faça uma cadeira especial para tubarões com dentes cariados e que sofrem de mau hálito, não podendo assim exercer a profissão.

— Está bem, então quando eu obturar meus dentes eu voltarei para comer vocês. Adeus e obrigado pela sugestão de ir ao dentista. E foi embora pensativo." (21)

*E também aquela que resolve de maneira inventiva, poética e que assume a sua criação:*

— "Mamãe, que beleza! Você está parecendo a Fada das Sete Madrugadas!

— Quem é essa? Não me lembro dela!

— É uma fada que eu inventei.

— Fada não se inventa, minha filha. Fada existe ou não existe.

— Pois eu inventei a Fada das Sete Madrugadas agorinha mesmo e aposto que ela já está existindo." (22)

*E também aquela que enfrenta o irremediável, sofrendo, se perguntando e se dispondo a encontrar o novo caminho:*

"Mas agora eu quero ficar aqui olhando o jardim, quem sabe imaginando que tipo de flor mamãe seria quando nascesse outra vez. Ela tinha um jeito de rosa, mas era tão branca e fina... Não sei mesmo como vão ser as coisas sem ela, mas coisas têm de ser assim e assim serão." (23)

*E ainda aquela que insiste no que quer, que procura obter de qualquer maneira a experiência prometida:*

— "Olha, mãe. Nós vamos no Rio das Velhas.

— Uai, querido — disse a mulher para o homem — você resolveu?

— Ainda não.

— Oh, pai — o menino protestou.

(...) — Fala que nós vamos, pai — insistiu o menino.

O homem sorriu. O menino deu um salto na cadeira.

— Aonde é que você pensa que vai?

— Vou arrumar minhas coisas, mãe." (24)

*E aquela criança que acredita no seu universo mágico, na sua fantasia e que acaba por convencer toda a família da existência de sua criação:*

"Ficaram todos tão embevecidos com o boi voador que nem notaram que de repente toda aquela beleza virou surpresa. Ele sentou para comer, e beber com a fome e a sede de quem acabava de muito voar e brincar. No prato só tinha um bife — o que Pedro tinha guardado para ele. Mas o Boi Voador logo deu um jeito.

Da irmã de Pedro comeu o feijão. E todo o arroz de seu irmão. Do prato da mãe, raspou a salada. Da verdura do pai, não sobrou nada. O avô ficou sem a laranjada. E a avó, gulosa e aflita, ficou fazendo beicinho sem a batata frita. Só Pedro comeu direito. E ria à toa, o gozador: — Pra vocês todos, bem feito! Quem mandou rir de Boi Voador?" (25)

*Embora também existam propostas de encontrar soluções através de chantagens e mentiras, desrespeitando cansaços e desânimos:*

"Afinal, cansados de caminhar, sentaram-se. Lunalva, com sono, começou a chorar, mas Jorge, para animá-la, começou a contar-lhe histórias e a prometer-lhe bonitas coisas, se ficasse quietinha. Depois continuaram a caminhar." (26)

*E mesmo propostas de sadismo, ou desrespeito absoluto, de agressividade descontrolada, quando se sente ciúmes da irmã, dando-se a este brejeiro entrevero um leve toque de "traquinagem"...*

"Enquanto Zizinha se embebia na leitura, Bilino, com o auxílio de Jaca, amarrara uma corda na perna da irmã, e, na outra extremidade, dera um laço, prendendo o pescoço de Boneco. Quando sentiu que era o momento, jogou o gato em cima do cachorrinho... Zizinha recebeu ferimentos na perna, machucou-se no braço e, em consequência do tombo, ficou com o vestido rasgado. Foi um custo danado para se livrar da corda e para se ver livre das unhas do gato e dos dentes de Boneco (o cachorro)." (27)

## DA CRIANÇA DESOBEDIENTE

*Há que se fazer comentários sobre a criança desobediente, aquela que viola o código de boa conduta e que perpetra o maior dos crimes, ao se afastar das regras familiares. É evidente que este crime — o da própria procura! — tem que sofrer toda espécie de punições para que se perceba a inutilidade de qualquer espécie de busca. Recomenda-se também que venha seguido de um arrependimento total e de um profundo sentimento de culpa por ter ocasionado preocupações...*

"Quantos meninos como vocês encontraram sua perdição por não serem obedientes e não fazerem caso dos conselhos dos pais! Antônio, emocionado, chorando arrependido, pediu perdão a seus pais por havê-los feito sofrer e depois de beijar e abraçar também a sua irmã, retirou-se para ir deitar-se." (28)

*Lembrando também que um gesto de humildade e de pedido de perdão afasta a ameaça do castigo corporal... não é necessário que se reflita sobre nada, basta ajoelhar-se...*

"Pobre Juquinha! Todos contra ele! Que sova tremenda!

Mas quando ia ajoelhar-se para pedir perdão a todos — prometendo não ser mais desobediente, eis que todas aquelas pessoas desaparecem, como por encanto." (29)

*A desobediência implica em surras e abstinências... A delação, não... No edificante exemplo, a irmã delatora é premiada por sua atitude...*

"A menina saíra antes e correu para casa, contando tudo a "Donana". Quando chegou, Bilino foi castigado com nunca: levou uma dúzia de chineladas, que doeram de fato, e ficou com água na boca, vendo a irmã saborear os favos de mel..." (30)

*E, se a desobediência causa transtornos e — até mesmo — catástrofes, é preciso que se delate o culpado para que pague por todo o mal causado... No caso, o menino que o criou:*

"Por ser desobediente/ em boneco, de repente,/ um menino me tornou!/ Se fiz correr toda gente,/ Se fiz tudo rodopiar.../ Por certo que agora vou/ mostrar quem deve pagar..." (31)

## DO COTIDIANO

*O cotidiano da criança, seus pequenos rituais próprios, suas coleções de coisas inúteis e tão pessoais, sua organização afetiva de objetos afetivos, raramente é tratada... Um dos poucos exemplos deste saber andar no universo infantil:*

"Então, todas as tardes, antes de irmos para casa, nós afastamos as tábuas, entramos dentro do tanque, e guardamos, em mesinhas feitas com pedacinhos de outras tábuas e tijolos, os cacos do dia. Quase todos estão lá. Falta um só, pequeno, branco, com listas cor de rosa que meu irmão insiste em dizer que são de outra cor. Esse ele guarda separado, dentro de uma caixinha pequena, que é guardada dentro de uma caixinha grande, junto com muitas outras coisas só dele: pedrinhas, penas de passarinho, apitos, felipes de café, que são dois grãos de café juntos, pedacinhos de cuia com goma esticada que chamamos de viola, e caixas e mais caixas de fósforos." (32)

## DA CRIANÇA INTELIGENTE

*E, finalmente — o último registro — o da criança viva, inquieta, perceptiva e inteligente. Elas existem!!*

*A criança que percebe o inusitado, que procura o novo e acaba por ser valorizada por esta razão:*

"Distraído, coisa nenhuma. Ele sempre vê cada uma. Em vez de prestar atenção a tudo que está na cara, Pedrinho liga é para as coisas em que ninguém repara". (33)

*A criança que sabe refletir sobre o seu cotidiano e tirar conclusões e ilações dele:*

"É apenas sua tia Maricotinha sovando a massa para preparar pão. Todos os dias, tia Maricotinha fazia aquilo. E sempre a casa parecia estremecer. Mas, afinal, não se pode levar a sério o que virou costume, daí nem nos importamos." (34)

*E a criança ágil, rápida, que acompanha e aproveita de imediato o raciocínio e a argumentação do pai:*

"— Não sei. Eu também, como você, não sei muitas coisas. Ou você pensa que filho sabe tudo?

Rimos muito, ele me abraçou. — Você aprende as coisas muito depressa." (35)

Meu Deus, como é diferente a criança — em geral! — que conheço, desta que é retratada na literatura que se dirige a ela. A criança viva, curiosa, que explora e quer conhecer o mundo que a rodeia, que procura ter seu próprio conceito das coisas e pessoas que a cercam, que duvida, que indaga, que procura catalogar, que se mexe, que é agressiva, respondona, saudavelmente mal-educada, pronta pra briga... Uma criança de centro urbano, estimulada por todos os elementos que compõem um centro urbano e é paralelamente sufocada por ele... Que quer as coisas e tenta — com suas possibilidades — conquistá-las... Que anda pouco pelas ruas, mas tem noção do universo... Que convive com a mais moderna tecnologia e desconhece um animal doméstico... Que está cercada de estimulações escolares e extra-curriculares; que tem um dia cheio de atividades e uma agenda rigorosa a cumprir (de aulas de todas as espécies de coisas), e pouco tempo para brincar, que trabalha em grupos na escola, e fica sozinha em casa... enfim, que vive um cotidiano repleto de contradições: de permissividades e autoritarismo, de consumismo e

falta de dinheiro, de famílias desestruturadas e rígidas, de verdades e fés abaladas, enfim, um mundo confuso e com adultos em crise... Não são estes os problemas que se discute com ela, não é este o mundo que se procura explicar para ela e, muito menos, é desta criança que se fala: é de uma outra, nascida há 30-40 anos atrás e não a que deveria ser preparada para agir no ano 2.000... Enfim, uns 70 anos de defasagem...

A minha curiosidade, em saber como era vista esta criança, foi saciada... E a curiosidade da criança, quem responderá a ela?

São Paulo, 26 de abril de 1978

## LIVROS CITADOS

- (1) — Mary Buarque - *LU-NALVA* - Ed. do Brasil - SP - ano???
- (2) — Maraly - *SHANDI* - Ed. Melhoramentos - SP - 5.<sup>a</sup> ed. - ano???
- (3) — v. n.º 1
- (4) — Chloris A. de Araújo - *O PALHACINHO FUJÃO* - Ed. Paulinas - SP/76
- (5) — v. n.º 1
- (6) — v. n.º 2
- (7) — Schmid - *O PASTOR-ZINHO* - Ed. do Brasil - SP - ano???
- (8) — Mary Buarque - *O BO-NEQUINHO DE MASSA* - Ed. do Brasil - SP - ano???
- (9) — Luiz F. Emediato - *EU VI MAMÃE NASCER* - Ed. Comunicação - BH - 77
- (10) — Vivina de Assis Viana - *O REI DOS CACOS* - Ver-tente Ed. - SP/77
- (11) — Fernanda Lopes de Almeida - *A FADA QUE TI-NHA IDÉIAS* - Ed. Bonde - MEC - 2.<sup>a</sup> edição - RJ - 1973
- (12) — Edy Lima - *A VACA VOADORA* - Ed. Melhora-mentos - SP / I.N.L. Brasília - 1972
- (13) — v. n.º 9
- (14) — Vivina de Assis Viana - *O DIA DE VER MEU PAI* - Ed. Comunicação - B.H. - 1977
- (15) — v. n.º 1
- (16) — v. n.º 4
- (17) — Herberto Sales - *A FEITICEIRA DA SALINA* - Livraria Francisco Alves Ed. - RJ - 1974
- (18) — Clemente Luz - *BILI-NO E JACA* - Ed. do Brasil - SP - ano???
- (19) — v. n.º 4
- (20) — Érico Veríssimo - *RO-SA MARIA NO CASTELO ENCANTADO* - Ed. Globo - PA - 1975
- (21) — Maria Clara Machado - *A VIAGEM DE CLARI-NHA* - Ed. Nova Fronteira - RJ - 1972
- (22) — v. n.º 11
- (23) — v. n.º 9
- (24) — Wander Piroli - *OS RIOS MORREM DE SEDE* - Ed. Comunicação - B.H./76
- (25) — Ana Maria Machado - *O MENINO PEDRO E SEU BOI VOADOR* - Revista Fic-ção - Extra - Ed. Ficção - RJ - 1978
- (26) — v. n.º 1
- (27) — v. n.º 18
- (28) — v. n.º 7
- (29) — v. n.º 8
- (30) — v. n.º 18
- (31) — v. n.º 8
- (32) — v. n.º 10
- (33) — Ana Maria Machado - *O DISTRAÍDO SABIDO - in SEVERINO FAZ CHO-VER E OUTRAS HISTÓ-RIAS* - Abril Cultural Ed. - SP/77
- (34) — v. n.º 12
- (35) — v. n.º 14

### NOTA

(\*) Esta análise foi publica-da no J. Tarde de 15/3/78, com o título de "O mundo que as crianças lêem nos li-vros".



# LANÇAMENTOS

**A mulher põe o dedo na ferida.**



**Cr\$ 150**

**Dezenove estórias amargas  
sobre a condição feminina.  
Escritas por dezenove mulheres.**

**A poesia libertária de dez mulheres brasileiras.**



**Cr\$ 70**

**Nas livrarias ou por reembolso postal  
Pedidos à Vertente Editora Ltda.  
Rua Dr. Homem de Melo, 446 - Fone: 864-0074  
05007 - São Paulo (SP)**



# DA VERTENTE

**Uma lição, uma brincadeira?**



**Cr\$ 50**

**O Ponto é isso e muito mais.  
Cica escreveu, Zélio ilustrou.  
E as crianças vão ler e gostar.**

**“Eu pertenço à raça daqueles,  
benditos ou malditos,  
que precisam conhecer melhor  
os recursos de sua consciência  
para viver.” (Samuel Rawet)**



**Cr\$ 40**

**Um ensaio denso  
e instigante  
do autor de Diálogo  
Cr\$ 35**



## AS JUNQUEIRADAS DO IVAN

Oswaldino Marques

Ao se me depararem os insultos de gratuidade arrepiante que o senhor ivan junqueira tentou despejar sobre mim num vômito, quero dizer, num artiguete recente, congratulei-me comigo mesmo: Ui! Que risco! Imagine se fossem elogios. Estaria acanhalhado para sempre diante das pessoas de respeito que ainda fazem literatura neste país.

Há cachorradas feitas a nós que são como condecorações. Equivalem a oportunos divisores de água a patentear que o mundo de valores que frequentemente é o oposto da esterqueira em que chafurda o achincalhador.

A pretexto de deitar juízo crítico sobre meu livro de poemas *A Dançarina e o Horizonte*, edição 1977 da Editora Civilização Brasileira, Mr Junk (as fumaças de inglês que o biltre bafora lhe dão para estimar a homenagem que lhe presto com este cognome...) burlou a vigilância de um jornal de projeção para assacar contra o meu trabalho intelectual as mais torpes injúrias, brandindo a fêrula de pedagogo com ares de vestal a oferecer a vida em holocausto a fim de resguardar a quinta-essência da poesia. Eu seria o frascário profanador da imacula pucela e ele, Mr Junk, o paladino no seu ginete indócil a impor, lança em riste, distância ao libertino.

Em todos os quarenta poemas de *A Dançarina e o Horizonte*, o rombudo, o zarolho do Mr Junk, posto que baixasse punctiliamente a lente, não encontrou um só verso, ou uma imagem, ou uma estância merecedores desse nome. E zurzindo o látego desagrador: "Em rigor, nenhum poema. E muito menos algum indício de poesia. De fato, poucas vezes temos visto afronta tão veemente às premissas da criação poética."

A ser verdadeiro o asserto do empulhador, então o meu livro seria uma obra-prima, pois eu teria escrito o antipoema por excelência, a paródia de todos os maus poemas do mundo, um *tour de force* lamentavelmente muito acima de meus pobres recursos inventivos, digno somente de um novo Folengo ou de um Abraham à Santa Clara. (Acaso já ouviu falar, Mh Junk, nestes astros da Literatura?)

Em seguida, aplicou-se o trapaceiro a pinçar matreiramente aqui e ali versos meus e a expô-los à irrisão universal como paradigma da mais pífia prosa. Vezes consecutivas cometeu esse pecado capital contra a probidade crítica, que é desentranhar de sua ambiência formal e significativa um segmento de um texto e proferir sobre ele um aresto fulminante. É uma cediça prática que de tão desmoralizada espanta que ainda encontre veículo para seu tráfego. Não posso deixar de render tributo aqui à desfaçatez de Mr Junk ao recorrer a safadeza assim rasteira.

Guardadas, do meu lado, as devidas proporções, reedita-se a estupidez de Zoilo que alcançou a glória inversa de eternizar-se como substantivo comum, não sendo de todo improvável que, persistindo nas mesmas água, junqueira seja dicionarizado com iguais honras.

Ainda que, num momento de fraqueza, eu quisesse aderir aos processos de um Mr Junk, ou de toda essa quadrilha de espertalhões que dá as cartas no circo literário tupiniquim, eu não teria estômago. Tão sem imaginação...

A título ilustrativo, seja-me permitido pactuar com o expediente velho.

"Ciríaco, cujo antepassado na curul real  
Da Tênis britânica, com aplauso nada parco,  
Proferiu, e em seus volumes ensinou, as nossas leis..."

"Capitão, ou coronel, ou cavalheiro em armas,  
Cuja fortuna pode capturar estas portas indefesas..."

"Alho e safiras na lama  
O eixo sepulto imobilizam."

"Ilustres funcionários públicos, presidentes de vários  
[comitês,  
Magnatas da indústria e pequenos empreiteiros, todos  
[ingressam no escuro,  
E escuros o Sol e a Lua, o Almanaque de Gotha,  
A Gazeta da Bolsa, o Anuário dos Diretores..."

"Toma esta bolsa ,Mendigo! Tu não a adularás  
Senil cria nova de uma teta avara..."

"Nas marés baixas via-se uma draga  
enferrujada, e um mastro de galeota."

Sabe, porventura, o leitor de quem são estes versos? Os cinco primeiros, de Milton, extraídos de celebrados sonetos presentes a todas as antologias. Os seis seguintes, de T. S. Eliot, oriundos de *Four Quartets*, obra-prima da poesia do Século XX. Os dois subseqüentes, nada mais nada menos, do brâmane Mallarmé. E os dois últimos, de Jorge de Lima...

Coabitando com prosa tão crassa, estes poetas jamais passariam pelo crivo da molecagem que acabo de denunciar.

O Sr. Divan junqueira (está muito necessitado mesmo de um psicanalista, o pândego) rematou seus vitupérios contra a minha poesia, dizendo que se apresenta "travestida de um luxo que nada mais é que um lixo". Eis aí um *lapsus linguae* autobiográfico. Não é tão fantasiosa assim a etimologia remota de "junqueira" que identifica esse nome com o termo inglês *junk* — refugo, dejecto, sucata, lixo (um decassílabo com que o mimoseio). Ainda no berço lhe pespegaram à testa essa estrela premonitória. Estava fadado mesmo a ser repulsivo, o bonifrate.

Depois vim a saber que os doestos com que ele me estremeou de suas cana-lhices eram ecos de ladridos antes ejaculados contra o importante poeta Moacyr Félix, detentor de uma obra exemplar que se inclui entre as mais vigorosas surgidas no Brasil ultimamente. O hidrófobo espolinhou aí na sua baba difamatória, a certa altura arvorando-se em árbitro absoluto dos cânones da poesia vanguardista e iluminada, mais do que isso, em desafrontador do gênero humano...

O panúrgio caboclo julga que desse modo joga poeira nos olhos do leitor, impedindo o seu desmascaramento que passo a fazer sem ambages.

Já há tempos um aflitivo espinho vem picando os baixos instintos de Mr Junk. O homem está despeitado, contorce-se em pertinazes acessos de inveja! Teve um livro de poemas de sua autoria refugado pela comissão de leitura da Editora Civilização Brasileira!... Aí está a origem de tudo. Já tendo atingido, segundo me dizem, a idade provecta sem possuir obra alguma, a não ser uma tradução-plágio (uma façanha de Mr Junk!), como o evidenciarei logo adiante, e uns artiguinhos zumbaieiros-aleivosos, poreja de biliosa inveja, o poltrão!

Por isso é que optou pela manobra que provoca engulhos de tratar taticamente no mesmo artigo de dois poetas. Um, vejam bem, lançado pela Civilização Brasileira, o outro por uma editora diferente. Este há de ser irrecorri-velmente um gênio, o primeiro... Bem, não preciso de acrescentar mais nada. Está avacalhado o coreto do finório.

Ao dar-se conta de que não lhe seria muito lucrativo continuar denegando os meus versos sem focalizar os poemas como um todo, desviou os seus vitupérios para as minhas traduções. Concedendo, de início, que sou um compe-

tente tradutor de poesia, mas nem sempre! pontificou (onde já se viu, o' junqueira, uma competência incompetente?), concluiu que são "catastróficas" minhas traduções de Blake ("*The Marriage of Heaven and Hell*") e de Eliot ("*Four Quartets*").

Pela maneira de argumentar já se vê que o troca-tintas é uma espécie de rã descerebrada. A afirmação acima foi avançada sem a mínima prova. Decretou Mr Junk que são desastrosas e... ponto final.

De longa data, por mera picardia, o crocodilo vem tentando desacreditar o fruto de meu esforço de escritor. Em 1956, antes da publicação, na cobiçada "Coleção Maldoror", da Civilização Brasileira, da minha tradução do texto aludido de William Blake, o salafrário passou a atribuir-me, à boca pequena, impropriedades que havia fisdado no traslado amadorístico de um fragmento da dita obra, então divulgado por um dos nossos suplementos. Descobri-lhe o telefone e intimei-o a cessar com suas picuinhas malsãs, reedereçando suas farpas ao alvo que lhe aprouvesse, não ao meu trabalho de todo inédito. Confundido, o borra-botas derramou-se em desculpas. Até o presente, foi esse o único contato que mantive com ele. Envaideço-me de nunca haver apertado a mão desse capadócio.

Em 1966, veio a lume a minha tradução de *Four Quartets*, inserta na Coleção Nobel, da Editora Delta. Um ano depois, Mr Junk divulgou a sua versão do mesmo texto através da Editora Civilização Brasileira e, na bibliografia que apresentou de Eliot, na parte das traduções, não mencionou a minha contribuição. É um direito, dirá o leitor, que assiste a ele não arrolar o seu trabalho. Muito bem, ajuntarei, mas não se tratou de um mero piparote descartador. Com isso o mariola pretendeu foi apagar os rastros do seu saque ao fruto do meu labor, pois empalmou várias das soluções que trazem o meu sinete, como, só para dar um exemplo, a adoção de equivalentes arcaicos em português das expressões obsoletas usadas por Eliot em certo trecho do poema "*East Coker*".

O plágio, porém, a que me referi acima é o efetuado pelo meliante dos erros em que incidiu o tradutor espanhol de *Four Quartets*, Vicente Gaos. Passem todos! Mr Junk é o único plagiário de cincadas em todo o mundo!

Não me nivelo com aleivosos. Dou as provas.

Despautérios de Mr Junk tradutor de Eliot (*Four Quartets*):

"*Burnt Norton*"

— Versos 138 e 139 — "Irão borrifos e gavinhas / Agarrar e apertar?" "Borrifos" é bobagem grossa. *Spray* aí é "vergôntea", "ramo florido".

"*East Coker*"

— Versos 69 e 70 — "Cujas centelhas se antecipam aos reinos / Na calota polar edificadas". Para edificar em tal lugar um reino só se for o reino dos asnos. *Before the ice-cap reigns*: antes de imperar a carapaça de gelo, quer dizer, antes do dilúvio glacial.

— Versos 117 e 118 — "As luzes se apagam para a troca de cenários / Com um côncavo ribombo de asas". Ribombos desse tipo retumbam na cachola de Mr Junk, que é oca. Aí *wings*, "asas", significa "bastidores", "coxia de teatro"!!

"*The Dry Salvages*"

— Versos 38 e 39 — "Medindo um tempo (...), tocado pela vagarosa / Pulsação da terra,..." *Ground swell* é "marouço", "vagalhão" e nada tem a ver com "pulsação da terra". É erro de preguiçoso. Está nos dicionários.

— Verso 45 — "...quando o passado é todo decepção". "Decepção" é *disappointment*. No original está *deception*, "embuste", "logro", "fraude".

— Verso 48 — "E a pulsação da terra, desde o prin-



"Little Gidding"

cípio em tudo viva". Rematado dislate. É o mesmo *ground swell*: "marouço".

— Verso 127 — "Que o futuro é uma canção esmaecida, uma Rosa Real ou um borrito de alfazema". *A lavender spray*: um ramilho de alfazema. Mr Junk está precisando é de um borrito na sua ignorância. — Verso 89 — "Alguém notei que andava, trôpego e apressado". *Loitering* não é "trôpego", significa "de passo ocioso", "a flamar". *I met one walking, loitering and hurried*: Dei com alguém a flamar mas sôfrego. — Verso 221 — "Cujas línguas arrojam sem cessar / Um jorro apenas de erro e de pecado". Só se for a língua do junqueira, a jorrar disparates. *Of which the tongues declare / The one discharge from sin and error*: ... as línguas enunciam / A purgação única do erro e do pecado.

Pois bem, paciente leitor. Todas essas enormidades acham-se na tradução de Vicente Gaos. Não há demonstração mais cabal de que Mr Junk traduziu o seu Eliot do espanhol, indo buscar a solução das dificuldades maiores no trabalho do primeiro tradutor brasileiro de *Four Quartets*. O diabo é que nem disso posso ufanar-me, pois como desvanecer-me de discípulo tão estúpido?

Exige a probidade que se diga que Mr Junk não é um plagiário, assim obcecado, de heresias em traduções. Ele exhibe também tolices *originais*, que me reservo a cordura de apontar em outra ocasião.

Agora, já a cavalgar a alimária, lanço frontalmente a Mr Junk um repto de honra para que aponte erros técnicos e, depois, pecados estilísticos nas minhas versões de Blake e Eliot por ele inquinadas de catastróficas. Enquanto não o fizer, será aos olhos das pessoas de bem deste país um mentiroso, um detrator vulgar, um covarde!

Para concluir, é meu intuito deixar meridionalmente claro um ponto de cardeal importância. Toda a indignação que verti em pôr à mostra a calva desse desfrutável Mr Junk nem de longe retirou sua motivação do fato de um livro meu ter sido objeto de crítica contrária. Em mais de uma oportunidade acatei como perfeitamente respeitável juízo adverso a uma ou outra produção literária minha. Jamais me aferrei a isso para isolar o eventual opinador como meu desafeto. Os que me conhecem sabem que sou um homem de genuína humildade intelectual e ávido de receber o ensinamento de Mestres verdadeiros. A minha abertura a julgamentos construtivos é ilimitada. Defendo e defenderei o direito que assiste aos leitores de serem honestamente esclarecidos sobre a qualidade do trabalho intelectual posto a seu alcance, desde que o crítico se esteie sempre em critérios idôneos. Faço minhas as palavras de Ênio Silveira em pronunciamento recente sobre o assunto: críticas, por desfavoráveis que sejam, constituem decorrência normal do ato de escrever e publicar, mas insultos e grosseiras devem ser repelidos à altura, pois representam desrespeito ao público, ao autor, ao próprio canal de informação em que são veiculados.

## BÉNI SOIT QUI MAL Y PENSE

Samuel Rawet

Ahora, Cristo, bájame los párpados  
pon en la boca escarcha,  
que están de sobra ya todas las horas  
y fueron dichas todas las palabras

Gabriela Mistral

Há muito tempo não leio Allan Poe, nem vejo filmes inspirados em seus contos de terror. E ao me lembrar de Allan Poe me ocorre que o grande erro do gênio, me parece, é dar valor absoluto às suas criações. Em alguns casos essa absolutização pode se dar sem que ele tenha conhecimento do fato, nem de sua origem. Até que ponto Allan Poe foi vítima de uma situação dessas. Roger Corman nunca me convenceu com suas adaptações fáceis e seu ator predileto, o careteiro Vincent Price. O único diretor, moderno, que conseguiu recriar o clima do escritor foi Fellini, num episódio de um filme de três diretores. Modernizou a ação, transferiu-a para Roma, imaginou um *spaghetti-western* em torno da vida de Cristo, e jogou Terence Stamp como ator britânico genial, neurótico, blasé, mandando brasa numa Ferrari pelas vielas noturnas. O terror em si é um mistério que sempre encontra grande audiência. Mestre Hitschcock aí está com seu admirável *Os Pássaros*, um pouco além do roteiro convencional, com uma incursão pela metafísica, e Agatha Christie é campeã de qualquer bilheteria. Penso numa história de terror, em função de um palco de teatro. O título provisório é O BALLET DE RATOS. Talvez me recupere da última experiência teatral, frustada pela Censura, ao proibir A FARSA DA PESCA DO PIRARUCU E DA CAÇADA DO JACU, paródia sofisticada do teatro rebolado de Walter Pinto, Beatriz Costa, Colé, Costinha. Eu não sei latim. Em minha memória de leitor desorganizado uma frase em latim volteia e salta. *Primum Deus Fecit Terror*. Tenho a impressão de que isso é coisa de algum dos cobras da patrística, Orígenes, talvez. Preciso ler mais essas coisas para me livrar de algumas influências nefastas. Como Simone Weil, detesto o Velho Testamento. Meditando bem sobre a técnica de trabalho de meia dúzia de cafetões da bosta judaica que me aporrinhou a vida durante muito tempo, creio que o Velho Testamento tem alguma coisa a ver com o incêndio da Biblioteca de Alexandria. A maior biblioteca da antiguidade. Como fazer pesquisas, agora? Não havia impresso, ainda. Pelo que dizem vão ser precisos cinquenta anos para se conseguir ler uma parte dos *manuscritos do mar morto*. O Gênesis tem um cheiro hindu primitivo, invertido, e outras partes me parecem inversões de apropriações de velhos relatos asiáticos, sem caráter sincrético, comum na fusão religiosa. (O *Exodo*, é só olhar para Copacabana e outros bairros, e pela observação da atualidade, me parece um relato duvidoso em si. Tenho a impressão de que ao contrário do que se apregoa por aí, o povo eleito é mestre em implantar e espalhar o terror, com *inteligência*, evidentemente, ou *sutilezas*. Pornografia e obscenidade são coisas um pouco mais sérias e um pouco menos estudadas do que o necessário. Nada mais pornográfico do que um cafetão e traficante de drogas moralista. O cafetão precisa de mistério para faturar em todos os níveis de chantagem. Uma das grandes surpresas que tive em São Paulo, em fins do ano passado, no Encontro de Escritores, foi o reencontro com Sábato Magaldi. Meio atordoado em meio ao prazer de rever e conversar com Bernardo Ellis, Carlos Nejar, Fausto Cunha, Nélida Piñon, Lygia Fagundes Telles, Nelly Novaes Coelho, reencontro Sábato, e recebo *O Cenário no Averso* (1).

"Tirésias acha que Édipo só pode ensinar aos filhos o orgulho, porque "toda ciência que parte do homem, não de Deus, não vale nada". Édipo objeta que acreditou por muito tempo que era guiado por um deus, mas Tirésias não se convence: "Um deus que era você mesmo; sim, você mesmo divinizado". E o adivinho fecha o cerco sobre o herói, que pensa conhecer-se, mas efetivamente não se conhece, porque se acredita feliz"

(p. 24)

"Depois da desabalada inspiração ou do absurdo naturalismo do século XIX, a ficção, voltando-se sobre si mesma, discutiu os próprios processos e objetivos. O romance não se contenta em narrar e fez teoria ensaística da narrativa. O poema tornou-se também de poética. Com Pirandello, a peça pôde ser uma súplica do fenômeno do teatro. Falta de inspiração verdadeira?"

(p. 101)

O livro me acompanhou em viagem de férias, junto com outros, a versão portuguesa de *Antígona*, *Ajax*, *Rei Édipo*, de Sófocles, em tradução de Antônio Manuel Couto Viana, a *Poesia Lírica*, de Camões, *Seminário de Ratos*, de Lygia Fagundes Telles, e mais tarde uma *Antologia de la Poesia Chilena Contemporanea*, comprada em uma livraria de Santiago. O livro me acompanhou e acompanhou minhas lembranças, meus delírios, meus *projetos*, não tão sartreanos. Num ônibus entre Assunção e San Ignacio, onde cheguei agoniado para ver *ruínas*, e o dono do boteco, ao me servir um café ralo e caro me informou: *acá no hay ruinas*; no Hotel Repka, de uma tcheca, em Encarnación, um quarto pequeno num correr de quartos ao lado de uma casa velha, e onde um temporal noturno desabou sobre a minha cama, me impedindo de ver as estrelas, no trem de Santiago para Puerto Mont, em uma poltrona econômica, durante vinte horas, vendo a paisagem, entre goles de uísque comprado no Paraguai e que quase me tomam na fronteira argentina de Posada, com a alegação de que era *proibido*. A bronca funcionou e a garrafa seguiu comigo. Há muito tempo não lia um ensaio tão completo sobre o fenômeno *teatro atual*. Tomaria como exemplo de extremos dois espetáculos espaçados no tempo. As duas *Antígonas* encenadas por Celi há mais de vinte anos, e a montagem de *O Balcão* de Genêt por Ruth Escobar. Entre *texto* e *espetáculo* a análise magnífica de Sábato Magaldi escolheu o melhor Gide e Pirandello. E me permitiu uma descoberta pessoal muito importante: Freud retirou do mito de Édipo o essencial — o *mistério*, e transformou-o em *forma*, uma *forma* que é barreira para o *olhar*, ainda aqui não-sartreano. Perdoem a insistência, mas *forma* não é *forma*, *fôrma* não é *fôrma*, e *olhar* não é *olhar*. Freud conseguiu transformar a grandeza do mito em *pornografia*. Daí talvez a importância de uma paisagem interior, de um horizonte amplo, algo além da vinculação existência-vida baseada em idéias. Quando algumas dessas idéias se transformam em uma espécie de *absoluto*, fica o dito por não-dito.

"Não será exagero afirmar que, depois da versão sofocliana do mito, a de Gide é a que mais satisfaz, pelos diversos motivos: ela submete Édipo a uma nova exegese, acrescentando-lhe uma perspectiva moderna e original: sintetizando os elementos básicos da saga edipiana, não se perde em enredos paralelos, que apenas diluem os conflitos essenciais; quebra a gravidade do tema, pela paródia de efeito cômico, mas preserva uma pureza de linguagem que lhe confere um admirável sabor de classicismo; e, nos seus três atos, adota uma estrutura rigorosa, alimentada pela inevitabilidade dos acontecimentos."

(p. 42)

A garra do escritor, a tarimba do espectador, e a força do pensador garantem o poder de síntese do trecho acima, em que o fenômeno do teatro é visto numa perspectiva um pouco mais ampla do que o do *espetáculo*.

“A única solução seria que a obra pudesse representar-se por si mesmo, não mais com os atores, mas com os próprios personagens que, por um milagre, assumissem corpo e voz.”

(p. 88)

“Não há dúvida de que Pirandello procurou captar a essência dessa criatura, que se realiza na despersonalização, para personalizar-se na imagem de cada personagem nova que encarna.”

(p. 93)

O trágico como conflito máximo entre *aparências*, e nisso a aproximação de Gide e Pirandello foi bem feliz. Pirandello esmiuçou ao máximo esse caráter paradoxal da aparência. Pode-se imaginar, com Pirandello, o ator trágico grego arrancado a *máscara* e questionando a sua personalidade até então velada por uma imagem fixa e estereotipada. Onde a emoção *própria*, o sentimento *próprio*? Pode-se perceber uma certa simetria no desrespeito aos *deuses*. Considerando o erotismo um pouco além de motivação para anúncio de cigarros, e de um apoio para uma sexualidade de bonecos, como a do cinema americano, (nunca o cinema americano conseguiu um momento de erotismo como o que salta da cena de *Les Enfants du Paradis* em que Arletty responde a uma simples pergunta, seu nome. “*On m'appelle Garrance*.” Nem mesmo com Marilyn Monroe, e muito menos com Rachel Welsh (excelente companheira de Kissinger), meditando sobre o erotismo, convém resumir certos aspectos das figuras trágicas de Tebas:

“Diz a lenda que Laio vivia próspero em Tebas, quando o derrubou do poder uma revolta comandada por Anfião e Zeto, (mais tarde ele conseguiu retomar o trono). Acolheu-o Pélope, rei da península que recebeu o seu nome (Peloponeso) e antepassado de Agamenon e Orestes. Supõe-se que a origem do destronamento de Laio foi o homossexualismo, a mesma razão de sua incompatibilidade com o hospedeiro. É que Pélope lhe confiou a educação de seu filho Crisipo e Laio se apaixonou pelo jovem, a ponto de fugir com ele. Impotente diante da situação, Pélope se limitou a amaldiçoar o hóspede indesejado: “Laio, Laio, que nunca tenhas um filho, ou, se chegares a tê-lo, que ele seja o assassino de seu pai.”

(p. 34)

“Já no *Édipo* de Voltaire se vê que Jocasta ainda lamenta ter sido contrariado pela família o amor que sentia por Filoctetes e que, se fossem permitidas na tragédia maiores efusões, se perceberia, que ainda sente. Uma análise psicológica não deixa dúvidas, porém, quanto à verdadeira inclinação da rainha. Na segunda cena do segundo ato, em que está só com a sua confidente Egine, Jocasta fala que, sofrendo duas vezes a injustiça do seu destino, mudou de escravidão, ou antes de suplício” (casando primeiro com Laio e depois com Édipo).

(p. 52)

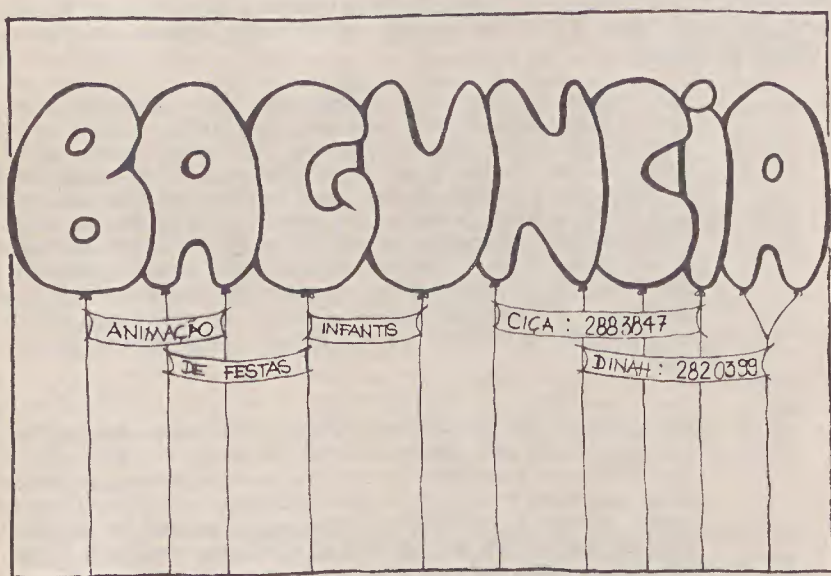
Édipo recebeu Jocasta como prêmio por ter libertado Tebas da Esfinge! Reinventar os deuses, ou ceder-lhes o caminho outra vez. Nietzsche não teria sido vítima da indigência mental emanada do Velho Testamento, que numa economia primária de lucro certo impinge um monoteísmo chinfrim e reles?

Saravá, Tupã!

"ÉDIPO — (A Creonte) Príncipe, filho de Meneceu e meu parente, qual foi o oráculo do deus que me vais transmitir?  
CREONTE — Excelente, porque até a desgraça — digo eu —, se encontra uma boa saída, pode chamar-se felicidade."

Rei Édipo  
Sófocles

(1) — Sábato Magaldi, *O Cenário no Averso*, Editora Perspectiva, 1977.



## A V BIENAL DO LIVRO E A LITERATURA INFANTIL

Maria Dinorah Luz do Prado

Retorno de São Paulo para meu Rio Grande do Sul, após assistir, na V Bienal Internacional do Livro, o Seminário de Literatura Infantil e Juvenil, onde a fina flor da intelectualidade privilegiada dessa área se ocupou de assuntos os mais variados.

O principal deles, e que foi quase que uma extensão da Bienal anterior, em 76, fixou-se na antinomia realidade/fantasia, ou antes, na discussão "Coleção do Pinto" ou "não Coleção do Pinto", o que, em última análise, deu a melhor a André Carvalho, seu editor, que neste vai-vem, pode-não-pode, segue vendendo sucessivas edições de seus livros.

Parece até que ninguém mais se ocupou do realismo brasileiro ou universal até aqui, o que não é verdade.

Não vou seguir discutindo da validade ou não da coleção em questão para a área infantil — embora, como já declarei em outras ocasiões, considere o alto nível artístico dos textos, pois só o tempo (e tantas coisas estão mudando!) poderá ter uma resposta. Penso, isto sim, que, como diz Maria Helena Martins, isso é discutir o sexo dos anjos.

Penso também que toda a criança tem o direito de ser criança, e que a alegria de uma ciranda cheia de faz-de-conta não faz mal a ninguém. Penso ainda que *nada há a esconder da criança*, desde que respeitada a sua situação de criança — ser sensível e em formação — o que implica na maneira como vamos colocar tais realidades. O "tratamento de choque" não me parece ser o mais adequado. Acho, inclusive, que o "maravilhoso" é um dos melhores recursos para levar o real à criança.

Pela experiência que tenho com elas, sinto que a "angústia vivencial" que nos machuca não as atinge da mesma forma. Voltou-me para minha própria infância, que não foi das mais privilegiadas, vivendo numa colônia sem água nem luz, parada muitas vezes em frente aos vidros de caramelos com olhos espichados, mas não sinto que tenha sido uma criança infeliz por isso.

O que restou dessa época distante e despida foram os momentos mágicos, em que os sabugos de milho viravam lindos alazães, conduzindo uma bruxinha magricela e esganiçada, que a duras penas eu fazia "sentar" na caixa de sabonete vazia, com dois carretéis servindo de rodas.

As cascas de ovo de avestruz, os pequenos barbantes, parafusos e pregos, tudo tinha sua função encantatória, neste fantástico mundo da imaginação que vivi e que, acredito, todas as crianças vivem.

Quando a hora da realidade chegou, eu a assumi por inteiro, com a mesma veemência com que abraçara o sonho. Um me levava ao outro.

Acredito, isto sim, que a falta de afeto — e neste ponto fui uma menina rica — pode deixar conseqüências dramáticas na criança.

Mas tudo isso e nada disso é importante que se discuta, quando descemos do plano de privilégio intelectual de uma Bienal do Livro, e caímos na dura e crua realidade desses imensos Brasis.

Estamos realizando, em cidades do interior do Rio Grande do Sul, cursos de Literatura Infantil intensivos, através da Secretaria de Educação e Cultura, com o objetivo de dar uma visão da problemática do livro, no processo de esvaziamento cultural do país, bem como a valorização dos criadores da Literatura Infantil, sua origem, a abordagem do texto e outros enfoques vinculados à especialidade.

Aproveitando a oportunidade do convívio com uma classe tão abandonada e esquecida, que é a do professor primário, e em cujas mãos as crianças brasileiras vão buscar os horizontes da vida, estamos fazendo uma pequena pesquisa. E aí é que está o ponto.

É alarmante o desconhecimento do assunto por parte de nossos professores. Com raras exceções, desconhecem os valores do livro, títulos e autores. O professor não lê nada, nem pode, pois os livros dificilmente chegam ao interior do Estado. Falo em termos de RS, mas não creio que seja diferente do resto do Brasil.

Nossa pesquisa consta da apresentação de uma ficha, no primeiro dia de aula, com uma relação mínima dos autores clássicos mais conhecidos, nacionais e gaúchos, e ainda o pedido para listarem autores e livros lidos não constantes da lista apresentada, bem como alguma experiência vivenciada em termos de escola.

Temos já os primeiros resultados.

Num total de 124 fichas aplicadas, nove foram devolvidas totalmente em branco.

No item referente a "conhecimento dos autores apresentados", tivemos o seguinte resultado:

|                                     |    |
|-------------------------------------|----|
| — Monteiro Lobato .....             | 94 |
| — Erico Veríssimo .....             | 84 |
| — Mário Quintana .....              | 73 |
| — Maria Dinorah .....               | 56 |
| — Cecília Meireles .....            | 55 |
| — Irmãos Grimm .....                | 41 |
| — La Fontaine .....                 | 28 |
| — Hans Cristian Andersen .....      | 22 |
| — Mme. Dupré .....                  | 14 |
| — Malba Tahan .....                 | 13 |
| — Charles Perrault .....            | 10 |
| — Vovô Felício e Walmir Ayala ..... | 7  |
| — Edy Lima .....                    | 5  |
| — Mery Weiss .....                  | 3  |
| — Lewis Carroll .....               | 2  |
| — Selma Lagerlof .....              | 0  |

Quando se trata de leituras ou trabalhos realizados com estes mesmos autores, o panorama se modifica:

|                                                        |    |
|--------------------------------------------------------|----|
| — Monteiro Lobato .....                                | 32 |
| — Erico Veríssimo .....                                | 22 |
| — Cecília Meirelles .....                              | 18 |
| — Irmãos Grimm .....                                   | 12 |
| — Mário Quintana .....                                 | 10 |
| — Maria Dinorah .....                                  | 8  |
| — La Fontaine, Andersen, Mme Dupré e Malba Tahan ..... | 4  |
| — Vovô Felício e Walmir Ayala .....                    | 2  |

Como vemos, em 124 professores, 30 NUNCA OUVIRAM FALAR EM MONTEIRO LOBATO... e apenas 32 LERAM ou TRABALHARAM com ele em suas classes ou bibliotecas...



Vejamos, agora, na relação de estórias e autores não citados na ficha, e do conhecimento dos professores:

|                                             |    |
|---------------------------------------------|----|
| — Chapeuzinho vermelho .....                | 16 |
| — Meu pé de laranja lima .....              | 13 |
| — Branca de neve e os três porquinhos ..... | 7  |
| — O pequeno príncipe .....                  | 5  |
| — João e Maria; O patinho feio e Ric-Roc .. | 3  |
| — A moreninha, O sítio do pica-pau amarelo  |    |
| A Rapunzel; A galinha ruiva, Pinóquio ..    | 2  |
| — O urso com música na barriga; Tibicuera;  |    |
| Ali Babá e os quarenta ladrões. Reinações   |    |
| de Narizinho A formiguinha e a neve; Bur-   |    |
| rinho feliz; Os ovos de dona pintada; O     |    |
| pequeno polegar; O menino do dedo verde;    |    |
| Cazuza; Cinderela; Dona Baratinha da Sil-   |    |
| va só .....                                 | 1  |

N.: Todas estas estórias foram apresentadas sem autor expresso. Autores: Graciliano Ramos em Saint-Exupéry.

Diante desses quadros, vamos concluindo ser, ainda, Monteiro Lobato o mais conhecido dos autores infantis. 7% dos professores não sabem nada de nada. O predomínio das estórias clássicas (17), havendo só 7 nacionais na relação, ressalta a prevalência da tradição oral no conhecimento das mesmas, e não o acesso ao livro.

Além disso, apareceram discrepâncias como as que seguem:

— Li “Os tambores silenciosos”, de Guimarães Rosa...” (Josué Guimarães)

— Li “Meu pé de laranja lima”, de José de Alencar...” (Zé Mauro de Vasconcelos).

E outras heresias.

Diante desse panorama nada alentador (reporto-me aos “Problemas culturais brasileiros”, de nosso saudoso Osman Lins), que podemos esperar das crianças?

Bibliotecas, quando as há, estão obsoletas, e têm à frente aquele professor que, pela idade ou incompetência para reger classe, é afastado dela.

E então, quando vemos o tecnicismo ir afogando o humanismo de uma forma tão vertiginosa, nos perguntamos muitas coisas.

Penso, então, na urgência de *conscientizar pais e professores para a importância do livro*.

Acho que antes disso, pouco ou nada funcionará, em termos de literatura infantil. As editoras continuarão fechando, como aconteceu recentemente com a BELS, que tanto se preocupou em editar livros para as crianças, abrindo, mesmo, um caminho novo nesta área no RS. O homem seguirá se estagnando. A vida seguirá sua trágica rotina em direção a todos os vazios.

E o livro continuará sendo debatido por cúpulas literárias cada vez mais requintadas em suas proposições, sem que sua verdadeira função, no reforço das áreas afetivas na primeira infância, e na condução para a realização maior, no segundo momento, se cumpra.

*Acho que hoje, como nunca, é tempo de livro.*

Tempo de livro livre e solto como a pandorga da infância. Tempo de livro belo e luminoso como a verdade.

Tempo de livro acolhedor como a paz e colorido como a própria infância.

Mas penso que, antes de mais nada, é preciso formar condições para que o livro seja.

Porto Alegre, 24 de agosto de 1978

*A*

*CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO*

*TRANSMITE AOS SENHORES ASSOCIADOS*

*E AO PÚBLICO EM GERAL*

*UM PRÓSPERO 79*

# SERVIÇO





## A NOVA ARMA DE HIROITO

entrevista a  
Dennis Toledo, Hamilton Trevisan e Wladyr Nader

*Há um ano e meio Hiroito de Moraes Joanides fez uma opção: abandonar a delinquência. Sua arma, um livro, "Boca do Lixo", um autêntico best-seller nacional: 15 mil exemplares vendidos até fins de agosto. Agora, esse paranaense de 42 anos — 13 dos quais passados entre as quatro paredes das prisões — acha que sua missão é continuar escrevendo para melhorar as condições de sobrevivência dos que ainda não alcançaram a liberdade. Por 130 mil cruzeiros e 5% dos lucros, Hiroito vendeu os direitos de adaptação do seu livro para o cinema e, enquanto escreve um outro, descobre uma nova profissão: distribuidor. Sim, ele também vende o seu livro de mão em mão. E passa assim por uma experiência comum a boa parte dos nossos autores novos.*

*Esta entrevista foi feita no dia 6 de julho na Livraria Escrita.*

*WN — Fale um pouco de sua vida, dos primeiros tempos.*

Hiroito — Depois de uma infância e uma juventude normal, regrada, aos 21 anos caí na delinquência. Adquiri uma projeção muito grande e fiquei conhecido como um dos ases do crime em São Paulo. Inclusive fui denominado pela imprensa amarela de "rei da Boca do Lixo". Em 20 anos de delinquência cumpri 13 na prisão. Na última das prisões, que foram 10, por insistência de repórteres e policiais que acompanharam minha vida como delinquente, escrevi um livro chamado "Boca do Lixo", onde relato a história dessa região de São Paulo: como surgiu, como se desenvolveu, como se espalhou pela cidade toda. Nessa história claro que aparece então a minha figura, já que fui um dos expoentes do crime. A Boca do Lixo não são todos que conhecem, vou explicar rapidamente o que vem a ser. Até 65, mais ou menos, toda a criminalidade em São Paulo, desde a prostituição, estava confinada, não oficialmente mas tacitamente, dentro de um quadrilátero que ocupava cerca de 500 metros de extensão de cada lado. Então tudo o que fosse referente a crime ou prostituição só se encontrava ali. Você jamais encontraria um tóxico fora daquele perímetro. Posteriormente, com a pressão policial, os malandros e as prostitutas passaram a se afastar do miolo e foram se espalhando pelas avenidas a ponto de ocuparem hoje a cidade toda. Atualmente, em qualquer bairro de São Paulo existem traficantes, existe prostituição. No meu tempo não existia, era tudo confinado naquele perímetro. Ali era a Boca do Lixo, como, ao que me consta — não sei, não conheço outros países — existe nos Estados Unidos — o Harlem — na França, etc. Então todos os países têm o seu centro de prostituição e delinquência. Em São Paulo não tem mais, existia e chamava-se Boca do Lixo.

*WN — Você diz que começou na delinquência com 21 anos. Até aí o que fez?*

Hiroito — Bem, eu nasci em Morretes, no Paraná, e vim pra São Paulo com 11, 12 anos. Estudei, fiz o ginásio e passei a trabalhar. E fui cair na delinquência exatamente sob a acusação de ter matado o meu pai. Eu era gerente de loja do supermercado Sirva-se. Quer dizer, havia o gerente geral e havia, como ainda hoje, o gerente de loja, ele é o responsável pelo que ocorre lá dentro, atendimento da freguesia, fiscalização para não haver roubo, essas coisas. Então era essa a minha ocupação. Pra minha idade era uma ocupação e tanto, eu tinha 21 anos.

*HT — Sua vida tinha sido normal até essa idade?*

Hiroito — *Aí é que está o problema. Sabe, 'naquele tempo existia um tipo, uma figura, que não existe, que eu denomino no meu livro de boêmio. Boêmio, como eu quero dizer, é o sujeito que trabalhava ou que estudava, mas que freqüentava o submundo, naquele tempo não era como agora, essa facilidade, essa liberalidade sexual. Hoje em dia é fácil para o sujeito conseguir uma mulher, satisfazer-se sexualmente. Antigamente não. Ele tinha que recorrer infalivelmente a uma prostituta ou, vez ou outra, a uma empregada doméstica. A virgindade ainda era um tabu, hoje não é mais. Aquele rapaz que tinha a libido mais exacerbada freqüentava o submundo, como era o meu caso, mas não era delinquente. Todo sábado ou domingo eu dormia lá, com uma mulher ou outra. Trabalhava, era um sujeito honesto, nunca havia delinquido.*

*HT — Não tinha conflito de família, coisas assim?*

Hiroito — *Claro que sim, a mãe dando bronca e tal.*

*HT — Não, grandes conflitos.*

Hiroito — *Não.*

*HT — Era então uma família normal, com os problemas de todo dia.*

Hiroito — *Pequeno-burguesa, meu pai era industrial. O problema foi que, nessa minha vida de boêmio, eu matei um cara num entrevero na Boca, matei um delinquente, um bandido. Esse sujeito era procurado em vários estados, fui em defesa de uma prostituta e acabei matando-o a tiros. O crime foi pronunciado em legítima defesa, não respondi ao crime. Um mês após esse fato mataram meu pai a 100 metros do local onde eu havia matado o sujeito. O delegado de homicídios era toxicômano, não digo que fosse paranóico, mas o fato é que um ano depois se matou com um tiro no coração. Já havia tentado se matar antes com um tiro na cabeça. Era toxicômano, morfômano, chamava-se João Leite Sobrinho. Então eu acho que, por uma proximidade de local e de tempo, a mente dele criou aquela suspeição. No processo da morte do meu pai, para vocês terem uma idéia, eu nunca apareci como suspeito, não aparece meu nome, porque eu fui suspeito por 24 horas. Quando descobriram o cadáver prenderam 20, 30 pessoas. Foi um crime falado devido à brutalidade com que ele foi morto, a navalhada e facada. Houve luta, meu pai foi retalhado na rua dos Andradas. Foi o primeiro caso da Delegacia de Homicídios, do DEIC, até então todos os casos de homicídio estavam afeitos à Delegacia de Segurança Pessoal. Como não funcionava — havia muitos crimes insolúveis — pelo clamor da imprensa criou-se a Delegacia de Homicídios. Pelo fato de ser o primeiro sob a jurisdição da nova delegacia, havia um interesse fora do comum no esclarecimento do caso.*

*HT — Você começou sua vida de adulto com um tema terrível, o parricídio. Em que medida essa falsa acusação determinou que aprofundasse na delinquência nestes 20 anos?*

Hiroito — *Bem, eu não me faço de vítima mas tenho certeza hoje, adulto que sou, que, não fosse esse fato, eu jamais me tornaria um delinquente. Não porque eu o censure, mas porque não se coaduna com a minha personalidade. Não vou dizer que fui forçado ao crime, eu fui levado, não soube reagir e caí na delinquência.*

*DT — Como é que foi isso?*

Hiroito — *Bom, depois que me acusaram da morte do velho, o delegado me acusou, unicamente ele, fui devidamente pendurado no pau-de-arara. Depois de 24 horas fui solto, o juiz determinou que eu fosse solto, nunca mais tornei a ser inquirido. Agora, a imprensa continuou falando em "parricídio impune". Como o crime ficou um ano e meio sem ser esclarecido, a imprensa ficou um ano e meio noticiando — a cada dois ou três dias — o Caso do Edifício Tebas. Vendia jornal, sabe? Tem aquele público que exige toda manhã, ele quer ser chocado, é o público do Notícias Populares.*

*HT — Então o caso foi esclarecido?*

Hiroito — *Foi, um ano e meio depois, como eu disse. Quer dizer, estava esclarecido desde o começo, um dos assassinos foi preso junto comigo, na*



mesma data, e estava com a mão cortada, é uma coisa tão absurda que até fica ruim falar, é um negócio assim muito incrível. Um mês antes da morte do meu pai ele pegou um sujeito e levou na 15.<sup>a</sup> Delegacia. O sujeito disse que tinha vindo do Líbano para matar o seu Jorge, meu pai, mas, como não era assassino e tinha gostado dele, não ia fazer isso. Houve sindicância mas um mês depois, não sei se por arrependimento ou porque aumentaram a oferta, ele matou meu pai, ele com mais um. No dia em que meu pai morreu prenderam ele. Havia 20 suspeitos, inclusive ele e eu, ele estava com a mão enfaiçada, havia um corte profundíssimo. Depois daquele período de ano e meio assumiu a delegacia o Ari Bauer que, revendo os casos não esclarecidos, chegou no do meu pai. Então, com os fatos que estavam ali, sem nada de novo, ele esclareceu. Nessa altura, os dois já tinham fugido pro Líbano, eles são libaneses, não há extradição.

*HT — Quer dizer que nesse meio tempo você foi pressionado pela sociedade, através dos jornais, a ser um delinqüente?*

Hiroito — Aque batelada de manchetes provocou uma suspeição tão grande que me fez perder o emprego, as amizades, inclusive na minha família, tenho uns 15 tios, tias, uns 200 primos, e nunca mais falei com eles. Só minha mãe e meus irmãos acreditaram em mim. Até a noiva eu perdi, hoje ela é uma bióloga muito famosa, eu narro no livro o rompimento do noivado. Nós estávamos festejando o aniversário dela num restaurante e, no meio da conversa, ela me perguntou: "Você não tem nada mesmo a ver com a morte do seu pai?" Eu me levantei e fui embora. Ia responder o que a ela? Perdi a noiva, último elo que me unia à sociedade, e fui procurar refúgio onde era conhecido, na Boca do Lixo, com as prostitutas.

*(Nesta altura, seu filho Jorge, de dois anos, passou boa parte da entrevista, realizada à noite, com lágrimas nos olhos, se acomoda no colo do pai.)*

*DT — A rua dos Andradas naquela época já fazia parte da Boca do Lixo? O que teu pai estava fazendo lá? Você andava com ele à noite?*

Hiroito — Não, ele tinha uma garçonnière ali. Minha mãe era bem mais velha que meu pai, uns 13 anos mais, então nesse tempo acho que ela sexualmente já não funcionava. Meu pai era um cara muito mulherengo, sem ser malandro, tanto que não teve ligação nenhuma. Ele tinha o apartamentinho pra levar mulher e lá foi morto.

*HT — Como é que o pessoal da Boca do Lixo te recebeu?*

Hiroito — Com admiração. Pra quem vive na Boca o fato de ter matado o pai não é chocante, é um negócio que dá até um status.

*DT — E você já tinha matado um cara antes.*

Hiroito — Sim, mas eu fiquei conhecido como o cara que matou o pai.

*WN — E isso atemorizava um pouco o pessoal da Boca do Lixo? Ou estou enganado?*

Hiroito — Claro.

*WN — Pelo fato de freqüentar a Boca você fez algumas amizades lá dentro. E foram certamente essas amizades que te abriram as portas da coisa, não é? Agora, o esquema é o mesmo que a gente vê em filme americano, por exemplo? Um negócio organizadíssimo, bem dividido, com áreas de influência, etc.?*

Hiroito — De jeito nenhum.

*DT — Na distribuição de tóxicos, por exemplo, não existe esse negócio?*

Hiroito — Não, inclusive é interessantíssimo, o brasileiro é individualista, é incapaz de se organizar mesmo em relação ao tóxico. Em todo o resto do mundo as quadrilhas que se dedicam ao tóxico fazem turmas, desde buscar a mercadoria até chegar à distribuição final ao consumidor. No Brasil não, existem quadrilhinhas de quatro ou cinco sujeitos que se dedicam a ir buscar o tóxico.

*DT — São os atravessadores.*

Hiroito — Não, buscar ele vai no Paraguai, passa a fronteira e tal. Chega aqui, passa pra outra quadrilhinha que não tem nada a ver com ele. Essa

quadrilhinha, se pegou 100 quilos de maconha, divide em 10 e vai vendendo pra uma e pra outra, a coisa vai se ramificando.

*DT — Não existe uma organização, é um negócio subdesenvolvido ainda.*

Hiroito — Entendeu, um sujeito se especializou numa coisa, buscar, o outro em comprar dele e espalhar para outros grupos. Essa gente não chega a formar uma quadrilha verdadeira.

*DT — Na verdade é um grupo, não é? Mas às vezes é o cara que fuma que vai lá, pega dois quilos pra fumar de graça e ele mesmo distribui.*

Hiroito — Não, aí já é outro caso. Existe muito disso mas o profissional nunca vai buscar e chega até o ponto final, até o ponto de distribuição ao consumidor. Na operação toda, do ir buscar ao distribuir ao consumidor, são uns quatro ou cinco grupos que fazem a coisa.

*HT — Conte agora como é que se deu a transição, como é que você passou a ter uma vida normal no submundo. Você trabalhava numa loja e...*

Hiroito — Por coincidência eu estava pra casar, estava guardando dinheiro. Quando aconteceu isso eu possuía uma notinha que era mais ou menos e com ela eu vivi creio que cinco meses. Dentro do submundo eu vivi cinco meses sem delinquir, eu morei no submundo, já havia pego a tiros várias pessoas mas não havia delinqüido ainda. Minha personalidade, meu modo de ser, pra eles soava como afrescalhado, era muito mais fácil eu arrumar encrenca do que o Quinzinho, por exemplo. O Quinzinho é um negrão, fala grosso, impõe respeito, e eu não. Pelo contrário, arrumei muito enguiço por covardia. Logo que fui pro submundo arranjei dois revólveres, ninguém usava revólver, usavam navalhinha, faquinha, e eu por medo jamais podia pensar em pegar alguém com navalhada. Com os dois revólveres comecei a dar tiros nos outros.

*HT — Havia muita rivalidade?*

Hiroito — Havia, pra mim mais que pros demais, devido ao meu modo de ser. No submundo é interessante, o que vale muito é a aparência, o sujeito tem a cara feia, fala grosso, está feito, eu não sei falar grosso, não sei ser mal-educado.

*WN — O pessoal não tinha mais confiança em você pelo fato de ser mais calmo?*

Hiroito — Todo mundo gostava de mim por eu ser mais justo, mais humano, mas eles diziam pelas minhas costas: "O Hiroito é muito legal mas ele é maluco." Então, todo mundo achava que eu era maluco e sabe por quê? Porque no submundo — e eu acho que não é só lá — antes do cara chegar às vias de fato, de chegar ao sangue, à agressão, há todo um ritual. Os caras estão discutindo, daí um ergue a voz: "Filho da puta." O outro: "Filho da puta é você." E põe a mãe e o pai no meio, pra só depois chegar ao sangue. Comigo não, eu dava um tiro no cara, não tinha bate-papo. Por isso soava como loucura. O pessoal dizia assim: "Pô, o cara tá conversando com o outro, vai lá e dá um tiro no homem, esse cara é maluco." Eu fiquei conhecido como sendo um cara maluco, embora muito benquisto. Todo mundo me queria bem, até hoje eu frequento lá e sou benquisto.

*HT — Hiroito é nome ou apelido?*

Hiroito — É nome.

*WN — Durante os 21 anos que passou na Boca do Lixo você imaginou que pudesse escrever um livro sobre ela?*

Hiroito — Eu tinha intenção, há muitos anos, de escrever algo, não nesse estilo, nesse gênero, mas uma análise mais profunda, um ensaio sobre criminalidade, mas isso era um sonho que acalentava um cara que não tinha o que pensar.

*WN — Você lia na prisão?*

Hiroito — Lia, sempre li muito.

*WN — Qual foi a maior cana que você pegou?*

Hiroito — Sete anos.

*WN — Você tinha acesso à biblioteca?*

Hiroito — Eu tinha normalmente, não se tem, mas eu tinha.



WN — *Que tipo de livro você lia?*

Hiroito — Eu li muito antes da delinquência, um irmão é que influenciou. Aos 16 anos comecei a ler filosofia, li tudo o que podia ler sobre filosofia, todos os filósofos. Na minha mocidade eu era assim meio esquisito, embora fosse um cara boêmio, gostasse, e eu sou mulhengo, sempre fui gamado em mulher, exageradamente. Mas eu gostava muito de filosofia, então devorei todos os filósofos, os pré-socráticos, mas tudo mocinho, com 17, 18 anos. Depois dos 21 segui lendo, mas não tanto. Então eu era um cara um tanto intelectualizado, mas mulhengo. É um negócio meio contraditório.

WN — *O que te deu a idéia de escrever um ensaio sobre a criminalidade?*

Hiroito — Em 70 saí da prisão e já não agüentava mais a vida do crime, eu estava saturado, e procurei auxílio de um amigo meu, que é o Samir Achoa, vereador, e meu amigo antes de ser vereador. *(Nessa altura o filho de Hiroito, Jorge, que continua choramingando, resolve urinar na calça do pai e Hiroito protesta.)* Que é isso, filho, mijando no bandido? *(Pausa, enquanto ele ajeita a criança sem tirá-lo do colo.)* Bem, o Samir Achoa tentou me arrumar um emprego e não conseguiu. Um amigo milionário que ele tinha me mandou fazer exame psiquiátrico para ver qual era a minha e então desconversou. Eu acabei ficando como secretário do próprio Achoa durante um ano e meio e tive razoáveis melhoras. Todo mundo ficou me conhecendo como secretário do Samir Achoa, a polícia, os juízes, os desembargadores, todo mundo. Então aí houve a rejeição, que foi o maior problema que eu encontrei. Mesmo com o prestígio dele, o apoio dele, havia a rejeição. Todos no escritório ficavam me conhecendo, conversavam comigo, mas nunca me convidavam pra sair junto, pra ir num teatro junto, num cinema. Nesse meio tempo um repórter, o Criscuolo, dos Diários, que durante 20 anos não fez outra coisa senão atacar-me, precisou do Achoa pra fazer um recurso, um mandado de segurança. Ele chegou lá e o Samir disse: "Fala lá com o Hiroito que ele resolve." Daí eu fiz o mandado e ele ganhou. O Criscuolo achou que eu tinha uma facilidade de expressão muito boa, daí começou toda aquela história: "Pô, escreve sua vida." Onde me via ele vinha com essa.

WN — *O Criscuolo?*

Hiroito — Pois é, o Criscuolo foi o cara que mais se aproveitou do parri-cídio impune como eles diziam, da manchete. Ele é o papa da imprensa amarela. Um dia eu estava preso no 3.º Distrito e ele foi no xadrez me entrevistar. Daí conversando com ele, ele falou em Deus, daí eu não agüentei e dei aquela cuspidinha nele. Ele ficou branco, chegou gente, o Criscuolo virou as costas e foi embora. Daí em diante, começou aquele processo todo na mente dele, e ele começou a querer me ajudar, ficou meu amigo, ia me encontrar no Samir e invocou que eu tinha que escrever, volta e meia me procurava na prisão — ia visitar alguém ou fazer uma reportagem — e pedia: "Pô, rapaz, escreve." Até que um dia eu resolvi e disse: "Vou escrever." "Legal, então vamos conseguir autorização", disse ele. Nós tentamos e não conseguimos.

WN — *Autorização de quem?*

Hiroito — Do juiz corregedor, do DIP, ninguém quis dar. Aí o Criscuolo tomou as dores, se queimou, foi ao juiz e disse: "Se não derem autorização vou entrar com mandado e fazer uma série de reportagens explicando que é um absurdo." Daí, mediante a pressão dele, me deram a autorização. Mas mesmo assim tudo o que eu escrevi passou pela censura, quer dizer, não cortaram nada, houve trechos que eu tive que explicar, me chamaram lá e tal, tudo que eu escrevi passou pelos homens, tem que ter um carimbinho da Penitenciária. Até então, veja bem, eu achava que ele tinha um interesse monetário, financeiro. Depois que eu escrevi consegui o Analdino, das Edições Populares, para editar, aí chamei o Criscuolo e disse: "Olha, vamos acertar nossas bases, quanto é que você quer?" E ele não quis nada.

HT — *O seu livro é uma autobiografia. Agora, você pretende criar alguma coisa em termos de ficção?*

Hiroito — Não, não. Eu acho o seguinte, com todo o material que eu possuo, material literário, não vejo necessidade de apelar para a ficção, nem sequer fazendo como faz o João Antônio. O João Antônio, de tanto escutar história, ele junta tudo e cria um personagem.

HT — *Você leu o "Querô", do Plínio Marcos?*

Hiroito — Não. Mas assim que o meu livro saiu eu mandei um exemplar pra ele e fiquei esperando uma opinião. O Plínio disse que eu era um ex-delinquente medido a literato. Eu concordo plenamente, só que eu acho que ele é um literato medido a ex-delinquente. Ele nunca foi delinquente, e eu acredito que o maior valor que há na minha obra é o fato de eu ter sido delinquente: eu não estou criando nada.

DT — *Você acha que é um documento?*

Hiroito — É um depoimento transmitindo alguma coisa que eu vivi.

WN — *Hiroito, me diga uma coisa, você leu o "Leão-de-Chácara", do João Antônio? O leão-de-chácara é aquilo mesmo?*

Hiroito — É, tá muito bem escrito, mas acho que, quando ele usa vários personagens para criar um, não é válido. Por exemplo, o Paulinho Perna Torta, dizem que eu seria ele, mas lendo a estória encontrei ali cinco ou seis personagens que ele fundiu num só.

DT — *E "Feliz Ano Novo", do Rubem Fonseca, você leu?*

Hiroito — Não.

WN — *O Criscuolo insistiu, você acabou escrevendo um livro. Quanto é que você demorou pra escrever o "Boca do Lixo"?*

Hiroito — Onze meses.

WN — *E você já tinha a proposta da editora pra lançar o livro?*

Hiroito — Não. Tudo foi o Criscuolo que conseguiu. Eu escrevia e semanalmente mandava pra rua, passava pela censura e ia pra mão do Criscuolo e o Criscuolo encaminhava à editora.

WN — *Quanto tempo demorou do último capítulo enviado pra rua até a publicação?*

Hiroito — Dois meses.

WN — *A editora surgiu por causa do seu livro?*

Hiroito — Não, ela ainda não chega a ser uma editora, é um rapaz que montou a firma, mas não tem estrutura nenhuma, ele havia lançado um livro apenas, que vendeu muito em Goiás. Esgotou a edição lá. O segundo foi o meu.

WN — *Quantos exemplares ele vendeu do seu livro?*

Hiroito — 13 mil até fins de junho.

WN — *Em todo o Brasil ou só em São Paulo?*

Hiroito — Não, parece que apenas em São Paulo. Foram uns exemplares pro Rio, creio que uns 300, 400, e um outro tanto pro Rio Grande do Sul.

WN — *Você acha que o João Antônio, no "Paulinho Perna Torta", fundiu alguns personagens num só. Imagino por isso que você tenha uma visão muito específica de literatura. Como deve ser a literatura pra você?*

Hiroito — Entenda bem, eu acho que o meu maior valor, repito, está no fato de eu ter vivido tudo isso, não precisei criar personagem nenhum. Posso escrever 20 volumes sem apelar para a ficção, basta a minha vivência.

HT — *Concordo com você, inclusive esse aí é um valor comentado muito violentamente por exemplo pelo Hemingway, de que o escritor consegue transmitir desde que ele tenha vivido a coisa, ainda que seja como testemunha.*

Hiroito — É o caso típico do Cronin, é uma vastidão de obra e são todas obras boas, e não é porque ele seja um literato fenomenal, não, não é, é a vivência dele que facilitou, a vivência e uma capacidade de expressão um pouco acima do normal. Então saem coisas boas.

HT — *Eu achei interessante o seguinte: você falou que na juventude teve uma formação filosófica, quer dizer, você leu filosofia, que já não é uma coisa comum, e ao mesmo tempo teve contacto com a vida real, pela boemia, e, depois, toda essa experiência. Nunca surgiu uma sobreposição daquilo que você leu de filosofia sobre o que teve como experiência de vida? Porque uma*

coisa é você relatar aquilo que viveu e outra relatar o que viveu com dados concretos e ao mesmo tempo com uma reflexão em cima, porque o Dostoiévski, a grande mudança dele, foram os dez anos de cadeia. Você leu "Recordação da Casa dos Mortos"? É um livro de observação, de uma cara que tinha uma cultura diferenciada em relação aos presidiários, como é o seu caso.

Hiroito — Mas aí há a diferença seguinte: eu era muito novo.

HT — O que eu estou dizendo é que você agora tem as duas coisas, a experiência da cultura e a vivência. Quer dizer, não precisa inventar tipos como o João Antônio ou o Plínio Marcos, porque você viu as situações. O que eu estou vendo é uma possibilidade, em termos de obra, de você unir as duas coisas.

Hiroito — Na minha obra eu procurei evitar uma análise mais profunda e não consegui, parece que em certos trechos eu me aprofundei demais e isso até prejudicou um pouco.

HT — Quando pela primeira vez você pensou em escrever você pensou em ensaio?

Hiroito — Exato, mas era completamente diferente do que eu acabei fazendo. Era um negócio mais científico, eu queria aproveitar tudo o que eu ouvi e senti para desfazer muitas fantasias que existem sobre a criminalidade, a prostituição, que são criadas pela estatística. Eu pensava em me valer do meu passado, da minha vivência, para desfazer isso. Mas seria algo científico, um estudo, jamais o que saiu.

HT — Eu acho que você tem equipamento, é um palpite que estou dando, para falar do homem como delinqüente. Na "Recordação da Casa dos Mortos" tem um cara que matou o pai a machadada e aquilo vem sem muita frescura, sem nenhum frescura de filosofia, é um ser humano que chegou àquela situação porque a vida o levou a isso.

Hiroito — Eu sempre pensei em escrever me dirigindo não ao público, ao grande público, mas àqueles estudiosos da criminalidade, para abrir um pouquinho a visão deles, tirá-los das mesas deles, dos relatórios judiciais, dos boletins. Não seria então para ganhar dinheiro, mas para prestar um serviço aos que se dedicam ao estudo da criminalidade. Quanto ao "Boca do Lixo", acho que atingi o público pela minha capacidade de apresentar a dinâmica das coisas. Mas isso aí não leva a nada. Já vendi 13 mil exemplares, mas muitos dos que compraram e leram censuram justamente essa parte em que eu me meti a refletir, eles queriam ação.

HT — Ação é com o Rubem Fonseca. Acho que você deve ficar na sua. Ação criminosa, assassino dando tiro e tudo mais, você encontra no "Feliz Ano Novo", que é bom livro de literato, que não é assassino, que nunca foi preso, o literato pode criar, a arte dá esse poder, penso que o que você tem de importante é isso, exatamente o que você colocou, a vivência e mais o equipamento que você tem para refletir, não se preocupe com o grande público.

Hiroito — Parece que o público quer mais é se distrair.

HT — Aliás você vende muito mais do que o pessoal que está preocupado com o grande público, porque a média do pessoal que quer escrever para o grande público é de três mil exemplares e você já chegou aos 13 mil.

Hiroito — Isso é devido à minha fama de delinqüente, não é pela obra.

HT — Mas o Jean Genet, que é um cara, pelo menos em termos de vida, paralelo, vendeu muito também pelo fato de ser delinqüente.

Hiroito — Mas ele não tinha o nome que eu tinha quando fui delinqüente.

WN — É, ele era mais um ladrão.

HT — Espere aí, o Jean Genet tinha mais nome que você, sabe por que razão? Ele não tinha nome nenhum, quem deu o carimbo foi o Sartre.

WN — Ele está falando de nome como criminoso, nome no mundo do crime.

HT — O Jean Genet talvez não tivesse merecido nenhuma manchete, mas quando ele surgiu ele surgiu com o carimbo do Sartre. "Eis o criminoso na literatura." Vendeu milhões de exemplares.

Hiroito — Na Boca, e isso é estranhíssimo, eu esperava que houvesse ressentimentos, que o livro criasse invejas, e foi o contrário, todo mundo sentiu um certo orgulho, um sentimento de classe. Eles estão satisfeitos porque um de lá chegou a este ponto. Nunca poderiam imaginar. Mas fica bem claro no livro que eu não parei porque me tornei honesto por convicção, parei porque me encheu o saco, uma hora eu não agüentei mais o sofrimento, tirar cadeia e tal, não foi porque me convenci de que o bem, a honestidade. . . Então é isso: eu não sou honesto por convicção, sou porque acho que não vale a pena ser desonesto, unicamente por isso, senão, é claro, eu estaria sendo desonesto.

*DT — Você já está declarando imposto de renda?*

Hiroito — Eu estou numa luta para conseguir 130 mil cruzeiros de notas fiscais para não pagar imposto do que eu recebi no cinema.

*WN — Faz um ano que você saiu da prisão, como é que você vive hoje?*

Hiroito — Pois é, foi um negócio que primeiro me chocou muito, me revoltou, a aceitação que eu tive, porque antes disso, umas quatro ou cinco vezes, tentei parar com o crime e voltar ao convívio social, não por convicção, repito, mas por não querer mais. Passei a trabalhar e não fui aceito, quer dizer, não consegui um vínculo com a sociedade. Hoje me aceitam unicamente pelo livro, mas não pelo valor da obra, pelo fato de eu ter escrito um livro. Então parece que é uma desculpa pra eles me levarem na casa deles, se alguém disser alguma coisa, "não, ele é um escritor, um ex-delinquente, é o sonho dourado do brasileiro."

*HT — O brasileiro não valoriza o escritor.*

*WN — Quanto você recebeu até hoje de direitos autorais, os 10% normais?*

Hiroito — Doze e meio.

*WN — Doze e meio? Isso é muito bom para o escritor brasileiro, que sofre para receber os 10%.*

Hiroito — Eu recebi mais foi dos direitos do cinema, os 130 mil que eu falei.

*WN — Assim de uma vez?*

Hiroito — Não, recebi 80 e 50 parcelados, eu pedi parcelado para me garantir uns meses de sobrevivência, e mais 5% dos lucros.

*WN — Você começou a falar, antes de eu ligar o gravador, que está escrevendo uma outra estória, também centrada na Boca do Lixo.*

Hiroito — No livro você vê que eu não abordo a prisão, primeiro porque eu estava preso, dependendo do juiz e do conselho penitenciário para ser posto em liberdade condicional. Quer dizer, se eu abordo cadeia, teria de fazer média — o que eu não faria nunca — ou arriscar cair no desagrado dos homens que iam me pôr em liberdade. Eu não sou tão corajoso assim, então preferi me omitir. Eu já saí da condicional, saí com um mês e meio da condicional, mas se eu não escrevo o livro também não saio. Estaria até agora lá. É uma coisa interessante, os juizes que me julgam, que me julgaram várias vezes, os que foram incumbidos de me julgar a condicional, nunca me viram, nunca sentiram a pessoa, eles sabiam do Hiroito pelo meu FA, pela minha folha de antecedentes e pelo que liam na imprensa, eles nunca sentiram o homem. Então a idéia que eles faziam de mim era de um monstinho, nunca iriam imaginar que eu sou um cara educado. A primeira coisa que eu fiz ao publicar o livro, ainda preso, já com a condicional em andamento, foi mandar um exemplar pro juiz, outro pro promotor, outro pros membros do conselho penitenciário. Então, ao lerem meu livro, minha imagem mudou completamente. Um deles, que é o presidente do conselho penitenciário, quando eu saí fui agradecer a ele, no mesmo dia me deu a sugestão de fazer palestras em faculdades. "Você podia usar seu passado pra orientar a juventude, inclusive se precisar eu vou junto com você." Por quê? Porque ele leu meu livro. Não fosse isso, ao chegar na mão dele o processo, ele diria: "Pô, esse Hiroito é aquele bandido." E fim.

*HT — Quer dizer que a justiça não dá ao réu oportunidade de expor todas as suas razões.*

Hiroito — É tanta burocracia que eles não sentem, não há humanismo, não há relacionamento nenhum.

*DT — A Justiça é cega, né?*

Hiroito — Ele julgavam o cara sem conhecer a fisionomia dele, é um absurdo. Há quem vivenciava pela imprensa, mas desconhecia. Esses juízes, quando eram estudantes, ouviam falar de mim, “o Hiroito deu tiros”, “o Hiroito fugiu”, depois foram para a advocacia e então para o magistério. Quando chegava na mão deles o julgamento do Hiroito, eles diziam: “O Hiroito é aquele bandido.”

*HT — Mas como é que o caso fascinou tanto?*

Hiroito — Foi o parricídio.

*HT — O parricídio é uma coisa, depois é o fato de que você mandava na Boca, mandava no crime.*

Hiroito — Eu subi muito rapidamente na carreira criminosa pelo fato de ser como sou. Repetindo, isso causou mais problemas do que aos demais. Eu cito sempre o Quinzinho, o Quinzinho é um crioulo lutador de boxe, um monstro, ele chega num bar, entra, todo mundo fica com receio do cara, ele impõe medo.

*DT — Você soube do assalto na sauna do alemão, perto da praça XIV Bis? Uns rapazes foram lá assaltar, o Quinzinho estava cochilando com um jornal na cara, ele pôs todo mundo pra correr só no grito. “Pô, seu Quinzinho, desculpa, não sabia que era o senhor, pelo amor de Deus.”*

Hiroito — Imagine eu discutindo com um malandro.

*HT — Quer dizer que a fama de rei da Boca veio dos tiroteios?*

Hiroito — Pelo fato de eu me mostrar, por medo, mais violento do que os outros. Em vez de entrar nessa de discutir, eu atirava, nunca troquei tiro com ninguém.

*DT — Você não era amigo do Quinzinho?*

Hiroito — Não, tive desavença com ele, dei uns tiros nele.

*DT — E o Nelsinho da 45?*

Hiroito — O Nelsinho é meu amigo. Retomando, eu era mais violento do que eles e mais frio. A determinação do sujeito soa como loucura. “Poxa, aquele cara é maluco, está conversando com você e de repente dá um tiro.” Quer dizer, não é bem assim. Eu estou discutindo com um cara, percebo que não tem papo, noto que os tiros estão chegando, então por que é que eu vou xingar a mãe dele e ele a minha? Pra que eu vou arriscar, eu não tenho razão? Antes dele me dar um tiro eu dou um tiro nele. Isso soava como loucura. E outra coisa, eu sempre usei, por covardia também, o revólver. Eu fui o tipo do bandido covarde, não fui aquele dos filmes, “vamos sacar os dois”, eu nunca deixei ninguém sacar, sempre saquei primeiro. Sempre usei dois revólveres, um na cintura e outro em cima do saco, então eu andava com a mão no bolso pegando no revólver. Até isso se tornar conhecido levou uns dois, três anos, mas mesmo depois continuou havendo respeito porque sabiam que eu estava com a mão na arma.

*WN — Existe uma lei, uma ética, de atirarem ou levarem a mão ao revólver ao mesmo tempo?*

*DT — É a ética do cão.*

Hiroito — Principalmente no meu caso, sempre fui desta opinião: se eu tenho que pegar alguém eu pego. Houve um caso interessante, uma vez briguei com um cara, um bandidinho, dentro do xadrez. Ele quis tomar minha camisa, os amigos apartaram, aí eu disse pra ele: “O dia que eu te encontrar eu vou te pegar.” Saí da prisão, passaram-se uns meses, estou no Snoopy jogando snooker e vejo ele entrando. O camarada quis me assaltar, me esculachou, o que é que eu tinha que fazer? Pegar ele. Naquele tempo eu usava navalha ainda, peguei a navalha e, quando fui pra cima dele, ele disse: “Não, calma, não corta.” Eu bobão, meninão, filósofo, joguei fora a navalha e briguei

com ele na mão, ele me arreventou todo, fui parar no pronto-socorro. Pensei: "Porra, o cara me deve, me assaltou, briguei com ele e ainda quebro a cara." Daí a conclusão: "Eu nunca mais dou chance pra ninguém." Então foi isso, nunca discuti com ninguém, só às vezes no caso de um conhecido houve risco da minha parte, no mais não houve risco nenhum, eu não corri risco nenhum.

*HT — Adiantando um pouco o livro que você está escrevendo, quero que você me diga o seguinte: a gente que é leigo pensa que a prisão é uma coisa terrível, principalmente agora com a superpopulação. Como é que você se dava lá no presídio?*

Hiroito — Por sorte, quando fui pela primeira vez eu já havia matado um, e era conhecido como o cara que matou o pai, então havia um respeito enorme. Eu nunca tive problema na prisão, de fato é uma lei terrível.

*HT — Então o sujeito só se sai bem na prisão graças à sua capacidade criminal?*

Hiroito — Capacidade de violência que o cara tem.

*WN — Eu queria voltar ao problema da sua sobrevivência agora, porque você anda escrevendo para cinema, tem os direitos autorais e todo o resto.*

Hiroito — Eu fui contratado pelo Olivier pra fazer o roteiro da vida do Meneghetti. Eu já fiz três vezes o roteiro, ficaram umas bostas, ele gastou muito dinheiro. Me apresentaram pra ele, ele conversou comigo e me contratou, embora eu dissesse que não tinha capacidade para fazer roteiro. Por isso eu fui morar na praia, para criar mais à vontade, tenho a sobrevivência garantida, porque eu recebo do meu filme, do dele e do livro.

*WN — Você ainda se sente ameaçado pelo pessoal da Boca?*

Hiroito — Eu nunca me senti ameaçado. Eles é que se sentiram mais. Eu sempre fiz o bem por covardia, não fui valente, né, fui mais covarde que os outros mas nunca levei tiro, nem facada, nem uma navalhada. Nunca dei chance pra ninguém: se eu achava que um cara ia me dar um tiro eu ia lá e dava um tiro nele antes.

*DT — Quantos caras você matou ao todo?*

Hiroito — Isso aí eu não disse nem no pau-de-arara.

*HT — Essa pergunta não tem cabimento, mas tem uma outra que sim, inclusive está relacionada com a literatura: o Hemingway foi um cara que foi pra guerra e dá a entender em algum romance que também matou. Na guerra você matava o cara ali mesmo. Porque a guerra no submundo e a Terceira Guerra Mundial vão ser iguais.*

Hiroito — O submundo é um caso mais pessoal, uma guerra não. Você está defendendo o quê? A pátria?

---

## Amor permissivo? Permissivo amor? Uma poesia nova com sabor antigo.



## DE MÃO EM MÃO

*Uma entrevista com os integrantes  
do Núcleo Pindaíba.  
Por eles próprios.*

*(Em agosto de 1978)*

### QUANDO E COMO NASCEU A PINDAÍBA

ARISTIDES — Foi em 1976, eu e o Arnaldo acabávamos de vencer um concurso de poemas promovido pela Editora Cooperativa de Escritores, cujo prêmio era a publicação dos poemas selecionados no livro que foi intitulado VENTONOVOS. Nossa intenção, na época, era participar efetivamente da Cooperativa, que era uma alternativa incrível. Porém meu nome não foi aceito como integrante do grupo que possuía critérios muito autoritários de escolha. Então me vi excluído daquele grupo que era composto apenas por jovens e talentosos escritores. Minha opção, para não ficar no imobilismo, era inventar também uma editora por conta própria. Dessa forma, com um capital inicial de Cr\$ 4.000,00 editei um livreto com poemas meus intitulado OSSO GERAL. Com a venda da primeira e segunda edição do OSSO editamos o NÓ CEGO, coletânea com trabalhos de poetas de SP, Rio e Belo Horizonte. O dinheiro que resultou da venda do NÓ CEGO serviu para financiar a edição de outra coletânea, CARA A CARA. Em seguida reunimos sete poetas, que na época integravam o jornal Poesias Populares, e cooperativamos a edição de um livro maior e bem acabado que é o CONTRAMÃO. Por último editamos o ESQUINA DORSAL, só com poemas meus.

### O QUE DIFERENCIA A PINDAÍBA DE UMA EDITORA NORMAL

ARISTIDES — A forma de organização e atuação. Somos um núcleo que visa a edição de livros e a promoção de outras atividades literárias, tais como debates sobre a nova literatura brasileira, sobre a responsabilidade política do escritor e recitais de poesias. Esse núcleo é rotativo e é constituído apenas por criadores de arte. Vários poetas, contistas, romancistas, artistas gráficos e ilustradores. A diferença básica é que juridicamente não existimos, já que não visamos lucro. Todo o trabalho é desenvolvido pelos integrantes do grupo. Nós escrevemos, nós editamos, nós distribuimos, nós vendemos, nós divulgamos. Simplesmente tudo.

### NÚCLEO ROTATIVO

ARISTIDES — É o seguinte: o Núcleo Pindaíba atualmente é composto por mais ou menos 20 escritores. A coordenação, a organização desse núcleo é feita apenas por mim, pelo Arnaldo, pelo Roniwalter e pelo Ulisses. E o rotativo aí é no sentido da mobilização que fazemos. Vários poetas já passaram pela Pindaíba e só não permaneceram por pura indisposição de trabalho, de meter a mão na obra.

### FECHAMENTO NÃO EXISTE

RONIWALTER — Nosso núcleo é francamente aberto à todos aqueles que acreditam que não basta apenas escrever um texto, que existe uma série de atividades que o escritor pode perfeitamente desenvolver. Então uma das



condições para participar de nosso núcleo é que o escritor se sujeita a ajudar, seja na edição, distribuição ou na venda das publicações. E tudo isso não se faz de maneira desorganizada. Para se fazer um trabalho coletivo e conseqüente, é indispensável uma organização centralizada.

#### *CRITÉRIO DE SELEÇÃO DOS TRABALHOS PUBLICADOS*

RONIWALTER — O critério estabelecido até hoje foi muito subjetivo. Estamos ainda naquele critério do "gostei ou não gostei". Nota-se que este conceito subjetivo já implica em posição ideológica em cada componente do grupo Pindaíba que seleciona os trabalhos. Claro que eu sempre dou preferência a autores que apresentam um trabalho literário voltado para a nossa realidade, refletindo essa terrível realidade brasileira que está aí. Até agora, todos os textos publicados pela Pindaíba estão voltados para denunciar, "gritar", como diria Hermilo Borba Filho, as condições em que vive a população brasileira nesta ditadura.

#### *NOSSOS LIVROS VENDEM COM FACILIDADE. POR QUE?*

ULISSES — A primeira coisa que fazemos é distribuir uma pequena quantidade nas principais livrarias de São Paulo e Rio de Janeiro. Enviamos também para livrarias de Teresina, Curitiba, Porto Alegre, Belo Horizonte e outras cidades. Colocamos nas livrarias apenas para constar, porque na realidade vende muito pouco. É necessário um ano para se vender 10 livros. Então nossa jogada é outra. Quase toda semana vamos fazer debates em faculdades e escolas da capital e do interior e aproveitamos para vender os livros. Vendemos também nas portas dos teatros. E agora estamos com uma nova transa: criamos uma banca ambulante que levamos para vários locais. Começamos com essa banca na Bienal do Livro e, tenho certeza, em apenas quatro dias vendemos mais poesia que várias editoras que possuíam estande. Então a jogada é essa, assumir uma postura de camelo, mas um camelo consciente e agressivo. Um camelo de idéias.

#### *VENDER LIVROS DE MÃE EM MÃO NÃO É UM AUTOFLAGELO*

ARNALDO — Alguns jovens escritores, principalmente os contistas, acham que sim. Mas nesses 14 anos de castração uma das coisas de maior contundência e de indiscutível caráter político é a presença de poetas panfletando nas portas de cinema, teatro. O poeta como suporte de seu próprio trabalho sem a preocupação elitista dos estandes e das livrarias. Agora uma coisa que precisamos deixar bem clara: é preciso que o poeta se situe além da preocupação imediatista de vender livros.

#### *EXISTE NO GRUPO AUTORES QUE TÊM PUBLICADO POR GRANDES EDITORAS. POR QUE ELES NÃO PUBLICAM PELA PINDAÍBA?*

ARISTIDES — Primeiro é o financiamento da obra. Editar um livro não é barato. Segundo é que não temos preconceito contra as grandes editoras. Terceiro é que estamos mais preocupados em dar continuidade ao nosso trabalho, de levar a literatura diretamente às pessoas. E o fato de você publicar numa grande editora não impede isso. Não estamos aí para defender sectarismos baratos. O importante é a consciência crítica do escritor. Eu, por exemplo, que até hoje só publiquei pela Pindaíba, vou agora sair em duas publicações da Civilização Brasileira. Vou publicar no Violão de Rua n.º 4 e no n.º 2 do POESIA VIVA. O Roniwalter, por exemplo, que é o autor novo que mais vende, inclusive seu último livro foi esgotado em menos de um mês, está na Pindaíba pelo trabalho político que propomos fazer. O Arnaldo já recebeu convites para publicar em duas editoras e só não aceitou porque prefere sair pela Pindaíba. O Ulisses ainda este ano deverá publicar um livro infantil na França. Como você vê, não estamos presos a mentalidades retrógradas. E daí a maior importância de nosso núcleo ser nosso traba-



lho pós-editorial, nosso trabalho de debates, recitais e, por que não dizer? nosso trabalho de conscientização política.

### *TEMOS NOS ARTICULADO COM OUTROS GRUPOS LITERÁRIOS*

ARNALDO — Não só com grupos, mas também com indivíduos que realizam trabalhos isoladamente. Por isso há uma diferenciação básica pela raiz. E omiti-lo é autonegar-se, como é o caso de todos aqueles que intencionalmente tentam nos colocar na periferia da movimentação poética em São Paulo. Não estamos simplesmente atentos às conquistas aparentes das páginas literárias de jornais e revistas, mas sim tentando dar à Pindaíba uma horizontalidade que se evidencia na participação vigilante dentro do processo histórico brasileiro. Por isso tripudío as manifestações pretensamente elitistas do publicitário Claudio Willer que se arvora o Senhor Feudal da poesia paulista, colocando na sua cauda alguns poetas de alcova.

### *NÃO HÁ PREOCUPAÇÃO POLÍTICA NOS NOVOS POETAS*

ARNALDO — Acho que a grande parte dos poetas não se preocupa com o papel histórico de sua poesia. Isso pude constatar no I Ciclo de Poesia Universitária de SP, no Centro Acadêmico Oswaldo Cruz. O fato do empreendimento ser organizado e "executado" por estudantes universitários mostrava que os poemas davam respostas à tragédia brasileira desde o golpe de 64. Mas qual nada, a alienação foi a nota marcante nos debates. E grande parte dos poemas ali apresentados se calcava em individualismos pequeno-burgueses, processos de fuga, duendes, ninfas e fadas, quando os fantasmas que habitam a realidade brasileira são a fome, o arrocho salarial, as arbitrariedades, a censura, os atos de exceção de um regime autoritário.

### *TEM OCORRIDO REPRESSÃO AO TIPO DE TRABALHO QUE REALIZAMOS*

ARNALDO — Por princípio nós ignoramos quaisquer tipos de censura. Porém não podemos fechar os olhos a determinadas formas deliberadas de se omitir e podar a continuidade de nosso projeto. Por exemplo, durante o I Encontro Nacional de Escritores, realizado ano passado no Hotel San Raphael, a escritora Lygia Fagundes Teles tentou nos enxotar alegando que ali se realizava um encontro de escritores. Aqui mesmo na ESCRITA, num debate sobre a poesia práxis, a escritora Cecília Prada afirmou que a gente fazia uma "literatura fácil". Será que a verdadeira literatura é aquela que está subordinada aos trâmites legais e ideológicos das universidades via professores, críticos, livrarias e editoras? É como afirma o Ulisses: "rodamos a bolsinha, mas não abrimos".

ULISSES — Eu gostaria de acrescentar alguns fatos: num debate do pessoal da Pindaíba com estudantes em Curitiba, um colaborador da repressão subiu no palco irritado com o que estava ouvindo. No lançamento do livro do Ferreira Gullar, na Livraria Cultural, eu e o Aristides fomos expulsos por estar vendendo jornais. Na Bienal do Livro a polícia e a comissão de segurança da Câmara Brasileira do Livro quiseram nos expulsar. Repórteres que não são repórteres, estudantes que fazem bico de Kojaks e pessoas que só faltam carregar a suástica na lapela, também compõem o cenário cultural. Mas a repressão mais eficiente sem dúvida é a alienação geral, o repúdio a qualquer manifestação do livre pensamento, a falta de prática do diálogo, o comodismo incrementado pelo poder nos cidadãos como prática de vida.

### *NÃO CONSTITUIMOS UM MOVIMENTO*

ARNALDO — Não. Não constituímos um movimento. Entretanto a militância permanente e contínua dos "membros duros" da Pindaíba nos debates, nas palestras, nos recitais, nos dá características de grupo. Cada um tem seu posicionamento crítico no que se refere à literatura e à política.

Apesar das afinidades ideológicas, o Aristides, o Ulisses, o Roniwalter, o Romane tem suas especificidades sobre cada coisa. Eu assumo particularmente a barra e as críticas de ter afirmado, no Encontro de 10 anos de Poesia Brasileira na USP, que o concretismo foi o AI-5 e a Práxis o 477 da poesia brasileira. Já os meninos podem não concordar comigo, naturalmente, mas não exercem nenhum tipo de censura por terem consciência de que não se trata de afirmações gratuitas e provocativas, preocupadas simplesmente com a promoção pessoal, que é um fato tão comum entre aqueles que fazem tão precariamente essa literatura.

#### *SOBRE O POESIAS POPULARES*

ULISSES — O Poesias Populares foi um sonho muito bonito que nos fez acordar. Acordar e descobrir que fazer poesia não isenta ninguém de assumir a condição de cidadão, não absorve ninguém por mau-caratice, não justifica ninguém por omissão, muito ao contrário. Primeiro é preciso deixar claro que, mais que um jornal, o Poesias era um projeto amplo, aberto e, por envolver mais coisas que o imediatismo de publicar o trabalho de todo mundo, acabou atizando as contradições de quem se propõe a praticar poesia neste país, neste momento. O projeto se dividia em vários níveis: o jornal, a venda de mão em mão do jornal, o mutirão de poetas no Brasil todo, os recitais, as reuniões semanais de poetas, enfim, um negócio altamente pretensioso e estimulante. Na verdade, o que se queria era fazer a cabeça do leitor do poeta ao mesmo tempo. Mas você fazer isso com uma multidão de poetas diletantes, imediatistas e desinformados, como é a maioria dos poetas, infelizmente não dá, nem se jogando inteiro nisso como nós fizemos. Está certo que conseguimos esgotar três edições, lançar o "Iniciativa Privada", aquele cartaz com poemas para banheiros, o "Contramão", mas como é que você vai continuar com o mesmo tesão depois de levar calote de 80% dos poetas, que pura e simplesmente sumiram com os jornais e com o dinheiro?

#### *DÁ PRA VIVER DE POESIA*

ULISSES — Se você ficar totalmente excluído da sociedade de consumo, como a maioria da população brasileira está, então dá. A última vez que eu tentei viver só de poesia, o máximo que eu consegui foi um começo de anemia. Agora que estou entrando nessa de novo já entrei mais precavido: mudei para a casa de parentes e vendi minha única propriedade, um sítio, para fazer o "Pega Gente".

ARISTIDES — Eu acho um bocado difícil.

#### *PRÓXIMAS PUBLICAÇÕES*

RONIWALTER — Estamos lançando a antologia de contos "AQUI & AGORA", que resultou do concurso de âmbito nacional promovido pela Editora Cooperativa de Escritores, o "PEGA GENTE" do Ulisses, em tiragem de 12.000 exemplares com distribuição em bancas e livrarias de todo o país, uma antologia de poemas intitulada TEMPOS, com poemas do Domingos Pellegrini Jr, Paulo Nassar, Hamilton Faria, Reinoldo Atem e Nilson Monteiro. O livro do Arnaldo também deverá sair antes das "eleições". Programado também o livro do Antônio Romane para este ano. Isso para não falar das edições que certamente aparecerão.



Vilma Arêas, professora da PUC carioca e autora da melhor estória infantil.



Jaime Rodrigues, autor do melhor ensaio.

---



## OS VENCEDORES DOS CONCURSOS DE

### ENSAIO E DE ESTÓRIA INFANTIL

Jaime Rodrigues e Vilma Arêas, ambos cariocas, são os vencedores da segunda fase do II Concurso Escrita de Literatura, lançado no ano passado. Cada um receberá Cr\$ 5 mil de prêmio e terá seu livro publicado na íntegra junto com César Marrano Piovani, vencedor do Concurso de Poesia.

Fábio Lucas, Antônio Dimas e Flávio Loureiro Chaves julgaram os sete trabalhos (o oitavo não se enquadra no tema ensaio literário) do primeiro concurso e Ana Maria Machado, Edith Machado e Laura Constância Austregésilo de Athayde Sandroni julgaram os 28 trabalhos concorrentes à categoria Estória Infantil.

#### ENSAIO

##### Resultado

- 1.º lugar: Jaime Rodrigues ("O Utraquismo Carroliano", pseudônimo Carpenter)
- 2.º lugar: Marcos Antônio da Silva ("Chibata Risível em Papel e Einta: Careta", pseudônimo Marcus Naíma)
- 3.º lugar: Flora Sussekind ("Machado de Assis: a Vara e o Caso da Arte", pseudônimo Ergueta)

#### Os três primeiros

Jaime Rodrigues, o vencedor do II Concurso Escrita de Literatura — Ensaio, tem 36 anos, é casado, foi crítico de cinema e hoje só esporadicamente escreve sobre o assunto. Trabalhou em editoras em São Paulo e Rio, onde nasceu e reside. É também advogado mas não exerce a profissão.

Marcos Antônio da Silva, 2.º lugar no Concurso, é de Natal, onde viveu até 1970 e pintou, participou de exposições e pensou em estudar história da arte. Transferiu-se então para São Paulo, onde cursou história na USP e leciona em escolas de 1.º e 2.º graus. "Também trabalho num banco, pois aluguel, comida e outras coisas não se encaixam no salário de professor", diz ele.

A terceira colocada no Concurso de Ensaio, autora do trabalho sobre Machado de Assis — Flora Sussekind — formou-se em letras na PUC carioca, em 1977. Tem publicado resenhas no Jornal do Brasil e contos na José e no Suplemento Literário da Tribuna da Imprensa.

#### COMISSÃO JULGADORA E VOTOS

Fábio Lucas, ensaísta e professor universitário em São Paulo, Antônio Dimas, crítico e professor de literatura brasileira na USP, e Flávio Loureiro Chaves, ensaísta e professor da URGs, Rio Grande do Sul, compuseram a comissão julgadora do II Concurso Escrita de Literatura - Ensaio.

Em carta dirigida a esta revista assim deram eles seus votos:

"A Comissão Julgadora do concurso de ensaios, patrocinado pela Revista Escrita, efetuou nesta data a sua reunião final e, após minucioso exame dos sete trabalhos concorrentes, chegou — por unanimidade de votos — à seguinte decisão:

- 1.º lugar: *O Utraquismo Carroliano*, de Carpenter
- 2.º lugar: *Chibata Risível em Papel e Tinta: Careta*, de Marcus Naíma
- 3.º lugar: *Machado de Assis: a Vara e o Caso da Arte*, de Ergueta

São Paulo, 30 de novembro de 1977".

Seguem-se as assinaturas.

## ESTÓRIA INFANTIL

### Resultado

- 1.º lugar: Vilma Arêas ("As Andanças de Nelinha no País de Todo-dia", pseudônimo Orlando)
- 2.º lugar: Giselda Laporta Nicolelis ("Onde Mora o Arco-Iris", pseudônimo Salamê Mingüê)
- 3.º lugar: Danilo Ferreira Fonseca ("A Fada-Não-Sei-O-Que", pseudônimo Orieta)

### Os três primeiros

Vilma Arêas, a vencedora do II Concurso Escrita de Literatura — Estória Infantil, é professora de literatura na PUC-RJ e na UFF. A autora de "As Andanças de Nelinha no País de Todo-dia" tem publicado matérias de ficção e crítica literária em diversas revistas culturais do Brasil e de Portugal. Em 1976 publicou pela Casa da Medalha um ensaio sobre o escritor português Augusto Abelaira sob o título "A Cicatriz e o Verbo" e, no mesmo ano, pela Francisco Alves, "Partidas", contos. É uma das 19 autoras que integram a coletânea "O Conto da Mulher Brasileira", editada pela Vertente.

Em seus livros infantis Giselda Laporta Nicolelis, 2.º lugar no Concurso, "procura desenvolver uma trama ligada ao folclore nacional, mesclada a um realismo mágico. Testa o que escreve habitualmente com crianças, inclusive pedindo sugestões a elas." Paulista, casada, jornalista pela Cásper Líbero, tem vários livros publicados, para adultos e crianças, e participou de uma dezena de antologias. Recebeu também os seguintes prêmios: Monteiro Lobato de Literatura Infantil, da Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, de 1974, com "Domingo, Dia de Cachimbo...", Fernando Chinaglia de Ficção, no mesmo ano, com o romance "A Sementeira", publicado em 1975 pela Mundo Musical, e menção honrosa em poesia no Fernando Chinaglia II de 1973, com o inédito "Névoa Fria". Giselda representa o Brasil na antologia da Primor "Contos Latino-Americanos para Crianças do Mundo Todo" e faz parte da diretoria do Centro de Estudos de Literatura Infantil e Juvenil — CELIJU, em São Paulo.

Mineiro de Três Corações, 29 anos, Danilo Ferreira Fonseca, 3.º lugar no Concurso, dirigiu por vários anos os departamentos de propaganda, promoção e relações públicas do Banco Real, onde também funcionou como jornalista empresarial. Pela Editora do Escritor lançou os contos para crianças "Estórias, Bichos" I e II e recebeu menção honrosa pelo livro "Aventuras de Misere-re" no I Concurso de Literatura Infantil Christiana Malburg, de Belo Horizonte. Publicou ainda pela Editora do Escritor o volume de contos "Serviço Completo", é casado e tem cinco filhos.

### COMISSÃO JULGADORA E VOTOS

#### 1 — Ana Maria Machado

(autora de livros para crianças e colunista do Jornal do Brasil)

- 1.º lugar: Vilma Arêas ("As Andanças de Nelinha no País de Todo-dia", pseudônimo Orlando)
- 2.º lugar: Não identificado ("Di-Noite, um Crioulinho Treteiro", pseudônimo Cafuringa)
- 3.º lugar: Danilo Ferreira Fonseca ("A Fada-Não-Sei-O-Que", pseudônimo Orieta)
- 4.º lugar: Giselda Laporta Nicolelis ("Onde Mora o Arco-Iris", pseudônimo Salamê Mingüê)
- 5.º lugar: Maria Vera Siqueira ("Xereta", pseudônimo Iansã)



“Como na maioria dos outros concursos de textos para crianças em que tenho tido a oportunidade de participar do júri, também neste me impressionou o baixíssimo nível do conjunto. Provavelmente por se destinar a um público infantil — e por ser a criança tão dominada e desrespeitada em nossa sociedade — qualquer um acha que pode alinhar qualquer porcaria em letra de forma, sem levar em consideração o que seja a palavra ou o que seja a criança. Um panorama desses traz para o julgador uma função muito ingrata. Por um lado, a pretensão de julgar é muito antipática, principalmente quando apoiada de saída em uma visão de que a necessidade de manifestação e de expressão deve ser incentivada e apoiada e que o ideal seria que todos pudessem ter livremente uma oportunidade de acesso ao público que, então, soberano, decidiria diante do pluralismo de ofertas. Por outro lado, constata-se a ausência de qualquer inventiva verbal aliada à permanente pregação da passividade e do conformismo como qualidades ideais para as gerações que se formam — e isso obriga a relutante julgadora a assumir furiosamente um papel de emitir juízos de valor e deixar de lado as iniciais veleidades condescendentes.

Diante desse quadro, é inevitável distinguir — nem que seja separando o prejudicial do inócuo. E o critério de escolha acaba sendo o menos desejável: selecionar por eliminação. Evidentemente é preciso alijar um texto cheio de erros de português que defende que os mais desenvolvidos têm o direito de roubar as florestas dos mais atrasados para que estes não lhes exijam em troca alguns conhecimentos científicos que podem trazer o risco de levar à destruição. Ou o que prova ao filho da favelada que ele não precisa ser infeliz porque seu pai desconhecido é alemão. Ou o que ensina que só quem obedece e trabalha sem ambições ou perguntas cumpre seu dever e é recompensado (o que pode até ser verdade), mas merecia ser apresentado criticamente. E em melhor português.

Além do conformismo deletério, surge a pretensão didática paternalista. A visão de que o livro para criança não pode dar prazer, só dar aulinha. Surgem então os contos bem intencionados e chatíssimos, em linguagem piegas e tatibitantes, sem qualquer noção de estrutura narrativa: são as coletâneas de elementos folclóricos, ou de referências aos índios inteiramente fora da realidade cultural dos novos focalizados, são as aulinhas de astronomia ou botânica, são as incursões pela ecologia desfibrada e passada a limpo (suprimindo a existência de animais carnívoros, por exemplo).

De tanto eliminar, o que sobra é pouco — e nem sempre fácil de justificar fora do contexto comparativo com os outros concorrentes. Entre todos os candidatos, apenas *As Andanças de Nelinha no País de Todo Dia* me pareceu digno de ser considerado um TEXTO, bem escrito, inventivo, criador no plano da língua, onírico no clima que estabelece, divertido, com alguns toques de *non sense* em suas incursões pelo cotidiano. Quanto a *Di-noite, um Crioulinho Treteiro*, apesar de suas tintas algo pretensiosas, e de suas pinceladas meio paternalistas, consegue recriar uma linguagem popular brasileira bem saborosa — pena que afogada sob uma exagerada profusão de ditos e incapaz de amarrar a narrativa numa estrutura que supere a da mera sucessão de peripécias em inevitável colcha de retalhos. *A Fada Não-Sei-O-Quê* parte de uma idéia muito interessante: a procura do Nome (e da identidade) pela visita a diferentes reinos de letras. Infelizmente, o desenvolvimento desse núcleo gerador não chega a se acompanhar de considerável criatividade, mesmo misturando divertidos elementos de análise combinatória a uma linguagem marcadamente lusitana — ultramarino no tempo e no espaço em relação à criança. *Onde Mora o Arco-Iris?* é uma história simples, engraadinha, que sabe lidar bem com elementos folclóricos e que não incorre em nenhum dos grandes erros que infestam a maioria dos concorrentes. Finalmente, *Xereta* provavelmente seria afastada por uma visão xenófoba da literatura: a história se passa no Canadá (o que custa à narrativa algumas voltas um tanto forçadas) e conta como

um castor constrói uma represa. Mas tem um clima bem infantil e sabe falar à criança.”

2 — *Edith Machado*

(responsável pelo programa Globinho, da TV Globo, em São Paulo)

- 1.º lugar: Vilma Arêas (“As Andanças de Nelinha no País de Todo-Dia”, pseudônimo Orlando)
- 2.º lugar: Giselda Laporta Nicolelis (“Onde Mora o Arco-Íris”, pseudônimo Salamê Minguê)
- 3.º lugar: Regina Benitez (“Lili Grimilda, a Bicicleta Corina e a Bruxinha Cacilda”, pseudônimo A Senhora do Pudim)
- 4.º lugar: Danilo Ferreira Fonseca (“A Fada-Não-Sei-O-Que”, pseudônimo Orieta)
- 5.º lugar: Liliane Ruth Heynemann (“Tuca e a Estrela”, pseudônimo Brisa)

*Justificativa do voto*

“Esta é a primeira vez que participo de um concurso desse tipo. Por isso estava muito preocupada em saber como iria escolher uma entre tantas histórias. Isso foi antes de começar a ler. Lá pra metade, comecei a me preocupar com o contrário: como escolher uma história digna de ser publicada em livro entre as que eu estava lendo? Perdão, não quero parecer indelicada, mas o nível dos concorrentes foi bem fraquinho. E o prêmio, uma coisa muito séria. Até que lá pro fim da lista (na ordem alfabética dos pseudônimos, encontrei duas histórias que têm aquele algo mais. Como em todo concurso que se preze, começo a dar os vencedores de trás pra diante. Em quinto lugar coloquei *Brisa* com a sua “*Tuca, a Estrela*”: é uma historinha sensível, tem alguns bons momentos mas se perde em explicações desnecessárias (uma constante no concurso — muita gente e muitas coisas explicando o mundo pros outros. É um tal de explicar a guerra, por exemplo). Em quarto lugar coloquei *Orieta* com a fada não sei o que: é para crianças maiores, tem enredo bastante complicado, mas é interessante e prende a atenção. A linguagem é um pouco rebuscada, não lhe faria mal dar uma enxugada, mas é, sem dúvida, uma história criativa e as sugestões de ilustrações da própria autora poderiam ser aproveitadas. O terceiro lugar ficou com a *Senhora do Pudim*, quase que por causa desse nome, que eu acho delicioso. A história tem outra coisa que me agrada: um clima de magia. Não gosto muito de histórias com seres inanimados que se põem a explicar coisas (como já disse, uma verdadeira mania) mas nesse caso a balança, a bicicleta e a boneca estão bem. A segunda e a primeira colocadas estão quase empatadas pra mim. *Salamê Minguê* conta uma história que é linear e mágica ao mesmo tempo. Ela é bem escrita, fácil de acompanhar e engraçada. O tema dá belíssimas ilustrações: enquanto lia eu conseguia imaginar tudo, como num desenho animado. A casa do arco-íris, as cores, o pessoal voando com a chuva, é tudo muito visual. Mas a história de *Orlando* talvez seja a mais criativa. A gente se apaixona por Nelinha, fica com raiva do piano junto com ela. O jeito de Nelinha falar (ou de Orlando escrever) é ma-ra-vi-hoso, como diria Nelinha. Eu ri gostoso em muitas passagens, como quando Lebleonê pergunta a Nelinha sobre o piano. A resposta dela, aquele “pronto, será que todo mundo só pensa em piano?”, tem um timing perfeito. Minha única dúvida é se as crianças vão conseguir acompanhar a complicada narração do segundo ciclo, com todos aqueles minúsculos personagens. Mas acho que as crianças na faixa dos dez anos gostariam muito de Nelinha, de seu jeito saboroso de falar, e se identificariam com a sua rebeldia.

Das outras histórias, tenho pouco pra dizer. *Lila* (Maria Dinorah Luz do Prado, “Os Sapatinhos e Outras Estórias”) também não é má mas se perde em explicações e no tom exageradamente poético. *Upa, Neguinho* (Everaldo Moreira Veras, “O Segredo do Pincel Mágico”) tem personagens excelentes,



alguns momentos engraçados mas tudo isso perdido no meio de uma linguagem ultrapassada e forçada. Com menos histórias, falando em português mais claro, os personagens poderiam ser bem aproveitados. A história de *Gê* (Lúcia Miners, "Tião que morou num Bumbo") foi uma das que mais me comoveram: ela é muito bem escrita, provavelmente por jornalista, mas é um bom conto pra mães, não pra filhos".

### 3 — Laura Constância A. A. Sandroni

(uma das editoras da revista Ficção e diretora da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil — Seção Brasileira do IBBY)

- 1.º lugar: Lucia Miners ("Tião que Morou num Bumbo", pseudônimo Gê)
- 2.º lugar: Vilma Arêas ("As Andanças de Nelinha no País de Todo-dia", pseudônimo Orlando)
- 3.º lugar: não votou
- 4.º lugar: não votou
- 5.º lugar: não votou

#### *Justificativa do voto*

"Ao ler os contos enviados para o "II Concurso Escrita de Literatura — Estória Infantil" verifico com tristeza que os preconceitos em torno desse tipo de literatura continuam arraigados em nossos escritores. Todos sem exceção pretendem dar lições. As mais variadas: desde porque se deve obedecer à mamãe até como os castores constroem barragens.

A linguagem, pobre na grande maioria, sem nenhum toque criativo, é de uma mesmice inquietante.

Os personagens são sempre os mesmos bichinhos, as mesmas crianças debíloides.

Esse é o panorama de todos os concursos de textos para crianças e jovens. Geralmente no entanto surgem uma ou duas estórias que compensam a busca penosa. Não desta vez.

Mas como é preciso dar um primeiro lugar e no mínimo uma menção honrosa escolho duas estórias que apesar de não serem ótimas destacam-se na mediocridade geral.

Para primeiro lugar aponto "Tião que Morou num Bumbo", de Gê.

Seu tema realista já desperta de início o interesse: enfim alguém fala de um assunto que existe ao nosso lado. A linguagem é viva, coloquial, de hoje. A trama se desenvolve com lógica e os personagens são bem caracterizados apesar de suas pequenas intervenções. O defeito a meu ver é o de embelezar as coisas que não são bonitas. Todo o mundo é tão bom e tão compreensivo. Tudo acaba tão bem.

Apesar disso cria um clima e comove o leitor, o que já é alguma coisa.

Para menção honrosa indico "As Andanças de Nelinha no País de Todo-dia", de Orlando.

Aqui há uma bem dosada mistura de realidade e fantasia. A linguagem viva e coloquial mostra que o autor poderá explorar mais a riqueza de língua em futuros textos.

Os personagens já não são tão bem construídas, os trechos finais se alongam desnecessariamente.

E o que a meu ver é o defeito mais grave é que a liçãozinha até-nas-coisas-de-todo-o-dia-você-pode-ser-criativo está explícita demais.

No entanto o texto tem algumas qualidades sendo talvez a principal delas uma certa originalidade."

## LIVROS

Resenhas



## PROVOCAÇÃO E IDEOLOGIA

A discussão da chamada literatura infanto-juvenil comumente está viciada por bizantinismos que, a meu ver, têm mascarado algumas questões fundamentais suscitadas por esse tipo de texto. Possivelmente, todas as distinções tradicionais tendam a conduzir à mesmice das questões corriqueiras ou mesmo sem resposta. Ora, que o adulto tenha que escrever também para crianças, na tradição da nossa cultura, é um fato praticamente inevitável. Afinal, apesar de Freud, nós ainda costumamos negar o direito da criança à sexualidade, bem como temos padrões de produção textual e “valores” de pedagogia que virtualmente incompatibilizam a publicidade do texto produzido pela própria criança. Nossa “superioridade” culta de adultos constitui o limite admissível para o descentramento virtual que a produção infantil de textos laboraria. Assim, o que poderíamos ter não é um problema de texto apenas, e sim a subversão de todos os mecanismos de circulação e apropriação da mercadoria. Excluído, de momento, isso, convém procurar ler “adequadamente” o que temos. E adequadamente aí significa descartar as perguntas que levem a nada, para formular tantas outras implícitas ou explícitas, que possam questionar de fato a natureza da produção, a função e a repercussão social desses “textos para crianças”.

Tais reflexões iniciais vêm a propósito da leitura que fizemos de alguns títulos da Biblioteca Pioneira de Literatura Infantil e Juvenil — Pinju — da Livraria Pioneira Editora, de S. Paulo, os quais comentaremos a seguir. Entre os volumes propostos, logo fomos atraídos pelo nome do falecido Osman Lins e seu *O Diabo na Noite de Natal*. Conquanto autor traquejado numa obra vasta e variada para adultos (cujo mérito não está em causa aqui, evidentemente), a “experiência” de Osman Lins, neste caso, pareceu-me algo frustrada e frustrante. O volume é belo, encadernado em capa azul dura, letras douradas e ilustrações criativas e sensíveis de Montez Magno. Diria até que as ilustrações prestam grande serviço ao texto, tornando-o realmente mais “digerível” do que ele sozinho o seria. Sua abertura “professoral”, dando avisos e proferindo explicações, é logo compensada por um diálogo ágil que traz para a cena o Capitão Gancho e a Chapeuzinho Vermelho. Daí, Osman Lins procura conciliar a estrutura de um Pastoril nordestino com sua narrativa que inclui personagens tanto da “tradição” da literatura infanto-juvenil como do folclore brasileiro: as duas mencionadas, mais o Amarelinho (do cordel nordestino), o Negrinho do Pastoreio, a Gata Borralheira entre outras, além do Diabo e o Super-homem e algumas criadas pelo autor. Tal mistura, apesar de tudo, não é original o mesmo Monteiro Lobato, entre outros, já havia feito algo assim. Até mesmo o “trabalho” de ridicularizar as “personagens estrangeiras” e mostrar como as nossas são mais efetivas. É um “nacionalismo” boboca, embora bem humorado pois explora com efeitos justos as situações cômicas. O fio narrativo organiza-se em torno da luta do bem contra o mal e o diabo tem que acabar derrotado, até porque a estrutura do Pastoril já o previa. No conjunto, julgo que a frustração advém do fato de que a construção do mágico é excessivamente lógica, de tal sorte que a estória ao duplicar a estrutura do Pastoril também repudica certas constantes da ideologia, na forma de suas manifestações populares, e acaba por referendar essa mesma ideologia, sob sua encarnação populista... Afinal, a “moral” da estória fica como a moral da História: o “Deus menino” é sempre aplicado na defesa dos fracos e dos oprimidos...

Outro título, *A Guerra de Mentirinha*, de Carlos da Cunha, parece-me de feliz concepção e realização. Marcado aqui e ali de um didatismo meio ranzinza: “Seu trono era de ébano, uma madeira escura e muito resistente, que vocês já devem ter ouvido falar”; ou “Légua, vocês sabem, equivale a seis mil metros”. Porém, no conjunto, é uma narrativa que se faz didática, digo melhor, pedagógica por excelência. Está construída de uma tal maneira que o tabuleiro de xadrez é um reino que quer viver em paz, contudo se encontra com dificuldades para conciliar interesses opostos. A conciliação desses interesses se faz pelo estabelecimento de regras de convivência pacífica que nada mais são do que as próprias regras do jogo de xadrez. É um texto de enorme força sociológica, conquanto às vezes um pouco pesado pela pouca ação desen-

cadeada. Ainda assim, importantes momentos de humor e dessacralização que revelam bem certos fundamentos interesseiros da moralidade e da respeitabilidade, enfim das máscaras sociais dos poderosos. Nesse texto, até mesmo a transcrição ou adaptação — sempre oportunas — de itens da “Declaração Universal dos Direitos do Homem” funcionam com naturalidade. E essa harmonização de diversos elementos tem um enorme valor no questionamento do poder, ou do seu exercício, pois entre outros achados, o último capítulo se denomina: “Rei Encurralado: Fim da Guerra — Xequê-Mate!” E, além disso, os mecanismos de acomodação e sobreposição entre as classes sociais, com seus interesses divergentes, estão ali esclarecidos. Apenas me permito discordar da posição excessivamente independente que é atribuída ao Coringa — o intelectual/artista — que funciona como um guia iluminado, quase acima da História e, no final, é pago em dinheiro, para viajar... Concepção ingênua e idealista do intelectual, de evidente herança romântica.

Convém lembrar que as ilustrações do próprio autor captam muito bem o espírito do texto e seu trabalho visual tem quase perfeita adequação com esse espírito. Gostaria apenas de chamar a atenção de Carlos da Cunha para o que eu considero um “deslize”: à página 26/7 aparece uma reflexão do Peão-Branco sobre linguagem, que me parece despropositada, isto é, fora de lugar. O Peão-Branco não poderia fazer aquelas reflexões antes de ter descoberto a “Gramática Simples para Todos”. Certamente ficaria melhor se tal reflexão fosse feita depois que ele tivesse lido a tal “Gramática”. Mas é reconfortante o encontro de um texto como esse, um manual de xadrez com verdadeiro sabor de literatura e aventura.

Outro texto de feliz concepção e realização é o de Maria Heloísa Pentead: *A Menina que o Vento Roubou*. Texto leve e bem escrito, em que o mágico e o lúdico se integram numa harmonização raras vezes conseguida pelos autores de nossa literatura infantil. As aventuras se articulam num mundo liberado, paradisíaco mesmo, onde o “pré-lógico” da mente infantil viaja sem limites através da humanização/animação da natureza toda. Cultura e Natureza formam um todo único e orgânico, imprevisível. Até mesmo a “moralidade” imposta pela estrutura familiar é ostensivamente implodida pelo desprezo de Amélia — a personagem — para com a Madame Coruja e sua família: “Amélia olhou aborrecida as três corujinhas enfileiradas ao lado da mãe. Sim, eram quietinhas, comportadas e... estúpidas”. Como se vê, é um ensinamento precioso de liberação, que se confirma plenamente em todo o texto e, especialmente, no final: o casamento desconvencionado entre o Vento e Amélia, que vira Brisa. Resta-me apenas a dúvida de uma constatação: a mãe Coruja explica a suas bem comportadas corujinhas que a menina fora abandonada pelo Vento e que “Esse é o fim das meninas sem juízo”. Mas o narrador desmente tudo e diz: “Amélia casou-se com o Vento Leste. Depois se transformou em brisa e nunca mais os dois se separaram”. Ora, minha dúvida está mesmo em saber (e não tenho resposta para isso, evidentemente) se esse efeito moralizante, da validação do “casamento para sempre”, não poderia sufocar as belas lições de liberdade que o texto propõe. Essa revivescência romântica impõe, como alternativa para a felicidade a dois, a “regra” que antes fora negada. Conquanto isso me pareça uma concessão, que no resto do texto não existe, posso adiantar que julgo o conjunto muito positivo. Até mesmo as ilustrações da própria autora, de traços leves e ágeis, favorecem a expansão de um sentimento de libertação e assim se integram e harmonizam muito bem com o texto.

O livro de Stella Carr, *O Caso da Estranha Fotografia*, padece das qualidades e deficiências inerentes à estória policial tradicional, semelhante em cara e coração aos aborrecidos enlatados de TV. Na verdade, dentro do que se propõe, Stella Carr foi bem sucedida. Uma estória de ação e suspense, onde algumas “soluções” são forçadas, apesar da opinião contrária dos editores. De um lado, bandidos internacionais (com pequeno auxílio de um ou outro caçara desgarrado...) contrabandeando diamantes do “paradisíaco” litoral Nor-



te de São Paulo; de outro, dois adolescentes de classe média alta (mas interioranos?), desacreditados pela polícia (sempre incompetente...) e mais dois espíões a serviço da ordem, além, é claro, de alguma colaboração da localidade. Os dois heróis, curiosos que só eles e corajosos como poucos, meio sem querer, descobrem e desbaratam a quadrilha "muito bem organizada". O livro deve funcionar como passatempo para certa idade — além de propor-se implicitamente como "arapuca" para criar "gosto pela leitura" por vias transversas — mas funciona também como ideologia. Afinal é cansativo reafirmar que a vitória da lei e da ordem nesse tipo de narrativa procura não questionar sequer as causas (individuais ou sociais) do crime, quanto mais a legitimidade da lei e da ordem e da ação de seus defensores. Quer dizer: estrutura maniqueísta, sem surpresas; os bons são bons porque estão do lado da lei e da ordem e os maus porque as desobedecem. Como ensinamento para a juventude estudiosa do país, isso é maravilhoso... Aliás, o convencionalismo das ilustrações também colabora para o conjunto desse efeito.

Já o trabalho de Gisela Laporta Nicoletis — *A Prefeitura é Nossa* — tem um ângulo positivo quando propõe a tomada do poder — ainda que provisória — pelas crianças e mostra como elas são, às vezes, mais capazes de gerir bem a coisa pública do que os adultos. Se o problema do poder e da administração pudesse ficar na disputa entre faixas etárias, tudo poderia estar quase resolvido. Mas esse texto de Gisela Nicoletis tem especial interesse como índice da repercussão ideológica da própria vida brasileira atual. Primeiramente notamos que as crianças que constituem a nova administração municipal de Rio Doce são todas "proprietárias", isto é, crianças de classe média, filhas de negociantes ou profissionais liberais. Assumido o poder, aparentemente por uma eleição entre não se sabe quantas nem quais crianças (ou fora por nomeação disfarçada?), o novo grupo dirigente decide nos gabinetes ou intragrupo a ação governamental. Será que a "operação estilingue" teria sido do agrado de todas as crianças da cidade? Ou da maioria? Quem tinha certeza sobre a validade ética dessa operação? Seguem-se várias decisões, referendadas pelo narrador, que impõe, portanto, o ponto de vista positivo ou negativo ostensivamente, decisões tomadas no gabinete e sempre com propósitos de alcançar o bem comum. Tudo bem, se o conceito de bem comum não estivesse manipulado de antemão e de cima. Assim, aos governados só resta confiar na ação paternalista e algo autoritária dos governantes. A hipertrofia do Executivo, que governa por suas próprias decisões, esquecido do Legislativo. Executivo decreta e basta. Até mesmo a reportagem da televisão tem algo a ver: não se apresenta na TV o problema para ser discutido, e sim o fato consumado, e naturalmente rodeado de elogios e bajulações. O bem comum salvo mais uma vez... No final, os proprietários, ou, no dizer da autora "pessoas de posses da cidade", tornam-se estranhamente altruístas e fazem "contribuições mais que generosas" para solucionar os problemas da Casa da Criança (orfanato), do Asilo etc., coisa que até então os ricos não faziam e problemas que também, por acaso — apenas isso — não tinham sido solucionados. Parece que fica implícita uma "filosofia", ou no dizer de alguns pedantes, uma mundividência, em que basta alguém com capacidade para deflagrar sentimentos humanitários nos ricos, para que tudo se conserte (e se concerte). Algo meio pra Exército da Salvação, disfarçado, mas dum provincianismo doído, que me perdoe a D. Gisela. E, ao fim e ao cabo, tudo referendado e aprovado como esforço da comunidade. Qualquer coincidência ou semelhança com algo maior do que Rio Doce não será mera coincidência nem mera semelhança. Por sua vez, as ilustrações deste texto são muito ruins: convencionalíssimas e pesadonas, exercem um papel quase negativo no conjunto e diria mesmo que, tais como são, preferível não tê-las. O ilustrador Guido C. Arrighi deixa no seu trabalho um jeitão de principiante, que eu não sei de fato se o é, mas terá que promover uma profunda reestruturação no seu traço e na sua concepção gráfica para criar como profissional. O livro todo tem um certo ar de mal cuidado, pois em-

bora barato (é editado em convênio com o MEC...) não precisaria estar quase "desfeito" à simples manipulação da primeira leitura.

Finalmente, resta o texto de Lúcia Pimentel de Sampaio Góes — *Reinações de Michi e Lucita* — com ilustrações boas e relativamente adequadas ao espírito da obra, de Maria Cecília Gomes dos Reis-Quilha. O "Prefácio", elogioso, mas com certo mal disfarçado constrangimento, de Paulo Gaudêncio, deixa o leitor astuto algo desconfiado. Não creio que a autora seja ingênua ou mal intencionada e por isso não tenha percebido as coisas principais que vou comentar, porque são óbvias quase. É um exagero a primeira página compacta de descrição de Vera Cruz, "uma cidade da Alta Paulista". Mas, não bastasse isso, o ar maternal de professorinha do interior assumido pelo narrador desde o primeiro capítulo faz aborrecer o provável pequeno leitor: "Amigos: quando aparecerem nestas reinações palavras um pouco complicadas, é de propósito. Sabem para quê? Para fazer reinação: ir pé ante pé até onde estão os livros e lá, sem fazer barulho, procurar o sentido delas no dicionário". D. Lúcia não sentiu como é sonora essa montagem: "ir pé ante pé até"? Depois dessa introdução não estranha que encontremos pérolas morais assim: "Quando todos formos bons, obedientes e valentes, ele aparecerá". Ou pérolas gramaticais: "Afinal, o almoço "chega" ao fim, e "podemos" nos encontrar" etc. (as aspas nos verbos são minhas). Mais à frente somos brindados com o seguinte: "Nossa chefe é severa e não abdica facilmente de sua autoridade, nem dos elogios; assim mantém a turminha bem disciplinada". E por aí vai. Os capítulos funcionam como estórias autônomas, o que poderia ser meritório mas no caso não o é, pois as personagens são as mesmas, mas a narrativa é toda estática e desarticulada. Os títulos dos capítulos procuram resumir a ação narrada e com isso fica uma titulação maçuda. Veja como não é má vontade minha: "Travando relações diretas com as abelhas", quando podia chamar-se apenas "As abelhas" ou "Relações diretas", ou sei lá o que menos pesado que o título impresso. Já o "universo ideológico" do texto de Lúcia P. de S. Góes é algo próximo ao de um ranzinza mestre-escola, onde os adultos sempre são bonzinhos, estão certinhos e são tolerantes para com as crianças. Estas (pobrezinhas!...) são as primeiras a reconhecer os limites de suas traquinagens e o merecimento dos castigos. As crianças brincam, por exemplo, num depósito de sacas de café e logo uma delas pensa "Nem sei como ninguém quebra uma perna". Noutro passo, outra diz: "Nós não agüentamos muito tempo de seriedade. Misturamos o segredo com muita brincadeira e algazarra" etc., e só faltava que assim não fosse. Quer dizer, são umas crianças vigiadas estritamente pela ideologia do narrador. Assim, o princípio do respeito incondicional da autoridade e dos adultos percorre o livro de princípio a fim. As crianças são felizes porque o narrador afirma, não, porém, em decorrência do mundo de fato que elas vivem, nem das ações que praticam. São travessuras bem comportadas pela imposição intransigente das regras (cumpridas, diga-se). Nesse caso, o moralismo da classe média é um peso inibidor e opressor; e não só as personagens são de classe média, o narrador, presente demais no texto como adulto, também autoriza sua verdade pela óptica desse contexto de classe. Como era de se esperar de presença tão marcante de classe, o narrador, talvez inconscientemente, promove discriminação contra tudo o que não se pode agregar ao mundo dos seus valores. Basta lembrar a aberração que constitui o fato de as personagens falarem todas certinho, de acordo com as normas cultas de língua, enquanto os criados falam "errado", segundo os padrões da "norma popular":

"Zefa benze-se.

— Parece obra do Coisa Ruim.

— "Deve de tá cheio de morcego e outros mais!"

Também há o fato de a criada ser considerada supersticiosa, porque acredita no "buracão" como obra do diabo. Mas quando as meninas — Michi e Lucita — caem junto com o grande armário e não se machucam, a narradora Lucita diz: "Nossos anjos da guarda foram mais rápidos que o armário. Sabem

que tomar conta da turminha exige estarem sempre alerta". Nesse caso não é superstição? Creio que o mesmo mecanismo discriminador ideológico está aplicado na "reinação" contra o velhinho japonês. Enfim, os exemplos se multiplicariam e não creio valha a pena citar outros. Não quero ser maldoso, mas lembraria que antes de "escrever" livros para crianças é preciso "ler" livros para crianças, e especialmente para adultos.

Para terminar, noto que o conjunto dos seis livros pode ser repartido em dois blocos. Os três primeiros, pela ordem que comentei, são muito superiores, seja no texto, seja nas ilustrações e na apresentação gráfica geral. São textos que com seus prós e contras (uns mais que outros, como vimos) fogem àquela proposta de "realismo imediato", deslocando tempo e espaço para o "reino da fantasia" e por isso mais próximos da liberação do imaginário infanto-juvenil e mais livres das marcas ideológicas do cotidiano da sociedade de classes e da concorrência. Já os três últimos, são textos de tempo e espaço marcados pelo cotidiano imediato, aderidos à mimese de uma reprodução acrítica, que mais do que os outros reduplica a História e a apresenta revalidada e não problematizada, nem pela presença real das personagens que resolvem tudo assim que entram em cena nem mesmo pela ausência que, no mínimo, projetaria a evasão para o que não existe em contraposição ao desagradável do que está aí.

Valentim Fiacili

#### IMPORTANTE PELO AUTOR

O eterno conflito entre a absoluta necessidade que as pessoas têm de agir de maneira racional e o irracionalismo que teima em dominar as ações dessas mesmas pessoas constitui o cerne de quase toda a obra de Paulo Francis, pelo menos do que foi, até agora, apresentado em forma de livro. As primeiras evidências dessa preocupação do autor aparecem já em "Opinião Pessoal" (Civilização Brasileira, 1966), apesar da orientação predominantemente cultural desse livro. Depois, a tendência a dissecar mais amplamente as muitas faces do problema se acentua em "Certezas da Dúvida" (Paz e Terra, 1970), de onde passamos a "Paulo Francis Nu e Cru" (Codecri, 1976), onde o dilema é exposto de uma forma já mais solta, mais categórica e — se quiserem — mais violenta, vindo tudo finalmente desaguar em *Cabeça de Papel*, onde Francis, no seu primeiro trabalho de ficção, parece mais à vontade no exame desse impasse básico da condição humana. Em "Opinião Pessoal", o leitor ficava sabendo que as coisas não iam bem. Agora, em "Cabeça de Papel", tem-se, além da confirmação da posição inicial do autor, a certeza de que, se alguma coisa mudou, não foi para melhor.

O romance descreve as reações, os deslocamentos, as composições e acomodações, etc., provocados pela revolução de 1964, sobre um círculo reduzido da classe alta do Rio de Janeiro: jornalistas com nível de chefia, intelectuais, empresários, parasitas em disponibilidade, gente de sociedade, essa fauna. Desse caldo até certo ponto heterogêneo, Francis decanta o material que utiliza para dois de seus exercícios favoritos: 1) demonstrações de erudição, com as costumeiras e torrenciais citações (Auden, sempre lembrado), além das habituais e laboriosas firulas em inglês; 2) a análise política. Faz parte do livro uma interminável discussão sobre o tema, em que dois dos personagens principais, em meio a doses de uísque, bourbon e cocaína, esgrimem professoralmente com obviedades que, apesar de válidas em outro contexto, não são fáceis de incorporar com naturalidade ao fluxo de uma narrativa de ficção.

"Cabeça de Papel" é um romance "à clef", claro. Francis negou isso (embora não categoricamente) em entrevista a "Veja" (24-8-77) — mas logo o afirmou em artigo para a "Folha de S. Paulo" (1-3-78). Aliás, não é difícil reconhecer personagens: o poeta, o passageiro do fusca que afundou na Lagoa, Fred, etc.). No mais, um pouco de sexo, drogas, dinheiro, mortes violentas,



essas coisas, dão o molho — e isso é compreensível, dada a necessidade de compor a parte realmente ficcional da obra. Todo mundo sabe, lógico, que o eixo Ipanema-Cosme Velho não é o Brasil (nem sequer chega a ser uma fatia representativa), e seria no mínimo cômico que um intelectual como Paulo Francis imaginasse isso. Acontece que ele escreve sobre o que conhece e sobre quem conhece, e isso é tudo. Enfim, é o que está em “Cabeça de Papel”: uma extensa dissertação política que, como todas as outras, leva sempre à conclusão de que o irracionalismo continua a ganhar terreno — e isso há séculos. Até quando, ninguém sabe. É possível que exista um limite, mas nem mesmo isso pode ser afirmado. E só há uma forma de tentar — falei tentar — entender o dilema: a literatura de ficção. Não foi por outro motivo que Paulo Francis aderiu ao romance. Não se trata, aqui, de dizer se “Cabeça de Papel” é bom ou não, isso é tarefa para leitores, críticos e principalmente para o tempo. No entanto, dois pontos são pacíficos: a) o romance é importante; b) e o autor, queiram ou não, também. Que seja, portanto, bem-vindo ao clube. (Civilização Brasileira, 197 pgs.)

Humberto de Oliveira Mariotti

### UM BOM SALDO POSITIVO

Pode-se dizer que *Torpalium* chega ao leitor propondo — ora de forma lucidamente exasperada, ora de forma caótica — um diálogo.

Esse diálogo, que quer a atuação do leitor e a provoca, parte de personagens que representam uma camada social que se espreme sob o tacão das classes dominantes: a favelada, o pequeno comerciante, o vendedor ambulante, a prostituta, e outros.

Em “Casos de Amor (Um Caso Lá)” um vendeiro conta um fato importante (o mais importante, talvez) de sua vida, e o interlocutor não tem nenhuma observação a fazer. Só ao fim é que, sem palavras, ele interrompe a conversa: vai embora.

Em “Feriado Nacional” uma favelada narra o brutal assassinato de seu filho, ocorrido no dia anterior. O possível interlocutor (um repórter? um delegado?) também não intervém.

A rádio América em “Toccata e Fuga” vomita sobre o ouvinte toda sorte de informações inúteis e caóticas a respeito da vida de Bach. Ao final, a linguagem se enovela sobre si mesma, cai em consciente aporia. Não é que o rádio tenha sido desligado: o interlocutor “impossível” agüenta tudo até o fim.

Dentro dessa leitura, os contos de “Torpalium” prestam-se a um jogo atraente e, ao mesmo tempo, sufocante. Para que o exercício desse jogo se efetue é necessário que entre o leitor (a princípio calado como os interlocutores das personagens, posteriormente atento para a compreensão do texto — apto, portanto, para o diálogo) e a obra estabeleça-se um elo. Tal elo deverá ligar o fato narrado em estado muitas vezes “bruto” à apreensão crítica pela consciência e/ou vivência de cada um já que “Torpalium” é — e talvez se proponha a ser — um livro episódico, que recorta do real o que lhe interessa denunciar).

No conto “Um Passinho à Frente, Por Favor” essa tentativa de diálogo se complica: a estrutura dramática cede lugar a um texto (anti) dramático, na medida em que não há uma trama comum aos personagens; estes são marcados apenas pelos bancos que ocupam no ônibus; os diálogos entre quatro deles esboçam-se mas não se completam. A saída (?) encontrada é o humor. Como alguém que nos desarma, no meio de uma conversa, com uma frase de efeito.

Em “Santa Hoerst” é a linguagem que fracassa. Em “Caso de Polícia” o próprio narrador desaparece. Em “Na Esquina da Prefeitura” a prostituta abandona o interlocutor (que pode ser ela mesma) para ir à sua subsistência noturna.



Então, Júlio César Monteiro Martins nos coloca no centro daquilo que pretende denunciar: o vazio da existência humana nos dias que correm.

De um lado, a confidência importante que se quer "comunicar" é interrompida pelo ritmo imposto à nossa (sub) existência ("Casos de Amor — Um Caso Lá", "Na Esquina da Prefeitura") ou pelo "acaso" de um pormenor que nos põe em cheque/choque ("E não tinha ninguém pra ficar perto de mim, só a televisão, que estava tocando uma música barrulhenta, sei lá, que parecia um hino. — "Feriado Nacional").

Do outro lado, a linguagem, que se perde, cai no logro ("Santa Hoerst"), na auto-censura ("Doktor Mac Boris's Experience"), no deboche ("Um Pas-sinho à Frente, Por Favor"), na inutilidade ("Toccata e Fuga").

Quando o relato importante é levado até o fim, temos o conto mais bem realizado do livro. o conto-título. Com efeito, em "Torpalium" o personagem conclui seu relato, que não se quebra por razões a ele exteriores, nem se confundem com o beco sem saída da linguagem. E justamente neste conto é mais forte a sensação do fracasso existencial. Mas para sentirmos essa sensação temos que exercitar o jogo: unir consciência crítica da nossa episódica realidade ao narrado. E na medida em que o narrador, ao término do conto, mira-se orgulhosamente no espelho, torna-se latente, além do espelho, um contexto mais amplo, que ele não compreende. Aqui o relato se completa: "É por isso, rapaz, que eu lhe digo que hoje eu sou um homem realizado". E daí? perguntaria o interlocutor consciente.

Porém, quando o texto se (inter)rompe ou se dificulta, o diálogo tende a fracassar como as personagens, por exemplo. Quando não fracassa, no entanto, "Torpalium" deixa um bom saldo positivo. (Ática, 80 pgs.)

Roberto Bozzetti

#### POUCO MATERIAL TERMINADO

*Qorpo Insano* — uma *Antologia Provisória* é um livrinho experimental de rápida leitura. Traz para o leitor uma panorâmica da literatura amadora, que como já sabemos tem sempre exceções, de textos bons, e excesso, de desafinados.

Este gênero de coletânea não pode ser chamado de boa literatura, o que já era de se esperar. Os jovens escritores que dela tomam parte possuem em geral pouco material terminado. Suas gavetas misteriosas guardavam textos curtos, de algumas idéias, frases de efeito e alguns insights que não foram elaborados ou amadurecidos.

Em todo caso "*Qorpo Insano*" tem a vantagem de ser uma antologia provisória e mista. Sem dúvida encontramos por isso mais colorido e menos sacrifício do que se fôssemos ler as obras completas de qualquer um desses aprendizes.

Para o leitor que aprecia o sabor dos festivais, a típica irregularidade de qualidade que lhe é peculiar faz, porém, de "*Qorpo Insano*" um livro interessante.

Encontramos logo de início o bem humorado contista Fischel Báril, seguido pelo marceneiro-poeta Edson, que eu aconselharia ficar só na marcenaria, seguido pelo amargo e por vezes talentoso Paulo Bentancur.

Assim é que sucedem-se rimas, contos, teatro, das mais diversas tonalidades artísticas. No caminho deparamos Jorge Rein e suas fichas requintadas (dignas de um sofista feroz), encontramos também com o garoto Nestor (cujo sonho é ser "fardão" da A.B.L.) e que surpreendentemente é capaz de uma poesia de encantadora simplicidade.



O final deste insólito espetáculo é "grandioso". Topamos um fragmento de romance do já maduro Moacyr Muniz, que nos golpeia sem piedade com uma trágica opereta. (Emma, 108 pgs.)

Alida Ionescu

### QUANDO O TEMPO É O PRINCIPAL

A preocupação constante de Manoel Lobato nos nove contos que compõem esse seu sexto livro, *Flexa em Repouso*, é o tempo, o movimento. O homem inerme frente à irreversibilidade dos fatos, à incessante transformação das coisas, à incapacidade de se resistir à morte. Manoel Lobato elabora seus contos numa perspectiva filosófica com base nas absurdas teses de Zenão de Eleia (filósofo pré-socrático), que procurou provar a inexistência do movimento. É conhecido seu exemplo da flexa: segundo ele, uma flexa em pleno vôo está em absoluto repouso em cada ponto de seu trajeto. Seria a total imobilidade do objeto. Dessa forma, do primeiro ao último conto, os personagens de Manoel Lobato buscam a permanência na estaticidade, o estancamento do tempo com a finalidade de dimensionar a vida. Conservar-se no já conhecido. Refutar o inóspito. Fugir às investigações e às mudanças. No primeiro conto do livro, "O Excepcional", há um diálogo ilustrador:

"— sou o artista, apenas eu sei o movimento que invento"

"— nada se move"

No segundo conto, "O Pai", um motorista de caminhão prestes à aposentadoria, cai em profunda depressão, ao se preparar para a última viagem, não concebendo a possibilidade de deixar sua confortável solidão de motorista, infundável estrada, deixar seu inseparável companheiro, o caminhão; "— o caminhão sente falta de sua liberdade". O medo de mudar de vida, ficar em casa sem ter o que fazer. Por ser a última viagem, deixa-se acompanhar pelo filho, porém no meio do caminho abandona-o num dormitório, "liga o veículo e parte para sempre; buscar a salvação". No último conto, que dá título ao livro, o personagem em contato com uma namorada da adolescência, agora casada, marca encontro numa igreja para, de lá, irem a um hotel. A mulher não comparece. Ele, enquanto espera assistindo à missa, delira. Ela telefona depois justificando a ausência, tenta marcar novo encontro. Ele vacila, resiste em encontrá-la, pois "— só se morre uma vez e nunca mais". Imagina que possa ser uma cilada, "há fotografos na igreja que poderão comprovar o adultério". Seria muito arriscado. É preferível evitar situações comprometedoras. Assim o personagem "ignora o caminho a seguir" e prefere ficar só em sua lojinha, fechar "os olhos para ver o absurdo; sabe que o movimento não existe".

Segundo Fábio Lucas, prefaciador do livro, "Flexa em Repouso", como a arte, vem a ser um antídoto contra o tempo, a idealização da permanência. Independentemente dos conceitos filosóficos que se queira aplicar para "explicar" esses contos de Manoel Lobato, "Flexa em Repouso" é um livro bem estruturado literariamente e de fácil leitura. Linguagem concisa, sem desperdícios, clara e poeticamente trabalhada. Ilustrado por Laércio D'Angelo, é sem dúvida um bom livro de contos, em que pese a abordagem temática com vistas a contrariar o pensamento hegeliano. Ao contrário de Zenão e de Manoel Lobato, Hegel afirmava que "o repouso é uma abstração". (Ática, 76 pgs.)

Aristides Klafke

### BELOS CAUSOS

Na roda do interior, picando fumo, conversando... E os causos vão surgindo, a tradição oral raccontando episódios e acontecidos, dramas e mistérios.



É a crônica policial do sertão, que Carmo Bernardes transpõe para a literatura em seus contos onde maestria, humor e lirismo sobressaem.

São casos de ficção ou verdadeiros? A pergunta se impõe pelo retrato da vida do sertão que é esse livro. Mas o que importa é que, mesmo observando seus modismos, sua atmosfera frugal, seu mundo pitoresco, o autor tira o caipira de sua condição folclórica e eleva-o à densidade dramática e humana. Não há figuras estereotipadas. Há gente, com sentimentos de medo, violência, vingança, paixão, essa vivência que é também a nossa, urbana. Sentimo-nos nesses compadres, Delmiro, Godenço, Zé Sotero. Suas figuras femininas são estudos de comportamento (na adolescência de Martinha, na paixão de Diolina, na desforra de Sea-Neca). Rodeando suas estórias, os bichos, as plantas, a passarada, seres do sertão manejados com palavras que os põem diante de nossos olhos, gostosos de ouvir e tocar. E, envolvendo tudo, o clima denso de solidão dos campos.

Em "Estória de Pescaria", sua finura poética, nesse impasse entre a vontade do homem e a da natureza, nos faz lembrar Hemingway em "O Velho e o Mar". Em outros contos, na magia de criar vocábulos, Guimarães Rosa. Em todos, Carmo Bernardes segura o fio da meada e nos leva, mata adentro, com seus dramas. Com espanto, estamos na natureza viva. Não há mais a inocência do sertão: um cortejo mistura suas cores vermelhas com a paisagem. E mesmo nos casos mais comuns admiramos seu quase nada poder urdir tanto. E a língua fluindo natural e inventiva, trabalhada com a paciência mestra de um caboclo.

Há o tratamento psicológico das gentes, a psicologia da mata, com suas águas doloridas e pesadas, e a grandeza dos que num meio adverso sobrevivem. Onde chega esse "Aviso de Mãe". Algumas vezes, brilha um sol quente, como em "Alegria de Vaqueiro". Em outras sorrimos com a ironia da "Viúva que guardou o rasto do marido" ou "Fiado só amanhã", ou "Búfalo embrabecido numa caçada de subúrbio". Estamos aí, em suas festas da roça, deliciosas em seus detalhes impressionistas, tratados em pinceladas antológicas em "Último Natal do Cabo Rogaciano" e "Ogilo Riçarrosa".

*Idas e Vindas* das melhores da nossa literatura, hoje.

Carmo Bernardes é conhecido da elite intelectual brasileira, segundo comenta Pedro Nava na apresentação. Agora o autor, em livro de maior tiragem (com belíssimas ilustrações de Poty) alcançará, com sua sensibilidade de regionalista, o grande público brasileiro. (Codecri, 15 pgs.)

Marigê Quirino Marchini

### ENQUANTO HOUVER POLITICOS E DEMAGOGOS

A literatura sob encomenda é um mercado em extinção? Com o livro *O Desafio aos Limites*, Martha Antiero demonstra que, enquanto houver políticos e demagogos, a resposta será negativa. Ela o faz de maneira simples; escrevendo um livro encomendado dentro do seu próprio livro, ela denuncia a utilização da literatura como instrumento político.

O romance, que tem Santa Quitéria como pano de fundo, deixa claro o interesse dos velhos (e moços) políticos mineiros em manipular os veículos de comunicação em proveito próprio. A prova disso é a encomenda feita pelo prefeito dr. Altamiro Bento ao jornalista local, Matogrosso, de um livro que, apesar de todos os disfarces, tinha o propósito fundamental de promover a cidade mineira. Através dele (o livro) Mirinho Bento ridiculariza a oposição, fazendo com que o "escritor" (se é que se pode chamá-lo assim) omita fatos que pudessem abalar a sua posição e não só denuncie, mas ressalte acontecimentos que pudessem prejudicar a oposição.

Com toda essa problemática, que a meu ver constitui o ponto central do livro, Martha Antiero vai desenrolando, através de narração paralela (o

livro encomendado), a história de Santa Quitéria, presente e passado, não se limitando apenas em retratar a cidade, mas colocando e questionando toda a maneira de ser de um povo. E se, por uma lado ela peca pelo excesso de descrições, por outro nos oferece, detalhadamente, uma visão panorâmica do povo mineiro, de suas manias e esquisitices.

Com essa amostra, a autora reflete o estado de espírito de razoável parcela da população brasileira que, sem consciência do nosso atual estado, sonha com um futuro risonho e brilhante, esperando talvez a chegada de algum milagreiro que possa resolver todos os nossos problemas. Essa figura mística toma corpo na pessoa de Mirinho Bento, personagem magnificamente criado pela autora. Dessa forma, os menos dotados de cultura colocam nele todas as suas esperanças e aspirações que são constantemente questionadas, ainda que indiretamente, por Martha Antiero.

Através da sátira, que é uma constante em seu livro, a autora revela a marginalização política de Santa Quitéria, restando aos seus habitantes o saudosismo de uma época onde o jogo e as águas faziam as glórias da cidade. (Civilização Brasileira, 341 pgs.)

Vera Lúcia Rodrigues

### CONTRA QUEM CONSTRANGE E OPRIME

*Macacos me Mordam!* é o novo livro de Wander Piroli, de quem Gilberto Mansur já disse ser lugar-comum reconhecer as qualidades de escritor. O livro narra um curto episódio que acontece no pequeno espaço de dois dias: um menino recebe um macaco trazido pelo tio, chofer de caminhão, e se aflige com a resistência da mãe em tê-lo dentro de casa, agravada ainda mais pelo pavor da empregada, que logo de saída atrai uma mordida do macaco. Tio e sobrinho dão tratos à bola para resolver o problema da melhor forma e terminam por construir uma casa para o macaco, que perde assim a liberdade que confiara espontaneamente ao tio do menino. Mas acontece... bom, deixemos a surpresa ao leitor.

O que faz a excelência do livro? Uma das coisas que primeiro se nota na história de Piroli é a verdade com que é construída. Quando ele descreve uma praça, por exemplo, trata-se verdadeiramente de uma praça, uma dessas pracinhas de interior que todos conhecemos. "Cruzamos a linha de trem de ferro e atravessamos a praça, e a praça estava com seus botequins iluminados e havia um bom movimento de ambos os lados do passeio. Eu já havia passado antes na praça com tio Tonico, neste mesmo horário, e era sempre assim. A gente saiu do bairro dorminhoco e, de repente, encontra uma praça toda enfezada como se fosse dia". Vê-se que a praça está no seu lugar, que não foi chamada para entrar no livro como mero elemento decorativo. E assim todo o resto. Numa pescaria as pessoas não pescam "um peixe" mas um piau, um mandi. O trabalho de construção da casa do macaco é descrito com uma riqueza de pormenor e com um rigor de observação que não se poderia fingir. É preciso ser o escritor que Piroli é para conseguir isso.

Piroli tira suas histórias das coisas mais imediatas, mais terras-a-terra; elas não apenas são brasileiras, mineiras mesmo, como têm nesse jeito brasileiro de ser uma de suas qualidades essenciais. E isso sem chegar ao esquecimento dos "tipos" e das falas insistidamente regionais.

"Macacos me Mordam!", na sua simplicidade, coloca-nos diante de um episódio em que o amor da vida e da liberdade são postos à prova numa situação bastante delicada. Depois de ter construído a casa do macaco, o tio Tonico sente toda a extensão da violência do seu ato no momento em que "Burraxa", "com pés e mãos agarrados na tela, olhava tio Tonico como só uma pessoa desamparada sabe olhar outra pessoa". Como devolver a liberdade ao macaco sem tocar na alegria alvoroçada do menino?



O desfecho nos deixa com uma pulga atrás da orelha.

O livro acaba com uma interrogação ou com um ponto final? A meu ver, com um ponto final. E o ponto final é que todos, como diz tio Tonico, “devemos fazer a nossa parte”, isto é, temos que lutar contra as forças que constroem e oprime. (Comunicação, 38 pgs.)

Luciano Machado

### UM “ALBUM BRANCO” DE QUINTANA?

Associo caras como Mário Quintana aos Beatles. Acostumei a gostar deles de tal forma que não me entra na cabeça que algo que eles façam possa “não ser” bom. Penso nisso enquanto leio *A Vaca e o Hipogrifo*, coletânea mais recente do famoso gaúcho de “Rua dos Cataventos” e “Apontamentos de História Sobrenatural”. A gente poderia até parodiar o clássico comentário de Tony Palmer sobre o “White Album”: “Qualquer que seja a medida do seu gosto da poesia, você o satisfará aqui. Se julga que poesia é J. G. de Araújo Jorge, creia, Mário Quintana foi um pouco mais além — sem sentimentalismos, mas apaixonadamente. Se pensa que a poesia é o modernismo, sabia que ele o aprimorou ainda — nas praias distantes da imaginação, ainda não palmilhadas por outros.”

É, mas a analogia com os quatro pedestres da estrada da abadia não fica nisso. Pois, como eles, Quintana goza de prestígio bastante pra se dar à displicência (ou ao capricho) de enfeixar, entre uma capa branca e uma foto, este apanhado bem heterogêneo da sua produção. Ou seja, aproveitou tudo que tinha à mão. Assim, temos lógica e nonsense, pieguice e sapiência. Temos cardápios, historinhas com começo e fim, contos, continuações, crônicas, confissões, divagações, passarinhos, libelos, manifestos, acalantos... e poemas, pura e simplesmente. Vacas e hipogrifos. Tal como no “Album Branco”. Talvez tenha até uma “Revolution number nine!” Confiram.

Pena que o Quintana não seja tão conhecido como os Beatles. Nem todo artista tem o fã-clube que merece. Ser muito lapidar tem suas conseqüências. Existe o risco de virar poeta de rodapé, desses que salpicam os *digests*. E o público não saca que o cara tem obra completa, com joio e tudo. Joio bom, por sinal. (Garatuja, 132 pgs.)

Glauco Mattoso

### PARA OS QUE TÊM NECESSIDADE DE SONHAR

São 13 histórias sobre os bóias-frias. Um trabalho de corpo inteiro sobre a vida miserável dessa gente, vítima da mais brutal e cínica exploração, seu dia-a-dia tumultuado e desenraizado, seus restos de esperança. Este trabalho — e isto tem de ser logo dito e registrado — foi realizado originariamente como uma série de reportagens para a seção “Cena Brasileira”, do jornal Movimento. Mas, devido a uma censura implacável (de cada cinco reportagens, saía uma, e mutilada), e teimando em não silenciar nem esquecer material tão denso e humano (para não dar esse gosto aos amordaçadores da cultura), Murilo resolveu utilizá-lo como ficção, de que resultaram estes contos. Foram três meses de convivência com bóias-frias, no interior de Minas, São Paulo e Paraná, onde Murilo chegou a trabalhar como apanhador de café.

Foi, portanto, sujando as mãos, suando, que Murilo Carvalho sentiu a tragédia desses milhares de trabalhadores anônimos, recrutados na periferia das cidades, ambulantes, de fazenda em fazenda, de sol a sol, sem direitos, sem voz, “na unha do gato e no cabo da enxada”, anti-heróis do Brasil Grande, o Brasil do falso “milagre”. Tão anônimos que, nestes contos, os homens, as mulheres, os velhos, os meninos, são tratados pelos pronomes “ele”, “ela”,

"eles". Uma humanidade sem rosto, expropriada de seu trabalho, reduzida a escória, uma gente que só aparece no noticiário dos jornais quando comete um crime, e nunca quando é vítima.

São contos que doem. Como expressões mais fortes dessa dor (e pesadelo), os contos "Consolar os aflitos", "Às 10 horas a gente almoça", "Roubar o próximo", e "No cumprimento do dever", uma história que narra o massacre de um casal de bóias-frias, inocente, dormindo abraçado, num barraco, no calado da noite; uma narrativa que se desenvolve num contraponto entre "a caça" (o casal de bóias-frias, e seu sonho) e "os caçadores" (os representantes da repressão e do medo).

Um livro oportuníssimo, vigoroso, este *A Cara Engraçada do Medo*, que só confirma o talento deste escritor que é Murilo Carvalho. Um livro que, a despeito deste tempo de violência e desespero, insiste na necessidade de sonhar. Ou cantar no escuro, como diz o poeta Thiago de Mello. (Hucitec, 115 pgs.)

Valdomiro Santana

### DO LINEAR AO SUBJETIVO FRAGMENTADO

"Não se trata de um iniciante, mas de um afoinado ficcionista, cujo nome repousa na memória dos leitores". É assim que Fábio Lucas nos apresenta este escritor que estreou em 1962 com uma novela ("Travessa do Elefante, s/n") e já conta com oito volumes editados, quatro do gênero romance e, em 1977, uma primeira experiência razoavelmente bem sucedida como contista. Falamos de Hermann José Reipert e de seu livro *Hora Inclinada*.

A temática de Reipert não apresenta vínculo irrestrito com um período histórico. Observamos em *Hora Inclinada* um mundo filtrado de tal forma que o Eterno assume relevância. O drama do Homem, extraído de um contexto particular, como pedra preciosa do leito de um rio, se eleva com magnitude, borbulha, e é interpretado de forma aguda até atingir o patético.

Este universo desconectado se configura mediado por uma narrativa que flutua ora para linear, ora para o subjetivo fragmentado, sendo desencadeado feito colagem, tal qual pintura de introspecção.

Em alguns contos a articulação se conforma obsessivamente ao real psicológico e transparecem dessa postura egótica frases e palavras com sinais de decrepitude, radiografia perfeita da comarca reipertiana.

Na releitura do texto questionamos a posição do crítico porque, ao contrário do leitor descompromissado que recria sensória e esteticamente a imaginação do autor para extrair algumas rápidas conclusões, ele, o crítico, necessita dissecar o texto para transformar o universo, concretizado pelo jogo literário, num discurso que atenda às suas exigências de ordem intelectual. Procedimento compatível como a nossa inveterada racionalidade, reflexo de nossa visão sistêmica do real.

Emerge da ficção de Reipert uma atmosfera que aflige, provoca ansiedades. As criaturas eleitas para povoarem este ambiente amargo padecem por estarem sitiadas num buraco, num porão social de perspectivas extremamente miseráveis. Ouvimos ecoar, deste subterrâneo, lamentos de profunda desolação: "Oh, lugar miudinho, Deus meu!" A erva, o sonho, a bebida, são veículos consagrados para a fuga: "mas não é pela garganta!" — adverte o alcoólatra — "É para sair daqui". E solicitam condescendência: "quem é compreensivo sabe que eu preciso sonhar para sair daqui (...) E, se assim não fosse...".

Por mais cruel que se revele a luta pela sobrevivência essa gente tristemente desgraçada não se preocupa nem com o pão e nem com o patrão nosso de cada dia. São uns visionários buscam na transcendência a um plano supra-biológico a realização de sua existência humana, sempre de forma dramática, cerrada em aguda perplexidade. As necessidades humanas primárias inexistem na Miséria ontológica que o autor perscruta. A posse de um elefante, a viagem

triumfal dentro de um calhambeque, um chapéu, um colete vermelho, são objetivos que permitem aos personagens se sentirem vivos. Porém, os projetos, todos eles, serão reprimidos pela engrenagem.

Abro parêntese para uma observação. O tema da marginalização quando explorado pela indústria cultural, além de atenuado pelo sentimentalismo e pelas estilizações, apresenta as vítimas travestidas em objeto de caça para os heróis típicos, os agentes da Lei e da Norma — detetives, xerifes e dedos-duros. justiça e exercício de taras maniqueístas estarão identificados, expurgando, assim, qualquer conotação social que a “demagógica” palavra poderia evocar.

Se, em *Hora Inclinada*, a consciência da realidade histórica não chega sequer a ser esboçada nem por isso fica sufocado o desabafo dos desajustados: “Polícia. Eu nem sei por que é que existe polícia”; e “meganha é um bicho do demônio”. A repressão gera uma revolta espontânea mas não se define, ainda, como a guardiã dos privilégios, das contradições sociais.

O carinho pelos animais, tendência regular manifestada nos contos, presumo, seria um desejo inconsciente de regressão à essência primordial como se na ausência de necessidades para-instintivas, na ausência de conflito do ser-natural, encontrassem um outro sedativo para os seus suplícios.

Todos os contos estarão desembocando num último, aquele que, além de emprestar título, seria a consumação do próprio livro. Ali, a frustração geral erige um redentor consciente do grande equívoco: “E dizer que antes ‘daquilo’ eu acreditava no mundo, Deus meu!”

Em certos instantes, a personagem tenta assumir a sua humanidade rene-gando a cruz dolorosa: “Não! Não tenho jeito para santo”, pois “a carcaça não deixa”.

A meditação reconduz o mártir a seu trágico destino: “Quantas vezes estranho o meu corpo. Eu não tenho nada a haver com ele”. E a cicatriz deixada pela frustração vai reforçando o inexorável: “diante de uma outra entrega, preferia morrer”. A deliberação desaba, com firmeza: “Sim! Nem que houvesse sobre a Terra uma prostituta sagrada”.

Desconsolado, detesta as “anêmicas criaturas” que se apegam “nas bugigangas que ia(m) deixar pras traças” e que sorvem a vida até a gota derradeira como aquele indivíduo que, à beira da morte, reluta em deixar de existir e berra desesperado: “Me salve, Dorotéia, me salve!”

Enfrenta o absurdo rindo desses “mortos-vivos”; ri da confiança que eles têm por tudo aqui”; ri, porque o fim, ele sabe, “é quem governa tudo”. Conclui, cético e desolado: “A aranha é mais espiritualizada do que um homem”. Existindo num “estar sem estar”, com o seu trabalho que é “nadas vindos de nadas”, livre dos fundamentos teleológicos da civilização, o inseto estaria próximo do divino. Uma “existência”, que, a personagem sabe, não pode fruir, impossível solucionar a sua múltiplice essência. Restaria, portanto, uma única passagem para escapar a esse buraco e retornar ao paraíso perdido. E, sendo assim, ri, baixinho, “de um jeito assim de já estar morto”.

O plano ideal se sobrepõe ao real; a alma, ao corpo; e a morte, à vida: “Pensava até em não sair mais da cama. Ficar ali aguardando”.

Visão trágica, fatal e romântica de realidade num livro bem ilustrado e... com uma diagramação bastante popular! (Atica, 98 pgs.)

Nilson Yamauti

### OPERÁRIO SOFISTICADO

Marginal já deu samba, filme e muita manchete em jornal. Falar de marginais ou dos marginalizados, a bem da verdade, nos últimos anos ficou fora de moda, principalmente quando a ideologia vigente prega a era das comunicações, falta de preconceitos e integração. Mas de uns tempos pra cá apareceu uma “leva” de autores novos, novos autores, malditos e benditos, que estão

voltando a se preocupar com a realidade que a gente vê diariamente pela cara. E nesse clima que aparece o livro *Ciriaco Martins e Outras Histórias*, de Roniwalter Jatobá, que trata do operariado urbano. A observação do autor é sutil e as histórias são oportunas, além disso o autor se considera um ex-operário. A gente só fica encafifado com uma coisa: não precisava ser tão sofisticado. O operariado apresentado pelo Roniwalter passou pelo filtro de uma penca de lingüistas formalistas e estilista. O livro ficou mesmo endereçado para a classe-média curtidora isso porque o dia que o operariado comprar um livro e ler esse tipo de texto, não estaremos mais na fase de democracia relativa ou gradativa. Não quero dizer também que o autor seja um aproveitador e faça populismo sofisticado. Acontece que para esse tipo de literatura não basta só escrever bem, combinar fala e expressões características, costuma-se exigir uma proposta para não ficar naquela do um lápis na mão e uma idéia na cabeça. Aliás a literatura, nesse aspecto, se basta e se fecha em si de tal forma que os personagens de Roniwalter, mesmo extraídos da realidade, ficam todos presos a essa escrita requintada e cerebral. E ler textos com base sociológica evidente, como é a tentativa do autor, só para ver se escreve bem, não dá. Em todo caso, a tentativa é válida e a leitura não fica gratuita. Além disso o material coletado e a preocupação do autor com o operariado não têm sensibilizado os escritores em geral, o que dá um destaque especial para este. (Alfa Omega, 120 pgs.)

Camilo D'Angelo Braz

#### DIFERENTE SIM, PORQUE...

Mais um romance sobre a pobreza do Nordeste. Logo depois das primeiras páginas de *Milagre na Salina*, de Mário Pontes, o leitor pode até se sentir tentado a pensar desta maneira: não faltam camarinhas, padrinhos de fogueira, brigas de faca, chás de capim santo, crendices, tesouros enterrados — isso para não falar no inevitável profeta-milagreiro nem nas romarias de praxe. É também possível o argumento de que depois de José Américo de Almeida, Graciliano, José Lins do Rego, etc., tudo sobre o Nordeste já foi dito; que quem quiser dizer mais só terá pela frente a tarefa estéril de alinhar clichês, ou coisa assim. Concordamos, mas só com a afirmativa de que tudo já foi dito. E não somente a respeito de cidadezinhas paupérrimas da região, mas a respeito de todos os assuntos. O que, evidentemente, não impede que existam maneiras diversas, pessoais, de recontar as mesmas coisas; todo mundo sabe. É a velha questão dos ângulos.

Daí decorre, precisamente, a principal virtude de "Milagre na Salina": o autor, numa linguagem direta e fácil, mas inventiva, escreve sobre mundo que não lhe é estranho, dadas as suas origens, o que por si só já daria validade ao seu exercício literário. Entretanto, mais interessante é a maneira como ele se serve de uma temática reconhecidamente desgastada para, mais do que apenas mostrar uma série de situações banais, transmitir a quem o lê a sua visão de mundo: mordaz, sombria e cética, coisa que não é de surpreender num nordestino. Lembremos um trecho: "É, acho que você tem razão, Deus é grande. E sendo grande, poderoso, um dia Ele vai acabar dando um jeito nessa bagunça toda. Mas é bom esperar sentado, porque Deus não tem pressa". Parece que não é necessário dizer muito mais.

"Milagre na Salina" não deverá se tornar um best-seller; tampouco será transformado em assunto para ensaios herméticos e pseudo-eruditos. Acreditamos que o autor, ao escrevê-lo, não visou nenhum desses dois objetivos, aliás de escassas e discutíveis vantagens para quem, como ele, pessoa afeita ao contacto com a literatura. No entanto, é um livro do qual se pode dizer que preenche adequadamente as finalidades a que se propõe, deixando ainda um

saldo positivo de qualidades formais, que esperamos ver repetidas e desenvolvidas ao longo de novos textos sobre novos temas. (Brasília, 117 pgs.)

Humberto de Oliveira Mariotti

### MESTRE DO ENREDO

Crueldade, aventura e denúncia, normalmente colocadas num tom patético, fazem da literatura de Marcos Rey uma das mais importantes — e modernas do nosso país. É impossível negar o grande talento narrativo desse escritor, que nos coloca cruamente a realidade dos becos da grande cidade e dos bastidores da cultura tupiniquim onde, como em toda selva, prevalece a lei do mais forte — e do mais cínico. Em *O Pêndulo da Noite*, Marcos Rey mais uma vez mostra sua criatividade, fruto de sua aguda percepção e de sua coragem, já que ele não se isenta de toda a baixeza do mundo que procura retratar. Dos seis contos apresentados, pelo menos dois podem ser considerados obras-primas: "Mustang Cor-de-sangue", onde o narrador é um escritor sem escrúpulos que trabalha para um anão de circo que faz fortuna com um programa de televisão, e "O Cão da Meia-noite", uma desesperada confissão de um solitário na grande São Paulo.

São nesses dois contos que Marcos Rey mostra-se um mestre do enredo, capaz de prender a atenção até o fim, qualidade um pouco rara dos nossos escritores nos últimos anos, onde a obsessão de mudar os rumos da narrativa normalmente se transforma em intrincados enigmas literários, difíceis de serem deslindados. Marcos Rey, entretanto, tem outras pretensões: ele usa a narrativa tradicional, mas a seu modo, com personagens surpreendentes e um desencadeamento de situações de horror, de suspense ou simplesmente humorísticas.

Outros dois contos — "O Dicionarista" e "O Bolha" — conseguem manter o bom nível do livro, graças a outra característica importante do texto de Marcos Rey: sua capacidade de fazer caricaturas exemplares, quase perfeitas, de personagens comuns do nosso cotidiano, como Euclides, de "O Bolha", o ingênuo que existe na vida de todos nós. Uma pena que já nesses contos surja um pouco da saturação que Marcos Rey exhibe nos outros dois, "Eu e Meu Fusca" e "Venha, mas Venha com Kelene". Parece que ele se radicaliza demais na caricatura, desta vez não de personagens, mas principalmente de situações, que tendem ao inverossívil — como "Eu e Meu Fusca" — ou à má interpretação de situações históricas reais, como "Venha..." Neste último, o pior do livro, além de fazer uma análise histórica de um momento cultural — o Tropicalismo — completamente equivocada, ele exagera na sua tendência de pintar os personagens sem nenhum caráter, que mais parecem bonecos nas mãos do escritor, sem vida própria e entregues a traições e mesquinharias completamente gratuitas. Isso entretanto, não chega a desmerecer o livro, que vale pelo que Marcos Rey acerta. (Civilização Brasileira. 180 pgs.)

Nei Duclós



## INFORMAÇÃO



— Espalhados em 50 pontos, só na cidade de São Paulo, estão sendo vendidos *livros de qualquer tipo*, independentemente de seu volume, apresentação ou assunto, pela bagatela de Cr\$ 10,00.

Essa novidade começou em 1969 por iniciativa de Thomaz Parrilo que, na época, mexia com distribuição de livros e teve a idéia de fazer girar o encalhe que se acumulava, cada vez mais, nas editoras. No final daquele ano e começo de 1970, a venda chegou aos quatro milhões de exemplares, uma média de 10 mil livros por dia.

Hoje, no Estado de São Paulo, esse mercado livreiro se estende aos municípios de Santo André, São Bernardo, São Caetano, Guarulhos, Osasco, São José do Rio Preto, Ribeirão Preto, Pindamonhangaba, Sorocaba, Taubaté e outros. E ainda a outros estados: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Goiás.

Parrilo mantém em seus depósitos cerca de 200 mil unidades de livros que compra a Cr 3,00 cada e passa aos revendedores a Cr 5,00: o público compra a Cr\$ 10,00 o exemplar. Cada revendedor recebe uma cota máxima de 2.500 livros em consignação, que são controlados através de uma ficha individual contendo o número de livros entregues a cada ponto. (Clarice J. Terman)

— Foram aumentados, através de decreto do ex-governador Aureliano Chaves, os três prêmios literários de Minas Gerais. Eles sofreram aumento de 100%, passando de 50 para 100 mil cruzeiros. O primeiro e segundo lugares do prêmio Diogo de Vasconcelos (história) passaram, respectivamente, de 30 para 50 mil e de 10 para 30 mil cruzeiros. Os outros dois prêmios são o Guimarães Rosa (ficção) e o Emílio Moura (poesia).

— São os seguintes os vencedores do *Concurso de Contos Ignácio de Loyola Brandão*, promovido pela Prefeitura de Araraquara em homenagem ao autor de "Dentes ao Sol": 1.º lugar, Jaime Gotlib (São Paulo); 2.º lugar, Danilo Ferreira Fonseca (São Paulo); 3.º lugar, Júlio Cesar de Jorge; 4.º lugar, Fernando Vaz de Souza (Rio das Pedras, SP); 5.º lugar, Mariângela Tiego Costa (Araraquara); 6.º lugar, Ana Maria Carvalho Silva (Rio de Janeiro); 7.º lugar, Lincoln Jorge Marques (São Carlos) e Áurea Xando Nogueira (São Paulo). Foram 299 concorrentes.

— O Grupo de Arte Movimento e Ação (GAMA) está promovendo um concurso de poemas para autores do país ou do exterior, de qualquer idade e ambos os sexos, na condição de apresentarem o trabalho em português. O *I Prêmio Gama de Poesia — 1977/1978* oferece de 5 a 1 mil cruzeiros às cinco melhores poesias sobre o tema: Um Poema para Nova Friburgo. Haverá uma seleção prévia de 20 trabalhos que serão editados, ficando ao grupo patrocinador os direitos de venda e, ainda, de utilização em suas representações teatrais. Desses 20 selecionados sairão os cinco melhores, depois de apresentados e julgados por uma comissão a ser formada pelo GAMA. Os poemas devem ser no máximo três, datilografados em papel ofício, espaço 2, com 30 linhas por lauda, em um só lado da folha, colocados em envelope lacrado contendo os dados necessários para identificação e, à parte, o pseudônimo do autor. Os interessados devem mandar seus trabalhos para: I Prêmio Gama de Poesia — 1977/1978 — Av. Cons. Julius Arp, 151 — 28600 — Nova Friburgo — RJ.

— *A Gazeta Mercantil*, de São Paulo, está reservando algumas de suas páginas para resenhas críticas de livros dos mais variados. Assuntos principais: política, ficção, poesia, história, geopolítica, artes.

— *O Rio Branco*, jornal editado no Acre, possui um folhetim aberto a escritores e artistas plásticos. No "Contexto Cultural" há resenhas de livros, divulgação de lançamentos e concursos literários, ensaios e poesias. Endereço para correspondência: caixa postal 123 — 69.900, Rio Branco, Acre.

— A Editora Summus de São Paulo lançou um livro póstumo de Osman Lins que reúne três novelas escritas pelo autor para a série "Casos Especiais", da Rede Globo. "Quem era Shirley Temple", "A Ilha do Inferno" e "Marcha Fúnebre" são reproduzidos neste volume em sua versão original, antes da adaptação para a TV. Numa nota introdutória, Osman Lins compara o texto original com a maneira como ele acabou indo para o ar. O livro se chama "Casos Especiais de Osman Lins".

— Depois de uma edição especial de luxo (100 exemplares), somente para bibliófilos, a Editora Fontana resolveu popularizar a edição de *Seis Cantos do Paraíso*, de Dante, com tradução de Haroldo de Campos. A ilustração do livro ficou a cargo de João Câmara.

— Gustavo Barbosa e Carlos Alberto Rabaça são os autores do *Dicionário de Comunicação*, que contém cerca de quatro mil verbetes. O lançamento é da Editora Codecri.

— "Na Boca do Pirulito", de Ivani Calado, e "Promessa do Ditador", de Reinaldo Cabral são os próximos lançamentos da *Editora Opção*, criada por um grupo de poetas no Rio de Janeiro.

— A Civilização Brasileira lança *Doutora Isa*, romance póstumo de Juarez Barroso, escritor e redator do *Jornal do Brasil* que morreu há cerca de dois anos. É a história de Margô, uma prostituta redimida nos sertões do Matias, no interior do Ceará.

— Em dezembro/janeiro vai sair uma revista semestral de letras e artes pelo grupo Há Gente, de Pernambuco. A revista é custeada pelos próprios

participantes, que receberão uma média de 150 revistas, correspondendo a uma cota monetária de Cr\$ 500,00. Quem se interessar deve escrever para Carlos Araújo — R. José de Souza Sobrinho n.º 56-B / 56.100 — Salgueiro - PE.

— “The Sea, The Sea”, de *Iris Murdoch*, é um romance narrado em primeira pessoa que fala sobre um conhecido ator e diretor de teatro que abandona o estrelato e o poder, indo refugiar-se numa casinha no norte da Inglaterra. O livro é lançado pela Chatto & Windus, em Londres.

— Na Alemanha Ocidental foi feita uma pesquisa que mostra, de três anos para cá, um *índice estacionário de leitura* por parte dos jovens do país. Esse fato contrasta sobremaneira com os índices de 1969/1974, quando o interesse dos jovens alemães pelo livro era muito grande. O chefe do governo nessa época era Willy Brandt.

— *Cultura* é a mais nova editora de São Paulo. Ricardo Ramos, escritor e publicitário, Gilberto Mansur, escritor, jornalista e crítico, e Pedro Herz, livreiro, são os diretores, que não pretendem atacar uma área específica, optando pela publicação de livros de qualidade mas vendáveis. A editora, que pretende publicar também contistas inéditos, está criando novos esquemas de promoção, publicidade e distribuição — principal problema na comercialização de livros no Brasil. A Cultura começou lançando “Ópera do Malandro”, de Chico Buarque de Holanda, “Filhos Pródigos”, de Lygia Fagundes Telles (novelas e contos editados em publicações efêmeras e de reduzida tiragem), “Cuba de Fidel”, de Ignácio Loyola Brandão, “Memórias sem Maquilagem”, de Carlos Machado, e “Um Copo de Cólera”, de Raduan Nassar. Iniciando a série de contistas inéditos, lançará um livro de Joana Fomm.

— Os poetas e artistas plásticos têm mais um órgão de divulgação. Saiu em Belo Horizonte a revista *I*, que reúne pessoas “empenhadas na criação e exploração de novas formas poéticas e visuais”. Ela pode ser encontrada na Artelivro, rua Tupis, 29 ou na Caixa de Música, rua Goitacases, 232, Belo Horizonte.

— A Livraria Duas Cidades está editando uma revista de arte e literatura, *Através*, que, segundo José da Santa Cruz, proprietário da Livraria, é dirigida a universitários e intelectuais. Através possui um conselho editorial formado por Bóris Schnaidermam, Décio Pignatari, Leyla Perrone-Moisés e Lucrécia D'Alésio Ferrara. A revista pode ser encontrada na Livraria Duas Cidades, em São Paulo, ou em bancas de jornais.

— O número 10 da revista *José*, provavelmente o último, traz uma homenagem à memória de Otto Maria Carpeaux. A revista, publicada pela Editora Fontana, vinha passando por sérias dificuldades desde seu lançamento há três anos.

— Com o objetivo de “suprir lacuna existente em todo o interior no campo editorial e também oferecer subsídios para que professores e alunos realizem um estudo mais pormenorizado das regiões do sul de Minas e leste paulista”, a Interior Editora, com sede em Mococa, lançou *Antologia: 15 Novos Autores do Interior*. O livro pode ser encontrado inicialmente nas cidades de Mococa, Ribeirão Preto, Casa Branca e São José do Rio Pardo.

— *Texto* é uma nova revista que se destina à publicação de autores novos de todo o país. Os trabalhos devem ser enviados à rua Benjamin Constant, 242, apto. 56, CEP 80.000, Curitiba, Paraná, a cargo de Luiz Edson Fachin.

— Após “Impróprio para Menores de 18 Amores”, com Franklin Jorge, Leila Miccolis lançou *Silêncio Relativo*, livro de poemas que tem capa de Hildebrando de Castro e ilustrações de Rodolfo Capeto. Pedidos à rua Teodoro da Silva, 553/210, Vila Isabel, 20.560, RJ.

— O diretor da revista *Poesia*, *Rubens Hosken*, está participando, com poesias faladas, do Show de Variedades Barbosa Neto, no canal 7, todos os sábados das 2 às 5 da tarde.

— A diretoria da UBE — União Brasileira dos Escritores — levou ao secretário da Cultura, Max Feffer, algumas sugestões para a comemoração do “Ano do Escritor”: exposição de livros sobre a literatura paulista; debate



sobre o escritor e o livro (com a realização de três mesas-redondas); Congresso dos Escritores, debatendo em especial a atividade do escritor dentro do quadro geral da cultura, da atividade editorial e comercial do livro; a instituição de um fundo editorial para a publicação de livros inéditos; uma bibliografia paulista com o cadastramento sistemático das obras literárias paulistas; a edição de uma publicação literária que divulgue as atividades do "Ano do Escritor" e dinamize o concurso "O Intelectual do Ano" realizado pela UBE e a criação de um calendário relacionando mensalmente todas as atividades culturais programadas para o "ano".

— O leitor Cavini Martorano reclama do fechamento de duas livrarias autênticas na cidade de Campinas: a *Nova Teixeira* e a *Falcon*. E reza para que as duas únicas livrarias verdadeiras que restaram para os 700 mil habitantes da cidade não passem, também, como as outras, a vender artigos diversos, colocando balcões à frente das prateleiras.

— *Alejo Carpentier*, escritor cubano e embaixador de Cuba na França, recebeu do rei da Espanha, Juan Carlos, o maior prêmio literário do país, o Miguel de Cervantes, no valor de cinco milhões de pesetas, destinado a autores de língua espanhola. Carpentier, um dos precursores do "boom" da literatura hispano-americana, nasceu em Havana e deixou o curso de arquitetura para se dedicar ao jornalismo. Foi preso em 1927 por atividades políticas e, logo após, embarcou, clandestinamente, para a França, só retornando a Cuba em 1939. Entre suas obras destacam-se "El Reino de Este Mundo" (1949); "Guerra del Tiempo" (1958); "El Siglo de la Luces" (1926); "El Recurso del Método" (1964); e "Concierto Barroco" (1974).

— Três livros de *Osman Lins* estão sendo lançados no exterior: "A Rainha dos Cárceres da Grécia" está para sair na França pela Gallimard e também na Espanha, com tradução de Mario Merlino, pela editora Afaguara. Nos Estados Unidos, a Editora Knopf vai lançar "Avalovara", com iradução de Gregory Rabassa, o conhecido tradutor de Cortázar e García Márquez. "Nove, Novena" foi editado na Alemanha pela Suhrkamp, com o título de um dos contos: "Verlorenes und Gefundenes" ("Perdidos e Achados").

— O professor Antoine Naaman convida os intelectuais brasileiros que escrevam em francês para colaborar na revista *Écriture*. O endereço é Éditions Naaman, C.P. 697, Sherbooke, Quebec, J1H 5k5, Canadá. Além da colaboração na revista, o editor estudará a possibilidade de lançamento de obras literárias naquele país (*Geraldo Sobral*)

— O romancista Antônio Olinto é, em Londres, diretor de uma editora cujo objetivo é divulgar autores brasileiros no mercado inglês. O primeiro livro com o selo da *Sel Press* é "The Christ's Memorial", versão de "Eu Venho", de Dinah Silveira de Queiroz. Foram lançados também "The Patriot" ("O Triste Fim de Policarpo Quaresma"), de Lima Barreto "The Werewolf & Other Stories" ("O Lobisomem e Outras Histórias"), de Herberto Sales, e "Story of Oxalá" ("A História de Oxalá ou A Festa do Bonfim"), de Zora A. O. Seljan. Estão saindo agora, entre outros, "Athenaeum" ("O Ateneu"), de Raul Pompéia; "The Boarding House" ("Casa de Pensão"), de Aluísio Azevedo; "The Colonel & The Werewolf" ("O Coronel e o Lobisomem"), de José Cândido de Carvalho, e uma coletânea de poemas de Jorge de Lima. A distribuição dos livros está a cargo da Livraria Foyles.

— O escritor *José Afrânio Moreria Duarte* está colaborando com o suplemento literário *La Prensa Literaria* do jornal *La Prensa*, de Manágua. Seus poemas foram também traduzidos para o italiano, por Mercedes la Valle, para o "Giornale dei Poeti".

— Ernest Barge, nascido em Filadélfia e hoje professor de engenharia eletrônica da Coppe e da UFRJ, mantém o estranho hábito de traduzir os versos da nossa literatura de *cordel* para o inglês. Conseguiu a impressão do livro, de 161 páginas, no Japão e hoje ele é distribuído nos Estados Unidos. Barge traduziu, ainda, para o inglês, o "I Juca Pirama", poema de Gonçalves Dias.



— *Nélida Piñon* foi convidada a participar do 43.º Congresso Internacional do Pen Club com "O Escritor e o seu Próprio Mito". Após o congresso participou do encontro entre autores latino-americanos e dinamarques patrocinado pelo Pen Club da Dinamarca. Do encontro participaram, entre outros, Ariel Dorfman, Alejo Carpentier, Ernesto Cardenal, Carlos Fuentes, Eduardo Galeano, Mario Vargas Llosa, García Márquez, Haroldo Conti, Renato Tapajós, Augusto Rosa Bastos e Miguel Otero Silva.

— A Editora Sudamericana, de Buenos Aires, editou, durante a IV Feira Internacional do Livro, uma antologia reunindo 15 contistas brasileiros: Antônio Torres, Luiz Vilela, Nélida Piñon, Rubem Fonseca, Juarez Barroso, Dalton Trevisan, Otto Lara Resende, João Antônio, Carlos Drummond de Andrade, Lygia Fagundes Telles, João Guimarães Rosa, Roberto Reis, Vítor Giudice, Clarice Lispector e José J. Veiga. O livro, *Quince Cuentistas Brasileiros de Hoy*, procura dar uma visão atual do conto no Brasil e abrir caminho para nossos autores na própria América Latina. "Quince Cuentistas Brasileños" foi co-editado pelo Setor Cultural e de Difusão da Embaixada do Brasil na Argentina.

— Lygia Fagundes Telles teve seu romance *As Meninas* traduzido para o espanhol numa edição da Sudamericana de Buenos Aires. Sobre o livro, o crítico literário do jornal *Claim* afirmou que "Lygia, que como narradora é uma digna representante do realismo mágico, conseguiu dar-nos em seu livro uma imagem de juventude em conflito, até agora desconhecida na literatura brasileira".

— *A Festa*, livro de Ivan Ângelo, foi lançado pelas editoras Pilguin Press, nos EUA, e Flammarion, na França. A edição americana saiu em outubro com 10.000 exemplares e tradução feita por Thomas Colchie, a francesa foi de 5.000 exemplares.

— O Dr. Sunday O. Anozie, diretor de *Conch Magazine* Ltda. (102 Normal Avenue, Symphony Circle, Buffalo, New York 14213, EUA) convida estudiosos brasileiros, em particular scholars, para submeter seus ensaios sobre a África e a América Latina e/ou sua inter-relação cultural, antropológica, social, etc., publicados ou inéditos, ainda que escritos em português, para fins de publicação na nova série inaugurada pela editora. Além de editar a revista *Conch Magazine*, a editora tem lançado numerosos títulos na sua especialidade, que é a África, negra ou não. (*Geraldo Sobral*).

— *Sargento Getúlio*, de João Ubaldo Ribeiro, foi publicado nos EUA pela editora Houghton Mifflin, de Boston. O livro foi traduzido pelo próprio autor e o prefácio escrito por Jorge Amado.

— Barbara Probst, especialista em literatura latino-americana, está fazendo um resumo do livro de João Ubaldo, juntamente com "Captain Pantoja and The Special Service", de Mario Vargas Llosa, para *The New York Times Book Review*.

— O escritor *Edilberto Coutinho* é o representante do Brasil no *International Writing Program* deste ano, nos Estados Unidos. Este encontro para escritores estrangeiros, promovido todos os anos pelo Departamento de Letras da Universidade de Iowa, reúne poetas e ficcionistas do mundo inteiro que, durante um semestre acadêmico, se dedicam a escrever novos livros, trabalhar em traduções, realizar palestras e participar de seminários com estudantes, professores e escritores norte-americanos. Edilberto Coutinho, que já teve alguns de seus contos traduzidos para o inglês, assistiu em outubro, na Califórnia, ao lançamento de uma antologia dedicada à nova ficção curta na América Latina, que contém um conto seu, tirado de "Um Negro Vai à Forra". Em seguida ao programa de Iowa, o contista Edilberto Coutinho, fará palestras sobre a situação do escritor e do livro no Brasil, a convite de outras universidades, entre as quais a da Califórnia, em Fullerton, a convite da professora Nancy T. Baden, e a do Arizona, em Tucson, a convite da professora Nivea P. Parsons.

— Edilberto Coutinho fez a apresentação, organização e notas da antologia "*O Erotismo no Romance Brasileiro (Ans 30 a 60)*". A obra, segundo Edilberto, contém trechos fundamentalmente eróticos de 19 autores: Adonias Filho, Agui-



naldo Silva, Carlos Heitor Cony, Carmen da Silva, Dinah Silveira de Queiroz, Érico Veríssimo, Fernando Sabino, Gastão de Holanda, Gilberto Freyre, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Jorge Amado, José Condé, José Geraldo Vieira, José Lins do Rego, Lúcio Cardoso, Lygia Fagundes Telles, Marques Rebelo e Octávio de Faria.

— O assassinato, a 10 de janeiro de Pedro Joaquim Chamorro — editor do jornal nicaraguense “La Prensa” e o mais ferrenho inimigo da ditadura que se estende por mais de quatro décadas no país — abalou o mundo. Pistoleiros de aluguel, provavelmente vinculados à própria família Somoza, tiraram a vida daquele que durante anos combateu e denunciou a corrupção e os abusos dos Somoza. Terminava assim a vida de um incansável defensor da liberdade de expressão e fecundo intelectual, que três meses antes recebera o Prêmio Cabot de Jornalismo da Universidade de Columbia. Em sua última batalha (1974/77) com a censura à imprensa, Chamorro dirigia seu gênio intelectual para outra forma de expressão, a ficção literária. *Jesus Marchena* e *Richter 7*, publicados pelas Ediciones El Paz y Sepriente de Manágua, são dois “pequenos romances enraizados na história, no folclore e na experiência sociopolítica da Nicarágua”, como afirmam Graftom J. Conliffe e Thomas W. Walker em seu artigo para *The Latin American Research Review*, posteriormente publicado no Suplemento do Livro do Jornal do Brasil, de 25/2/78. “Jesus Marchena” desenrola-se na província de Rivas e o protagonista que dá o título ao livro é um camponês que entra em conflito com a ordem e acaba indo para Costa Rica à procura de emprego numa plantação de bananas. Em torno de Jesus, gravitam outros camponeses que contam histórias pessoais ou alheias sobre a vida nas províncias. “Richter 7 trata da tragédia de dezembro de 72, quando um violento terremoto atingiu duramente Manágua, a capital do país. Chamorro, aqui, não se preocupa com o detalhamento de cenas da destruição e sim das implicações da reconstrução da cidade nos seus antigos arredores, que segundo Conliffe e Walker serviram para acelerar a “plastificação e americanização da cidade”, com a conseqüente perda de identidade do povo nicaraguense.

#### *Imprensa Nânica*

— A revista *Capa* é mais uma publicação marginal de São Paulo que se coloca como veículo da produção de nossos humoristas e cartunistas. No primeiro número apresenta 11 desenhistas, além de Claudius, com seus “quadrinhos da Guiné”, e uma entrevista com Chico Caruso. Endereço: D.A. da Arqui. Mack — Revista Capa — rua Itambé, 45 — São Paulo - SP - 01239.

— O centro Cultural Espande, de São Paulo, está editando um jornal de arte, vida e cultura, *A Praça*, com tiragem de sete mil exemplares, quatro mil para assinantes e o resto distribuído gratuitamente em museus, faculdades e escolas e galerias de arte.

— O CEEA — Centro de Estudos Afro-Asiáticos — está ampliando a divulgação de seu trabalho com uma revista aberta a todos os interessados nas realidades africana e asiática nas relações afro-brasileiras. O número um de *Cadernos Cândido Mendes* contém: “África do Sul — “Distensão Branca” e “Libertação Nacional”, de A. Mangunte Lukele, “Cultura Afro-Brasileira na Costa Ocidental da África — Um Perfil”, de J. Michael Turner, “As Raízes do Apartheid”, de José Maria Nunes Pereira, “Literatura Africana de Expressão Portuguesa”, “Mensagem e Reafricanização”, de João Carneiro, “Antropologia e Colonização da África”, de Kabengele Munanga, “Documento: A Educação na Guiné-Bissau”. Pedidos ao Conjunto Universitário Cândido Mendes — Centro de Estudos Afro-Asiáticos — CEEA — rua Visconde de Pirajá, 351, 7.º and. — RJ. Preço: Cr\$ 70,00; assinatura: Cr\$ 210,00.

— *Cirandinha*, editada no Piauí, pretendia só divulgar poesia. Agora, a revista é semestral. Traz contos, folclore, cartuns, crítica, informações literárias e poesia, à qual ela dá “prevalência, mas não exclusividade”.



— Editado em Natal, *Maturi* é um folheto de quadrinhos com publicação esporádica e número de páginas variado. Colaborações e assinaturas com J. Medeiros, à rua Artur Bernardes, 761 — Alecrim — Natal — 59.000. O preço da assinatura é Cr\$ 20,00 ou Cr\$ 2,00 mais os selos por exemplar.

— As Edições Corisco lançaram, pela série Humor, um *caderno de charges* de Albert Piauí, cognome de Albert Nunes de Carvalho. O endereço das Edições Corisco é rua 13 de Maio, 357 — Norte — 64.000 — Teresina — Piauí.

— O *Suplemento da Tribuna de Imprensa* sai aos sábados e traz depoimentos, poesias, contos, entrevistas com escritores e ensaios.

— O D.A. da FEI (Faculdade de Engenharia Industrial, São Paulo), edita um jornal para divulgação interna e distribuição gratuita entre seus alunos. O *Dinamo* além de divulgar o que acontece dentro da escola, efetiva o debate das idéias e assuntos levantados pelos alunos.

— Os alunos do Colégio Rio de Janeiro, de Ipanema, fazem o jornal *Lúmen*, cujo responsável é o Mário Alves. Eles falam de teatro, literatura, cinema, música e esportes, além de divulgar o que acontece na escola.

— O *Jornal de Ipanema* é um semanário que fala de moda, literatura, culinária, música, artes plásticas, etc. O jornal é editado pela Grafe & Propaganda Ltda. Redação e administração à rua Dezenove de Fevereiro, 65 — Botafogo - RJ — telefone: 286-5099.

— *Argumento* é uma publicação de cultura e informação da UPES — União Paranaense de Estudantes. É ainda o órgão de divulgação do Movimento de Iniciação Literária — M.I.L. e da AJC — Associação Juvenil de Cultura. Com tiragem de 10 mil exemplares distribuídos gratuitamente aos estudantes de 1.º e 2.º graus do Estado do Paraná, o jornal se propõe a lutar em prol dos direitos e interesses estudantis, “contra a alienação e contra a desinformação”.

— Darío Canton é o diretor de *Asemal*, revista de poesia editada em Buenos Aires que tem como objetivo “mostrar de forma clara como trabalham escritores e críticos”. Segundo Darío, colaborações e comentários serão sempre bem-vindos. O endereço é: Darío Canton — C.C. 5209 — Correo Central — 1000 — Buenos Aires — Argentina.

— *Há Gente*, uma publicação do grupo Há Gente, apresenta contos, poemas e uma entrevista com o escritor argentino Darío Canton. Pedidos e colaborações para rua Visconde de Santa Isabel 161 — Vila Isabel - RJ.

— *Nova Geração* é um jornal editado pela Editora Grafo-Set Ltda., de Toledo, Paraná, que traz música, crônicas, depoimentos, entrevistas e muita literatura, inclusive com uma seção só de poesias.



## REEMBOLSO POSTAL

Experimente nosso serviço de reembolso. Não somos perfeitos mas temos condições de atender a quase todos os pedidos que você fizer.

### Sugestões:

- 1 — **Feira Brasileira de Opinião** — Carlos Henrique Escobar / Carlos Queiroz Telles / Dias Gomes / Gianfrancesco Guarnieri / João das Neves / Jorge Andrade / Lauro César Muniz / Lellah Assunção / Márcio Souza / Maria Adelaide Amaral — Cr\$ 120,00
- 2 — **A Unidade Operária Contra o Fascismo** — Dimitrov — Cr\$ 60,00
- 3 — **Cuba de Fidel** — Ignácio de Loyola Brandão — Cr\$ 80,00
- 4 — **Escritos sobre Sindicato** — Leon Trotsky — Cr\$ 70,00
- 5 — **O Conto da Mulher Brasileira** — Edla van Steen, Lygia Fagundes Telles, Nélida Piñon, Hilda Hilst e outras — Cr\$ 120,00
- 6 — **Mulheres da Vida** — Norma Bengell, Socorro Trindade, Ana Maria P.F. de Castro, Lella Miccolis e outras — Cr\$ 70,00
- 7 — **O Ponto** — Cica e Zélio — Cr\$ 45,00
- 8 — **Angústia e Conhecimento** — Samuel Rawet — Cr\$ 35,00
- 9 — **O Tarô** — Alberto Consté — Cr\$ 170,00
- 10 — **A Greve** — Eduardo Maffei — Cr\$ 100,00
- 11 — **Esquerdismo, Doença Infantil do Comunismo** — Lenin — Cr\$ 70,00
- 12 — **As Três Fontes do Marxismo** — Lenin — Cr\$ 50,00
- 13 — **Vida de um Revolucionário** — Agildo Barata — Cr\$ 185,00
- 14 — **A Natureza da Agressividade Humana** — Ashley Montagu — Cr\$ 150,00
- 15 — **Filosofia de Mao Tse Tung** — Cr\$ 60,00
- 16 — **Memórias do Exílio** — coord. Pedro Celso Uchôa Cavalcante e Jovellino Ramos — Cr\$ 90,00
- 17 — **Materialismo Dialético e Materialismo Histórico** — Stalin — Cr\$ 40,00
- 18 — **1964 — Golpe ou Contragolpe?** — Hélio Silva — Cr\$ 250,00
- 19 — **Encontros com a Civilização Brasileira** — Cr\$ 50,00 cada número
- 20 — **Permissivo Amor** — J. B. Sayeg — Cr\$ 40,00
- 21 — **Sugar Blues** — William Dufty — Cr\$ 95,00
- 22 — **O Jogo do Contrário** — Jandira Mansur — Cr\$ 25,00
- 23 — **A Curiosidade Premiada** — Fernanda Lopes de Almeida — Cr\$ 25,00
- 24 — **Singular e Plural (revista)** — Cr\$ 35,00
- 25 — **Los Comicos de Mao** — G. Nebillo, J. Chesneaux, U. Eco — Cr\$ 460,00
- 26 — **Sobre Literatura e Arte** — Marx e Engels — Cr\$ 170,00
- 27 — **Sobre o Conceito de Consciência de Classe** — Georg Luckacs e Adam Schff — Cr\$ 45,00
- 28 — **Casamento Indissolúvel ou Relação Sexual Duradoura?** — Wilhelm Reich e Claude Alizon — Cr\$ 120,00
- 29 — **O Que é o Consciência de Classe?** — Wilhelm Reich — Cr\$ 45,00
- 30 — **A Crise da Social-Democracia** — Rosa de Luxemburgo — Cr\$ 75,00
- 31 — **Os Subterrâneos da Liberdade (três volumes)** — Jorge Amado — Cr\$ 285,00
- 32 — **O Capital (seis volumes)** — Marx e Engels — Cr\$ 1.200,00
- 33 — **O Manifesto** — Marx e Engels — Cr\$ 90,00
- 34 — **A Dialética da Natureza** — Marx e Engels — Cr\$ 130,00
- 35 — **As Classes Sociais no Capitalismo de Hoje** — N. Poulantzas — Cr\$ 150,00
- 36 — **A Crise das Ditaduras** — N. Poulantzas — Cr\$ 80,00
- 37 — **Poder Político e Classes Sociais** — N. Poulantzas — Cr\$ 145,00
- 38 — **O Estado em Crise** — N. Poulantzas — Cr\$ 160,00
- 39 — **Lições sobre o Fascismo** — P. Togliatti — Cr\$ 90,00
- 40 — **Que Fazer?** — Lenin — Cr\$ 100,00
- 41 — **Escritos Políticos** — Lenin — Cr\$ 78,00
- 42 — **Materialismo e Empirocriticismo** — Lenin — Cr\$ 195,00
- 43 — **O Estado e a Revolução** — Lenin — Cr\$ 70,00
- 44 — **O Problema Agrário** — Lenin — Cr\$ 78,00
- 45 — **Rua dos Artistas e Arredores** — Aldir Blanc — Cr\$ 96,00
- 46 — **Teatro de Gianfrancesco Guarnieri (Eles não Usam Black Tie e Gímbo)** — Cr\$ 150,00
- 47 — **O Intelectual Brasileiro — Dogmatismos e Outras Confusões** — J. Teixeira Coelho Neto — Cr\$ 65,00
- 48 — **Um Rubi no Umbigo** — Ferreira Gullar — Cr\$ 80,00
- 49 — **Sociedades Camponesas** — Henry Mendras — Cr\$ 120,00
- 50 — **O Fim dos Ricos** — Alfred Sanny — Cr\$ 120,00

Preencha o quadro colocando:

N.º dos títulos a serem adquiridos:

Nome:

Endereço:

CEP:

Cidade:

Sigla do Estado

Remeta para a Livraria Escrita

Rua Dr. Homem de Mello, 446

Fone: 864-0074

05007 - São Paulo (SP)

Um lançamento da Vertente

# O Louco do Cati

Vertente

2<sup>a</sup>  
Edição

Dyonélio  
Machado

